

WLADIMIR OLIVIER

PERSONALIDADES ESPIRITUAIS

GRUPO DOS ASPIRANTES DO EVANGELHO

Caso se medite com cuidado sobre todos os exemplos que citamos, se acharão nas palavras, mesmo dos Espíritos muito inferiores, os importantes temas de instrução, porque nos iniciam nos detalhes mais íntimos da vida espiritual. O homem superficial verá nesses exemplos somente relatos mais ou menos pitorescos, porém, o homem sério e reflexivo aí encontrará uma generosa fonte de estudos.

Kardec, comentando as mensagens insertas em *O Céu e o Inferno*.

ÍNDICE

Nota explicativa	
1. Carvão mineral	
2. Rebeldia castigada	
3. Desonra e responsabilidade	
4. Arrivista inconformado	
5. Pequenas perversidades	
6. Dor inconsolável	
7. Mais de mil vezes	
8. Conflitos íntimos	
9. Perigosas atitudes	
10. Perspectivas de amor	
11. Pânico no etéreo	
12. Fogo na selva	
13. Funesto pressentimento	
14. Luzes do Alto	
15. Recursos evangélicos	
16. Deliberações inadequadas	
17. Rumores de rua	
18. Desnortado	
19. Tentativas frustradas	
20. Queridíssimos amigos	
21. Devagar se vai ao longe	
22. Filho único	
23. Falências	
24. Negativismo abstruso	
25. Atribuições	
26. Bisbilhotice castigada	
27. Liberdade condicional	
28. Mágoas de solteirão	
29. Regimes inúteis	
30. O quarto mandamento	
31. Jardim de maravilhas	
32. Página em branco	
33. Rumo desconhecido	
34. Difícil escolha	
35. Discussões infrutíferas	
36. Carregando nas cores	
37. Excelência e primor	
38. Obesidade incômoda	
39. Desejos de melhoria	
40. Felicidade, enfim!	

- 41. Tesouros no Céu
- 42. Em cima da hora
- 43. Incapacidade de escrever
- 44. Roteiros de amor
- Prece de despedida

NOTA EXPLICATIVA

O espírito humano almeja deparar-se sempre com novidades, mesmo quando o desconhecido seja de temer, pelo impositivo de determinadas normas. Se viéssemos trazer palavras novas, não consignadas nos *Evangelhos* ou nas obras da codificação espírita, como seríamos recebidos ao afirmarmos-nos alunos da *Escolinha de Evangelização*, tendo por orientador o Professor Homero? Certamente, daríamos ensejo a desconfianças, e com toda a razão.

Assim, vamos, simplesmente, declarar-nos novatos nas aulas de socorrismo evangélico, conquanto todos os do grupo tenham experiências mais ou menos importantes, na assistência moral de familiares ou de companheiros imersos na tristeza da ignorância existencial relativa às leis do progresso, da reencarnação e de causa e efeito.

Não há que afirmar nada no campo da capacidade redacional e estilística, pois o desenvolvimento dos trabalhos irá comprovando o quanto estamos metidos em analisar os termos e as frases, para melhor contextura das mensagens, sempre no intuito de fazê-las próximas do nível de aspiração do leitor espírita. Daqui nos chamarmos de *Grupo dos Aspirantes do Evangelho*, uma vez que buscamos tornar o mais claro possível que os homens necessitam da doutrina espírita, para retorno lúcido ao campo etérico.

As quarenta figuras reunidas retomam as declarações particulares, pondo o mentor à vontade para as críticas justas e oportunas, abrindo-se-lhe as portas para a verdade, sem temores vãos, sem susceptibilidades retrógradas, sem pensamentos incongruentes com o alto teor moral dos mestres. O que desejamos é melhorar, é progredir, é desbastar os defeitos morais e intelectuais, não nos importando cair de chofre dentro de nossas personalidades disformes e imperfeitas. Muito menos, há de nos preocupar a opinião de quem quer que seja, principalmente por estarmos tentando realizar a programação estabelecida especialmente para nós.

Cabe observar que não menosprezamos o poder de perturbação dos invejosos, dos ignorantes, dos que vagam pelos espaços sem aspirações evangélicas. Sendo assim, ressaltamos como imprescindíveis as orações que a benignidade dos leitores houver por bem destinar para os que se comunicarem.

Finalmente, é com justificado orgulho que nos colocamos à mercê do mestre, pois esse é um dos sentimentos mais entranhados na maioria e sobre o qual iremos trabalhar até a extinção. Daqui ser este curso meramente preparatório para extensa programação ulterior, que incluirá, por força das contingências do caráter, dolorosas e frutíferas reencarnações.

Agradecemos de antemão as leituras interessadas e prometemos dar o que de melhor tivermos, para facilitar o entranhar psíquico dos amigos, segundo a temática a ser exposta e examinada.

Que o Pai nos abençoe e nos proteja!

As comunicações foram transmitidas de 18.02 a 25.04.94, tendo sido mantida a ordem cronológica.

1

CARVÃO MINERAL

Ao homem rude, se lhe dissermos que o carvão mineral está muito próximo do diamante, talvez lhe provoquemos o riso. Ao homem culto, tal referência peca por imprecisão científica, havendo de requerer-nos especificidades para a caracterização exata dos termos em que estamos colocando a aproximação mineral.

Tudo na vida, portanto, parte de referencial humano, segundo padrões ou estruturas mentais fundamentados no conhecimento adquirido pela experiência e pelo estudo.

Quando transferimos tais elementos para o campo dos eventos espirituais ou, mais propriamente, espíritos, consoante as informações que se captam através da mediunidade, vamos encontrar os mesmos tipos de reações, podendo ocorrer que os mais cultos é que sorriam. Aqui, precisamos redefinir os termos, pois, provavelmente, estarão a desconfiar de que os mais cultos não serão, para tais temas, os mesmos que requisitaram maiores informações relativas ao carvão e ao diamante.

Há que, pois, experimentar e examinar os dados fornecidos pela doutrina espírita, para se firmarem as concepções pessoais em torno dos ideais evangélicos, caso tenhamos a noção de que a existência se estenda para além dos invólucros carnis, no sentido da continuidade do ser em dimensão outra, mais etérea, mais conforme à ideia que se possa fazer do Criador.

Ao se levantarem os argumentos para a defesa desta tese, evidenciar-se-á que nem tudo estará sob domínio intelectual perfeito, segundo as diretrizes do conhecimento da matéria estabelecidas pelas ciências. Muitas comunicações dos irmãos melhor categorizados na escala espiritual necessitam de compreensão silogística, dado que os ingredientes primários para a formulação dos princípios que estamos aventando não estão disponíveis para os sentidos consignados no corpo humano.

Aliás, não há que ir tão longe para tal afirmação, uma vez que os conhecimentos humanos se têm encaminhado para áreas em que a instrumentação se torna impotente, não havendo possibilidade de quantificação ou de mensuração nos campos do infinitamente pequeno e grande, ou seja, no micro e no macrocosmo. Avultam, portanto, os sistemas lógicos consistentes nas deduções e induções, para a confirmação das intuições, a par dos critérios da matemática pura.

Que fazer, quando se reconhece que, no campo material, são as intuições que andam na frente? Generalizar o pensamento, estendendo-o efetivamente para o plano da espiritualidade passível de tangência pela mediunidade.

Neste primeiro texto, vamos caracterizando a necessidade, a premência e a importância da passagem das meras credências e suposições, a partir de elementos extraídos do campo da imaginação e da superstição (diríamos melhor, da fantasia), para a consagração das realidades espirituais, segundo critérios de harmonia, de verdade e de lógica. É trabalho de reelaboração da codificação kardequiana, que se deve levar a efeito com base nos argumentos que estiverem ao alcance de nossa inteligência.

Não há que concluir que estejamos depreciando o trabalho do sábio francês. Ao contrário, queremos que se chegue às conclusões registradas nos diversos livros, mas por caminhos próprios, segundo reestruturações ideológicas baseadas no espírito do homem moderno, a partir das experiências do dia a dia, durante a luta pela preservação do direito à vida.

Que existe o carvão mineral e que existe também o diamante, pelas informações passadas nestes últimos cento e cinquenta anos, não padecerá dúvida. O expurgo da canga é que aproximará os fenômenos, na caracterização de que todas as mensagens poderão ser aproveitadas, para o aperfeiçoamento a que todos devemos visar. Recomendamos, especificamente, a obra ***O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina Segundo o Espiritismo***, onde se encontram inúmeras manifestações devidamente analisadas, como gostaríamos que se fizesse relativamente aos textos que se distribuem pelas casas espíritas.

Eis o real sentido que aguardamos seja dado pelos leitores para as mensagens deste *Grupo dos Aspirantes do Evangelho*.

REBELDIA CASTIGADA

Quem se atreveu a supor que o primeiro mensageiro viesse trazer notícias agradáveis, enganou-se redondamente. Também não vim referir-me a problemas de reparação de faltas cometidas em vidas passadas ou durante o internato no Umbral. Essas são coisas fáceis de deduzir, a partir do princípio de que todo mal será castigado.

Vim falar de procedimentos incrustados na personalidade, como se a maneira de ser do indivíduo surgisse com ele, desde a criação, e se mantivesse inalterável pela eternidade.

Pelo modo de expressar-me, rústico e até grosseiro, devo ter passado a ideia de que não me deixo subjugar facilmente pelas palavras e ainda menos pelas ações.

Será que estarei perdido, lobo entre cordeiros, nesta turma de aprendizes e de estudiosos? Por certo, haverá quem, mais do que eu, tenha flanado pelas trevas, em desespero de causar inveja aos demos.

Não levem em conta estas arremetidas imprevisíveis. É preciso confiar em que ninguém virá até este posto, caso não esteja totalmente dominado pelas forças energéticas dos instrutores e guardiães.

— *Então, hão de perguntar, que importância haverá de ter esse depoimento, do qual nada de proveitoso se poderá extrair, em benefício do aprendizado evangélico, que se promete nas obras espíritas mediúnicas?*

Trazer-lhes o toque da imperfeição, para não desandarem igualmente, será, decerto, muitíssimo pouco. Ninguém é tão ingênuo que não saiba o perigo que corre, quando executa qualquer maldade, mesmo em sutis pensamentos de rebeldia.

Sou o primeiro da lista e, por isso, vim dispor as premissas dos ditados, informando aos leitores o que está vedado desde já aos companheiros, ou seja, a lamúria, o desassossego, a exemplificação negativa e a pregação temporã.

Se alguém quiser contar o seu caso particular, haverá de fazê-lo através de cerrada interpretação da lei, aplicando os artigos em que caiu.

Por outro lado, as sugestões intempestivas do escrevente não deverão ser consideradas para efeito de melhor aproveitamento das intuições. Que cada qual desenvolva o seu texto, segundo os rascunhos aprovados pelos companheiros e referendados pelo instrutor.

Tenho para comigo que dei a exata noção de meu temperamento, o que era o objetivo desta dissertação ou descrição psicológica. Se não tiverem gostado, façam melhor do que eu, livres de coação, o que ocorre em qualquer campo em que a bondade e a compreensão dos orientadores vigorem. Mas não tenham ilusões: no báratro, na escuridão do Hades, na penumbra do Umbral, nas profundezas infernais, não haverá tempo para estes escritos.

A decisão é sua. Façam como julgarem melhor, mas não deixem de observar todas as impropriedades deste texto, nem mesmo a sutil contradição de quem deseja estabelecer normas próprias, em contraste com as estipuladas pelo grupo, e termina por cumprir todas as normas que lhe haviam sido determinadas.

Este primeiro exercício não está difícil de resolver. Não é verdade?

DESONRA E RESPONSABILIDADE

Não busquei dar título muito elucidativo à mensagem, mesmo porque não vejo tanta importância nela, no sentido do esclarecimento, da lição, da informação ou do consolo. Serão alguns minutos dedicados à psicografia, do ponto de vista das contingências da personalidade, e pronto! O mais correrá por conta dos companheiros e dos mestres, que envidarão esforços para que eu possa vir a ser elucidado quanto aos pontos em que deverei melhorar.

Aí, irei *esforçar-me* ao máximo para alcançar agradá-los e receberei vários encômios, pela dedicação que aplicar ao trabalho.

Como tudo se dá muito ao inverso das expectativas, nem mesmo destas proposições estou segura. No fim, como nas peças de antigamente, tudo dará certo. E, se não der certo, é porque existirão falhas nas leis do Criador, que não terá disposto direito, para que todos alcancemos sucesso nos empreendimentos evangélicos.

Restará suspeitar de que o que faço não esteja sob a denominação de *evangélico*, de missionário ou de socorrista, pois não me predisponho a receber os irmãos como desejava ser por eles recebida. Sempre está a parecer que os outros têm mais e, por isso, estão obrigados a oferecerem mais.

Caberia perguntar se concordam comigo, mas, como não tenho a certeza de que a página possa vir a ser lida, não ponho fé até nas próprias palavras. Não será esse o sentimento mais doloroso, para quem esteja a pique de volver à escuridão?

Se houver alguém prestando atenção em mim, deve ter percebido que me enderecei à própria consciência, que me acusa diuturnamente de brincar com os conceitos, deixando de fixá-los, para a devida aplicação prática, no campo das atividades socorristas.

Por outro lado, devo reconhecer que, em matéria de trabalhar, estou sempre disposta, pois acho muito mais fácil de fazer do que de pensar seriamente sobre o que estou fazendo. Por isso é que dependo dos orientadores, dos instrutores, dos responsáveis pelas ações beneméritas.

Gostaria de poder enfatizar os compromissos que cumpro com boa vontade, mas me faltam os termos mais adequados, já que não pretendo elogiar-me. Será que deu para entender, ó pobre coração, que você está necessitado de melhor orientação, no campo da sensibilidade voltada para a verdadeira comoção?

Neste jogo de intelectualidade e de sentimentalismo, perde a ênfase às disponibilidades para melhor configuração dos roteiros evangélicos. Sinto-me a meio caminho da generosidade do perdão e da virulência das acusações improcedentes, pois compreendo muito bem que não tenho razão de lastimar-me, conforme estabelecido pelo grupo.

Caso não tenha conseguido expor com clareza os problemas de meu caráter, de minha mente e de minha atuação no campo do etéreo, junto a este pessoal, que luta para prosseguir em ascensão moral e espiritual, pleiteio que me digam se não foi, afinal de contas, bem dado o título à redação.

Peço para ser colocada em isolamento, por algum tempo, até que possa resolver as questões subjacentes, dadas as dúvidas que ficaram implícitas na descrição da personalidade. Por outro lado, também considerarei as razões que aventarem para minha manutenção junto aos parceiros, na tentativa de participação efetiva nas discussões em torno dos problemas levantados por todos.

O que não quero é dar prioridade à desonra, mas à responsabilidade, fugindo, conseqüentemente, das características que apresentei.

Para terminar, deixo expresso que fui verdadeira, estando a tremer o tempo todo. Espero só não chorar, pois qualquer exagero neste campo poderá influir muito mal nos desígnios daqueles que olham por mim.

ARRIVISTA INCONFORMADO

Precisavam de alguém para insuflar a revolta das mentes e a revolução dos atos? Lá ia eu, disposto sempre a *catastrofar* os ambientes.

E não era por convicção política, religiosa, social ou de qualquer natureza filosófica. Avesso ao pensamento, queria agir na prática, pondo fogo na palha seca dos espíritos insatisfeitos. Essa era a força que julgava digna de grande personalidade. Era o meu jeito de projetar-me no seio das congregações, lutando, inclusive, para vir a ser admirado pelas hostes contrárias. Admirado e temido.

Preciso dizer que voltei ao Umbral com os mesmos terríveis dispositivos mentais e que sofri os mais tremendos vexames? E pensam que me conformei, tendo aprendido a lição na *carne*? Jamais. Ninguém ousava explicar-me nada, pois repudiava o raciocínio e não admitia outra lei que não fosse a da *persuasão* pela força.

Ideais? Tinha-os, sim, pois pensava que os mais poderosos dominavam os mais fracos, de modo que usufruíam vantagens pela exploração. Mas era muito pouco para justificar a represália como formulação existencial.

Na escuridão, puseram-me à frente de extenso contingente, para perturbação de quem pudesse exercer domínio, encarnados ou não. Mas as tentativas se viram frustras, quando busquei contrariar os próprios chefes das organizações.

Se me fosse permitido retroceder ao último encarne, lembrar-me-ia de que, por diversas vezes, delatei a falsidade, o perjúrio e as fraquezas de poder daqueles que comandavam ideologicamente as revoltas. Era um sargento, maldito da soldadesca e temido dos oficiais.

No etéreo, não mudei a maneira de ser, mas me vi muito atrapalhado, pois os piores exerceram sobre mim o seu poder discricionário, sublevando-me a tropa.

Alguém poderá concluir que me beneficiei, pois o rude raciocinar me teria revelado as deficiências desse proceder intelectual. Mas não foi realmente assim.

Inconformado com as pressões, busquei companheiros nas mesmas condições de insatisfação e, sem noção do que fazíamos, quisemos solapar as deficitárias diretrizes do mal.

Hoje, diria, com Jesus, que o demo se voltava contra o próprio reino. Mas nós o fazíamos por revide, odiosos e maledicentes.

A curiosidade deve estar acesa, para que se saiba como é que adquiri foros de cidadania nesta instituição, a ponto de me confiarem este posto avançado, para a demonstração da intimidade psíquica.

Poderia inventar saídas gloriosas, dando indícios de remorsos provocados por sofrimentos insuspeitos. Poderia dizer que conquistei a simpatia de pessoal sofrido mas honesto, cuja rebelião era justa e verdadeira. Poderia dizer que vim com a ideia de perturbar o ambiente, para a continuidade das perversões.

Que outras saídas teria a misericórdia divina para propor-me a refacção da personalidade?

— *Infinitas!*, espero que seja a conclusão dos amáveis leitores. Pois, então, já suspeitaram o que me trouxe cordeirinho ao redil das ovelhas do Senhor?

Pois foi o cansaço. Fui vencido pelo cansaço. De tanto ver as pessoas aproveitarem-se das demais, concluí que isso deveria estar certo, pois, no paraíso, todas as coisas deverão ser ofertadas aos melhores, aos mais fortes, aos mais inteligentes, aos mais sábios, aos mais santos etc. Se eu prosseguisse somente a arremeter-me contra os outros, não teria mais nada a fazer do que cuidar das próprias feridas.

Um dia, caí vítima da perseguição de seres bem mais terríveis do que eu e clamei por socorro. Acovardei-me, reconheço. E isso foi a minha salvação. Percebi que abrira o flanco aos ataques dos inimigos, quando titubeei no enfrentamento diuturno dos maldosos compromissos.

Fora uma luzinha muito frágil, mas suficiente para demonstrar aos socorristas de plantão que, intimamente, clamava por socorro. Queria descansar e consegui. Não descanso mental, mas das correrias pelas cavernas e pelas paragens obscuras do mundo. Fiquei dementado, em leito de hospital, por mais de uma década, fazendo os misericordiosos enfermeiros correrem muitos riscos, pois me utilizava de todos os recursos para o disfarce das pretensões, como se, após algum tempo, houvesse de reingressar na carne ou volver ao Umbral, para retomar o domínio antigo sobre os pugilos de entidades que soem obedecer cegamente aos líderes carismáticos.

Pensam que cheguei à **Escolinha** conformado? Qual nada. Fui admitido sob condição (*sub conditionem*, como rezava o contrato de matrícula que me obrigaram a assinar, do contrário iria cair direto nas mãos daqueles que se consideravam meus credores). Arditosamente, após a assinatura onde me pediam e não foram poucas as vezes em que o bendito documento me foi mostrado, na sala reservada do *diretor*.

Ainda me reconheço atrabiliário e corruptor. E isto é que me tem facilitado compreender a necessidade de melhoria.

Agora analisem este escrito e vejam se conseguem concluir se este Espírito é de Deus.

PEQUENAS PERVERSIDADES

Minha demonstração psíquica vai cair no gosto de muitos homens que atribuem à ala feminina a falência humana, dado que consideram que a formação da personalidade corre por conta da educação na primeira e segunda infâncias.

Mas não desejo discutir inutilmente pontos de vista. Antes, vou concordar previamente com eles e dizer que terão razão se só considerarem as péssimas atitudes que tomei na vida, em relação aos meus pais, aos meus namorados e colegas, ao meu esposo, aos meus filhos e demais parentela consanguínea ou não. Não tive irmãos e isso talvez possa explicar muita coisa.

Vamos aos fatos.

Desde pequena, fui arremessada ao mundo por meio da dor, pois nasci em lar paupérrimo, onde faltava de tudo. Nem o sagrado leite materno alcancei, embora tivesse, durante certo tempo, a primazia de sugar o seio de uma ama-de-leite ocasional, que tomava conta de mim, enquanto minha mãe biológica saía para o ganho efetivo do sustento do lar.

Meu pai era um desocupado contumaz e fugia do trabalho, julgando que sua obrigação já a cumprira, ao ter assumido a responsabilidade do feto que era eu através do casamento.

Deveria interromper para esclarecimentos vocabulares, pois estou a empregar terminologia moderna, quando, há mais de quarenta anos atrás, ao desencarnar, desconhecia tais expressões. É que o aprendizado não cessa e o médium é bem capaz de perceber o meu desejo de atualizar, pela média, os dizeres, no intuito, evidentemente, de não tornar retrógrado este discurso.

Pois, a partir daquela condição social e psíquica de última categoria, fui crescendo, assimilando e acumulando tantas perfídias quantas se faziam contra mim. Em todas as oportunidades, paguei na mesma moeda, sem sentimentalismos baratos de moralidade burguesa.

Se tivesse passado por alguma escola, ao tempo em que as crianças habitualmente as frequentam, talvez algumas restrições civilizatórias me tivessem feito observar os

padrões sociais do respeito mútuo, para que os direitos se preservassem. Aprendi o que aprendi na base da pancada (de muita pancada), raivosa e alcoolizada.

Se quero fazer-me de vítima? Absolutamente. Faço a descrição das condições do crescimento para elucidar os crimes que perpetrei. Não matei, mas roubei em todos os sentidos, desde os furtos qualificados, através da participação em correrias durante assaltos a mão armada, até o surrupio de vários maridos, que vinham a mim pela facilidade que lhes proporcionava.

Espertamente, após vinte e cinco anos naquele antro de perversidade e horror, escafedi-me para outra cidade, sem deixar rastros, que meus pais não me interessavam e não tinha mais ninguém com quem me prendesse.

Julgo não ser preciso escrever os episódios que se seguiram, na tentativa de burlar a curiosidade mórbida dos leitores. Não que eu não lesse todas as revistas que podia, no meu tempo. Mas jamais me aventurei em obras que ultrapassassem as cem páginas.

Se não tive escola, como é que sabia ler? Tive escola, sim. Na cidade para onde fui, julguei oportuno aproveitar a oportunidade da alfabetização de adultos. Não era tão velha que minha cabeça não se abrisse para as letras e as frases. E, depois, tinha um plano eficaz para estacionar na vida: talvez me encontrasse com alguém que me desse alguma segurança.

Não deu outra. Aprendera a manipular eficientemente os homens e me fiz de rogada em momento azado, segurando aquele que me pareceu honesto e trabalhador, além de livre de outros compromissos. Era, a meu ver, um *imbecilão*, conquanto o desenrolar dos acontecimentos me comprovasse o contrário. Mas essa é história que não pretendo contar.

As três crianças que pus no mundo foram bem tratadas até a adolescência. Por essa época, minha idade ultrapassava os quarenta outonos e eu não pretendia concorrer com elas. Dei de implicar e fui num crescendo até que me vi sozinha.

O mais velho, simplesmente, arrumou emprego e *se mandou*. A menina engravidou, casou e foi com o marido e o filho, até que se separaram. Drama para mim? Nenhum, que me recusei a aceitá-la de volta, conquanto meu marido não entendesse a razão disso. Achava que iria encontrar emprego com remuneração suficiente. Não foi exatamente o que aconteceu, mas não voltou jamais para o nosso teto.

Abrir outro parêntese talvez seja obrigatório, pois podem suspeitar de contradições essenciais, se analisarem a dramatização dos acontecimentos, como se tudo decorresse como nas más novelas radiofônicas, que era o que eu ouvia por aquela época.

O mais novo, depois de ter apanhado muito, por ser o mais rebelde (quando era o meu preferido, porque tinha o meu gênio e era parecido fisionomicamente comigo) foi agarrado pela polícia e levado para a F.E.B.E.M., recentemente inaugurada.

Essa foi a pedra de toque que fez meu marido compreender que não podia mais continuar comigo. Antes que as coisas ficassem realmente pretas, dei-lhe um pontapé no traseiro psíquico e *me mandei*. Havia esgotado todos os recursos do coitado, que se vira na contingência da pior miséria. Eu não haveria de voltar às origens. É claro!

Como me recomendaram que evitasse a descrição pura e simples dos episódios mais característicos das ações, mas me ativesse à descrição da individualidade espiritual,

devo encerrar esta parte, acrescentando apenas que vivi mais uns cinco anos e caí na desgraça do Umbral, por força de umas cruces no sangue.

Bom, aqui estou recuperada em parte, pelo menos em condições de trazer o noticiário do caráter, o mais próximo possível de quem fui. Se julgarem que arreliei as recomendações do grupo, ponham no meu passivo de comportamento, que agora estou bastante apta a pensar e a repensar todas as funestas ações, para avaliar com propriedade onde foi que errei.

Dito desta maneira, parece até que chego a este ponto com agradável coeficiente de virtudes, já que brinco com os conceitos evangélicos, expondo-me exatamente nos pontos falhos, conforme o registro das causas e efeitos. Ou estarei enganada?

Na verdade, o adjetivo *pequenas* ligado ao substantivo *perversidades* do título já se constitui em suficiente indício de que algo mantenho da disposição moral antiga. Agora, esta observação poderá demonstrar que estou adquirindo lucidez, para a crítica oportuna.

Como me categorizariam os amigos leitores?

6

DOR INCONSOLÁVEL

Sofri de modo horripilante, durante bom tempo, na vida. Não importa referir-me ao que me causou o transtorno, mas ao fato em si, que demonstrou, iniludivelmente, que não me compunha com os ensinamentos cristãos.

Se lhes disser que tenho até saudade dessas épocas, acreditem, tanto me vangloriava intimamente das preocupações com que me atinha. Era o xodozinho de mamãe e de todos era tida como o máximo da sofredora. E isso me punha muito acima da média das pessoas.

A dor, portanto, não podia ser consolada, ou deixaria de ser dor, na acepção mais aguda que lhe queria dar.

Entenderam bem o que se passava comigo?

Pois agora devo dizer que volvi ao espaço espiritual sem ter adiantado um passo nas sendas evolutivas. E caí de bruços nos charcos horríveis das trevas mais profundas (ou assim me pareciam), principalmente porque exigia que todo o sofrimento ou o sacrifício corpóreo fossem causa de primícias regenerativas, a ponto de sufocar-me pela novidade das dores das reclamações.

O que poderia ter sido consolo na Terra passou a representar imenso rol de tremendas decepções, cada vez mais intensas, a ponto de o sofrimento espiritual significar o dobro em ansiedades de alívio. E aqui não havia para quem dar o espetáculo da tristeza pungente e arrasadora.

Antigamente, qualquer sorrisinho poderia indicar refrigério d'alma, ou seja, a demonstração de que nem tudo estaria na conta do agudo, do extremado, do *non plus ultra* das dores físicas e mentais. No Umbral, passei a sorrir efetivamente, para ver se dava a ideia de que estava de acordo com o que me acontecera, a ver se alguém se condoesse de mim, realmente com poder de alívio das pressões que a maldade exercia. Era um teatrinho mais ou menos trágico, ao inverso das lamúrias terrenas.

Quem passou por problemas físicos alienantes da realidade circunjacente, como no caso de paralisias cerebrais, em que se fica na dependência da boa vontade, da comiseração ou dos recursos financeiros dos outros, deve conhecer bem o que estou dizendo. Não é verdade que as pessoas geram enormes processos de defesa íntima, para não pensarem muito na situação inexorável, no sentido de não se deixarem vencer de maneira definitiva? Não é verdade que as muitas reflexões a respeito dos sofrimentos

humanos produzem sistema de bloqueios da desesperança, principalmente quando se sente que há pessoas muito mais infelizes?

Pois bem, eu não admitia ninguém em pior estado do que eu. Pelo que me foi dado conhecer, havia doenças mais terríveis, como o pênfigo foliáceo ou a degenerescente hanseníase, por exemplo, porém, dava de barato que, com elas, a morte viria em pouco tempo, portanto, facilitando a reflexão a respeito das perspectivas vitais. Comigo ocorreria coisa bem diferente, isto é, eu seria apaniguada com vida muitíssimo mais longa, de forma que as pressões psicológicas seriam mais tristes e invariáveis.

No etéreo, as condições invertidas das disposições psíquicas me evitaram pensar em tempo definido, criando a expectativa do transitório, como se, a qualquer momento, pudesse vir a ser resgatada, o que ampliava a esperança, sem, contudo, fornecer-me os recursos da virtude, para a efetiva restauração dos princípios cristãos.

Foi quando compreendi tudo o que se passara comigo no campo da carne e o que estava ocorrendo no plano espiritual que comecei a facultar-me a generosidade das ideias de culpa, iniciando por pensar em que Deus é justo, o que não lhe permitiria oferecer a qualquer das criaturas peso impossível de suportar.

Estou bem à vontade para discorrer a respeito deste tema pessoal, na consciência de que poderão os humanos e os amigos do grupo discutir o mesmo tópico, adaptando-o a situações menos agudas, menos problemáticas, mas igualmente perigosas do ponto de vista do impedimento do progresso a que todos devemos almejar.

Ponho-me à disposição para os esclarecimentos necessários, sem vedar qualquer informação a respeito da doença congênita de que fui vítima, caso haja interesse específico.

Pedem-me para dizer que o problema era de paralisia cerebral impeditiva das reações motoras, restando-me a inteligência intacta e a sensibilidade integral. Falava com dificuldade, mas jamais desejei externar qualquer pensamento equilibrado, conquanto tivesse amplas possibilidades de fazê-lo. Se tivesse, ao menos, dado a satisfação aos companheiros que de mim trataram de manifestar-me agradecida, talvez a estadia na escuridão não houvesse sido tão inconsolável.

Já me desculpei perante todos os parentes e amigos, restando volver ao plano terreno para resgates pessoais de monta. Como voltar? Eis o grave problema que terei dentro de algum tempo. Espero estar bem preparada para algo muito ruim, o que não ocorreu anteriormente.

Se estou sabendo como foi a preparação para a última encarnação? Perfeitamente. Acedi de forma plena às dificuldades, sem conhecer, no entanto, quais seriam, pois o orgulho me vedava a percepção das fraquezas morais. Suspeito que estivessem no planejamento dos amigos redentores as duas dores, quais sejam, a da Terra e a do Hades, na complementação que adivinhavam indispensável.

Eis que levanto a possibilidade de projeto existencial para além da estadia na carne. Que tal meditar mais profundamente a respeito disso?

MAIS DE MIL VEZES

Não teria qualquer importância esta data, se não significasse a constatação de que o médium esteve sob imantação por mais de mil vezes. Incrustamos-lhe na mente essa ideia, para que desse importância ao trabalho que vem desempenhando, sob o influxo dos mentores da *Escolinha de Evangelização*.

Mas não o fizemos gratuitamente. O que, na realidade, desejávamos era vê-lo às voltas com a perspectiva de falarmos a seu respeito, enleando-o na problemática desta turma confessa de crimes e deslizes consideráveis.

Sem perturbar-se, o caro amigo deu seguimento ao ditado, como o faria com qualquer texto, pois deliberou, em conjunto com os protetores, que iria aceitar todas as mensagens, reservando-se o direito à crítica posterior. Aliás, esta mesma explicação se encontra alhures, melhor especificada, pois não é objetivo nosso ficar marcando passo, em função dos mecanismos intelecto-afetivos em que se dão estas transmissões.

Como derradeiro informe, devemos dizer que o médium não se interessou pelo assunto, querendo antes reconhecer a pretensão, para consigná-la eficazmente. A par, pois, dos dizeres assinalados, muitos outros pensamentos lhe revoltearam pelo cérebro, sem se fixarem em ideias traduzíveis para o corpo do texto.

Eis que demos a primeira impressão de nossa mais terrível maldade, no plano espiritual, pois especializamo-nos em perturbações mediúnicas, para fazer os humanos falirem no desenvolvimento das técnicas de recepção dos informes do etéreo.

Se desejássemos prosseguir na tentativa de perturbação do companheiro que nos serve atualmente, iríamos enfatizar-lhe os méritos, para o elogio fácil e perturbador. O coitado poderia desconcentrar-se (o que mais acontecia) e perderia o ritmo das comunicações. A mensagem viraria uma barafunda e todo o trabalho iria perder-se, dado que inaproveitável para os ensinamentos que se aguardam destes mensageiros categorizados entre os alunos da instituição.

Mas não ficarei a descrever as técnicas de que me utilizei nessa infanda tarefa. Vou regressar aos tempos da encarnação, para dizer que tentei constituir-me em *modesto* auxiliar dos beneméritos irmãos da espiritualidade.

Na verdade, o qualificativo que empreguei no parágrafo acima era como me expressava perante os companheiros do centro espírita, na tentativa de criar clima

favorável, não ao bom sucesso dos trabalhos, mas ao meu desempenho superior, pois julgava que tinha méritos para oferecer vibrações de alta categoria, para as comunicações dos mensageiros da divina luz.

Quando não conseguia exprimir ideias muito coerentes com as da doutrina de Kardec, inventava textos, lembrando as leituras da véspera, pois sempre me preparei para a eventualidade da inexistência de bons espíritos durante as sessões. De resto, gostava de desafiar a argúcia dos confrades, os quais considerava sem inteligência e sensibilidade.

Nos trabalhos de desobsessão, não dava curso às manifestações inferiores, preferindo aguardar os orientadores da casa, os protetores meus ou dos colegas, ou a intervenção do Alto. Sentia comichões de falar a respeito dos problemas humanos mais pungentes, mas temia que algum desafortunado ente das trevas pudesse delatar-me ao público, conquanto jamais tivesse presenciado nada assim, a não ser quando o médium se mostrava fortemente desequilibrado, o que não era incomum.

Estou caminhando perigosamente nas sendas de um irmãozinho que já relatou a mesma situação. No entanto, não se trata de nenhum artifício para desviar o curso da transmissão. Ao contrário, faço questão de revelar o fato, para pôr os amigos bem à vontade para as confrontações que porventura quiserem levar a efeito.

Não vou esconder que essa foi outra das manobras, para as frustrações a que aludi acima.

Outra técnica era deixar no ar se se tratava de espírito feminino ou masculino, para as contradições se evidenciarem aos leitores ou aos ouvintes, com a finalidade de desacreditar o intermediário, pela confusão que se lhe estabelecia na mente.

Não vou declarar o meu nome, mas, se disser que me chamei Maria na derradeira encarnação, isso não irá, de forma alguma, contrariar o princípio do anonimato.

Mais de mil vezes, portanto, não terá sido referência ao número de imantações do caro escrevente, mas ao de minhas espúrias intervenções.

Se estou arrependida? Compreender-se-ia diferente, mediante esta pública confissão de culpa, no território sagrado das transmissões missionárias da instituição? Não se caracteriza a presente manifestação como o retrato mais fiel de quem deseja resgatar os débitos, advertindo os leitores para preparação mais saudável, em nome de Jesus?

Se for preciso, indicarei as obras de Kardec, com ênfase para *O Livro dos Médiuns*, para que os encarnados se eduquem convenientemente para seu desenvolvimento mediúnico, e recomendarei que não deem maior importância a quem nada mais tem a apresentar que pálido depoimento pessoal, eivado de lugares-comuns e de resquícios da antiga malícia, embora no justificado intuito da análise e da crítica.

Ao contrário dos textos das turmas anteriores, não farei voto algum para que os amigos, uma vez diante desta necessidade de manifestação, exponham as mazelas de seu caráter. Isto seria sinal de desrespeito ou, ao menos, de falta de educação. Contudo, se o caro irmãozinho se identificar com estas entidades tão endividadas, vá preparando as mensagens que deverá realizar, ou se proponha, com salutar firmeza, a modificar a maneira de ser.

Faço a advertência e já vou dizendo que muitas iguais ouvi, no sagrado recinto das comunicações espirituais. Mais ainda, muitas bem parecidas retransmiti, ouvindo a voz da

consciência orientada pelos instrutores e benfeitores. E devo dizer que não me adiantaram de nada, pois preponderavam, em minha mente e em meu coração, o pensamento e o sentimento de que estava sempre certa, dado que os sacrifícios pessoais para o trabalho me justificavam, perante os pruridos da sensibilidade tangida naqueles momentos de enleio magnético, que os tive verdadeiros, muito mais vezes do que suspeitava, conforme me esclareceram depois.

Infelizmente, preciso reconhecer que este discurso vai endereçado aos caríssimos irmãos da seara espírita. Que seja absorvido como o relato mais sentido de algo que não voltará jamais a suceder a ninguém. Que o Pai assim o permita!

CONFLITOS ÍNTIMOS

Sei que existe mensagem com o mesmo título, mas não seja esse mais um dos conflitos com que tenha de me haver nesta peregrinação de dor.

Diante da questão a respeito de serem estes irmãos sofredores ou não, há que se responder que todos nós, de um modo ou de outro, sempre estamos passando por instantes de pressão consciencial ou psíquica, conforme a insegurança seja de carácter moral ou intelectual. Se não tiver conseguido expressar-me convenientemente, esforcem-se os amigos por me entenderem, substituindo as expressões por terminologia mais adequada.

Hesitarei? Por ter refeito a frase duas vezes, parece que sim. Mas essa impressão é falsa. O que ocorre, na verdade, é que foram tantas as pancadas que dei em mim mesmo, por não ter controlado a tempo as reacções, que me acho em estado de superexcitação *neurológica*, se me for permitida a comparação. Desse modo, deixo transparecer, através da formulação dos pensamentos, os conflitos íntimos da personalidade.

Creio que este tema seja por demais complexo para a mente leiga dos espíritas acostumados com as pregações evangélicas, com as mensagens de pura consolação ou com as explicações a respeito do mundo espiritual. No entanto, não nutro ilusões quanto à superficialidade da exposição, o que fará que os cientistas da mente se afastem destas declarações, realizadas à guisa de depoimento.

Faço o possível para registrar os diversos aspectos dos contrastes mentais, pois conheço as limitações de minha inteligência, como ainda o caminho para o aperfeiçoamento dela. Não principiei, porém, o desforço para superação dos problemas, a não ser na compreensão de que existem e precisam ser estudados.

No que tange aos dizeres que inscrevo, situam-se em faixa acomodada de meia cultura ou de expressividade inferior. Desejaria utilizar-me de vocabulário mais adequado, mas, se o fizesse, iria arquitetar texto absolutamente vazio de ideias, já que não corresponderia à realidade, a não ser para a conclusão do leitor que se atrevesse a perquiri-lo tematicamente.

Se não for dar com águas de barreira, devo dizer que esse recurso se encontra em muitas mensagens do pessoal do etéreo, como ainda nos discursos demagógicos dos que

pretendem dos ouvintes ou dos leitores a simples adesão à pessoa, sem o compromisso correspondente às ideias.

Eis que faço esforço sobre-humano para tornar este escrito útil à meditação a respeito das personalidades espirituais.

Peço permissão aos companheiros para referir-me a aspecto bastante insólito da personalidade, qual seja o fato de ter sido na vida loquaz mentiroso, permanentemente pronto para pespegar historietas em que, de uma forma ou de outra, conseguia vencer alguma dificuldade. Era, sem sombra de dúvida, o reflexo dos conflitos da alma, que necessitava firmar-se pelas palavras, quando falhava pelas ações.

A partir desse mau costume, fui dando azo a que se infiltrasse na mente a necessidade do desprendimento das inferiores condições, no momentâneo esquecimento dos problemas psicológicos, e o fiz através do álcool, primeiramente, ingerindo-o em pequenas quantidades, terminando por prejudicar fortemente o sistema hepático, o que, a médio prazo, acabou por me retirar do plano terreno.

Observem como procurei disfarçar a rudeza do fato de que era um trapo humano, psíquica e fisicamente. Pelo menos as palavras estão sendo delatadas como camuflagem da personalidade e isto deve ser transposto para o exame de todas as mensagens do grupo, conforme me sugerem os amigos presentes.

Nesta altura do texto, estou contando a quantidade de linhas, para poder encerrar com chave de ouro, dando fim ao sofrimento, sem caracterizá-lo de modo absolutamente perfeito. Terei medo de revelar as maiores deficiências do caráter? Ou será que desconheço até onde vão as mazelas que me fazem agir de modo tão malicioso? Que terão a dizer os parceiros, os mestres e os leitores?

Sei que o sistema de interrogações inibe a possibilidade das respostas pessoais, pois faculta a apresentação da dúvida, da incerteza, da insegurança ou do desejo de não se expor ao ridículo das apreciações malévolas dos que não se conformarem às diretrizes acordadas entre o alunado da **Escolinha**. Mas também informa sobre o baixo rendimento dos estudos.

Para que se evitem confusões, vou solicitar que orem por mim, para que, em próxima oportunidade, traga algo mais substancioso para a reflexão. Que Deus se apiade de todos nós!

P.S. — Devo acrescentar que o que mais desejo no momento é conhecer a real opinião dos amigos sobre a mensagem. Ou melhor, se haverá quem me elogie a desenvoltura ou se admire com a sagacidade da apresentação dos problemas, não como pontos a serem examinados e resolvidos, mas como razão de ser da manifestação. Eis que desejo ser o mais sincero possível; contudo, enrosco-me lamentavelmente nas palavras, que sugeri serem facilmente domináveis...

PERIGOSAS ATITUDES

Sempre que me vi enleado em problemas mais ou menos graves, sorria das reações das pessoas, pensando que a tudo poderia dar jeito. Caso, entretanto, tal maneira de ser dê a impressão de segurança e de confiança, deverei refazer o início da mensagem, pois o que pretendo dizer é justamente o contrário, ou seja, que havia, isso sim, muita irresponsabilidade no enfrentamento dos assédios da fortuna ou, melhor dizendo, dos maus representantes da espiritualidade.

Dava ensejo, portanto, a que se achegassem a mim muitos seres comprometidos com a maldade, de forma que não tinha noção exata dos riscos morais que corria. Era um *bon vivant*, no sentido intelectual, já que me desincumbia com facilidade de todas as tarefas escolares, tendo transferido essa atitude de desleixo para tudo na vida.

A bem da verdade, se me tivesse detido em exame mais acurado da realidade do mundo, talvez tivesse progredido nos conhecimentos, como, mais tarde, pude constatar ter sido a programação fixada para aparato intelectual tão bem formulado.

Que teria dado de errado no projeto de vida de que participei ativamente? É que a luta no orbe passa por agruras insuspeitadas, desde a primeira infância, e eu tive de carregar inúmeras decepções familiares.

Se estivesse aqui para produzir simples testemunho de dor, iria desfilas os horrores de relacionamento e os casos em que fui testado fortemente, sem me sair bem, uma vez que não dava aos que me ofendiam oportunidade de melhoria. Invariavelmente, desprezava as razões minhas e alheias, sem examinar a possibilidade do enredamento entre causas e efeitos. A tudo dava de ombros e essa foi a história moral de minha vida.

Se, de volta ao etéreo, me tivesse, desde logo, compenetrado de que havia grupo de seres que me auxiliaram no encarne expiatório e me tivesse posto a par dos insucessos pessoais, talvez houvesse recuperado em parte o trabalho que tiveram, auxiliando os companheiros encarnados. Mas o tolo aqui julgou que havia satisfeito todas as etapas programadas, só porque não me acusava a consciência de grandes crimes. Roubara? Não. Assassinará? Não. Viciara-me? Não.

Por outro lado, casado, fui fiel à esposa, com quem demos agasalho a seis robustos filhinhos, cuja criação e educação acompanhei de perto, até que todos me deram netinhos maravilhosos.

Não é para qualquer cristão iludir-se, perante tão vastas realizações?

No comércio, onde apliquei toda minha capacidade de adaptação às novas situações, estabeleci-me durante toda a vida, comprando e vendendo com lucro razoável, para não dizer quase extorsivo. E onde a desculpa para a exploração? Na família, evidentemente, pois precisava alimentar e vestir a tanta gente etc. etc.

Daqui à cobrança das regalias do progresso foi pequenino passo, que dei de imediato, desejando que se reconhecessem os meus trabalhos e sacrifícios, desconsiderando os avisos da consciência para os fatores das obrigações e deveres cármicos.

Ao contrário do que poderia parecer a muitos, a felicidade de nunca haver contraído nenhuma doença séria e de jamais ter sofrido qualquer tragédia levava-me a considerar-me protegido, como se tivesse sido chamado e eleito. Como descobrir, por detrás de tanta harmonia física e de tanta potencialidade mental, os rigores de projeto mais vasto, em campos que permaneceram o tempo todo insuspeitados?

Eram os raciocínios a que me atinha, para justificar a cobrança das regalias. Aos poucos, o horizonte foi enegrecendo. O perispírito foi ficando pesado. A locomoção dificultou-se. E caí no abismo das incompreensões, acusando até os orientadores, de quem me lembrava tenuemente, de incompetentes e imprevidentes.

Passei a lutar contra os fantasmas que criava e, nessa situação, tempo considerável se desperdiçou para os trabalhos de recuperação dos princípios existenciais de antes da encarnação.

Se houve lucro, apesar de tudo? Claro que sim, pois pude consignar na mente, com muito mais precisão, quais eram os piores defeitos, acrescentando muitos mais à lista anteriormente estabelecida. Mas isto só aconteceu após o despertar no leito do hospital em que estivera desde que fora recolhido pelos companheiros, assim que deixei o envoltório carnal.

Não é verdade que as atitudes relativamente aos problemas acabaram revelando-se extremamente perigosas para o sucesso do internamento corpóreo?

PERSPECTIVAS DE AMOR

Nem sempre os que chegam da jornada terrena trazem a alma pejada de culpas. Nós mesmos, embora não tenhamos sido o que se possa chamar de modelo para a evangelização, retornamos ao etéreo com bastante clarividência das perspectivas de amor que se abriam para a existência, tendo ao lado muitos dos companheiros das lides mundanas, transformados em auxiliares sagrados dos missionários do Senhor.

Imediatamente, fomos resgatado das mãos dos que se julgavam credores nossos e fomos levado para instituição hospitalar idônea, onde recuperamos as forças desgastadas pelos suplícios da desencarnação, que não foram agradáveis, sofrimento adicional para composição energética mais afim aos parâmetros estabelecidos aos que voltam com acréscimos de virtudes.

Inibimo-nos, pois, em vir trazer aos irmãos terrenos a longa experiência dos mais de oitenta janeiros, uma vez que nem sempre nos dispusemos de maneira adequada para a elaboração de longo exercício dissertativo, conquanto assistido pelos companheiros.

O que mais nos chamou a atenção nos eventos que nos estimularam para a vida regrada que conservamos foi o desinteresse acentuado por qualquer hábito menos honesto. Formado fomos em lar dos antigos, onde a seriedade dos procedimentos era exigência rigorosa dos maiores, não tanto pelos preceitos da religiosidade, mas pela moralidade que torna o homem honesto respeitado socialmente.

Essa determinação paterna era vigorosamente amparada pela retidão moral de mamãe, que julgava superior quem perdesse tudo o que tivesse, mas não se submetesse à perfídia, à maledicência, ao crime, em suma, qualquer fosse o aspecto que adquirisse. Desde a infância, portanto, o princípio da lealdade familiar me foi inculcado na mente.

Por força da composição psíquica, pela idade das rebeliões passei incólume para os vícios comuns à juventude, acostumado a trabalhar de sol a sol, não tendo tempo para o tédio e a vagabundagem.

Hoje em dia, espanta-me observar a displicência dos familiares, remetendo os filhos para escolas absolutamente amorais, quando não francamente imorais.

Jamais frequentei qualquer aula pública. Papai não era abonado mas vivia da produção agrícola de pedaço de terra recebida em herança. Essa mesma terra foi dada a

mim, que perpetuei as culturas, buscando adequar-me às conjunturas nacionais e mundiais, conforme as flutuações da civilização determinassem.

Em tempo hábil, fiz meu filho assumir a administração da fazenda e vim viver na cidade, folgadoamente amparado pelas rendas das propriedades que adquirira no tempo das *vacas gordas*. Lamentavelmente, meu filho não conseguiu manter o mesmo nível de rendimento das terras, tendo-as dividido em lotes, que se urbanizaram rapidamente pela proximidade da cidade. Mas foi feliz nos negócios e se instalou muito bem na nascente indústria brasileira.

Não quero prosseguir desenvolvendo o tema dos favorecimentos ocasionais do capital bem aplicado. Mas a verdade é que me sentia muito mal sem trabalhar, buscando fazer uma coisa ou outra, para manter-me produtivo para a família.

Quando, aos setenta anos de idade, perdi a esposa, foi como se a vida também se desvanecesse. A tristeza da falta da companheira se traduzia na impossibilidade de me manter sozinho. Meu filho desejou levar-me para sua casa, mas permaneci fiel à lembrança de minha querida, na companhia de família de bons empregados, que me estimavam como parente, tanto que hoje todos estamos reunidos em torno desta mesa.

Dizem-me os que estragaram suas oportunidades de vida que obtive de Deus a paz necessária para que houvesse a força de vontade relativa aos procedimentos humanitários, não tendo sido experimentado, deveras, nas lutas e sofrimentos da pobreza. Quando lhes respondo que trabalhei ativamente até os sessenta anos, produzindo bens sociais, dizem-me que gostariam de ver o velho arremessado em casa de atendimento oficial e gratuito, para saber como reagiria.

Realmente, não tenho condições de contestar tais provocações com respostas definitivas. Talvez tenham razão e minha consciência não haja despertado para as injunções que se cristalizaram, tanto repeti a vida toda que a retidão do caráter não poderia sofrer qualquer risco.

Tenho pensado seriamente em submeter-me ao processo de regressão da memória, para lembrar outras passagens pela Terra, para avaliar o porquê de ter recebido personalidade terrena tão proba e determinada a seguir as diretrizes dos antigos. Teria sido o isolamento infantil e juvenil? Teria sido o amor severo e integral de meus pais? Será que tudo ocorreu por não ter tido irmãos? Teria contribuído para minha formação o temor de ofender a Deus, que me foi incrustado na mente nas aulas de catecismo? Terei recebido acanhado aparato intelectual, incapaz de analisar as nuances de comportamento e as sutilezas argumentativas dos que percebem a complexidade existencial? Ou, unicamente, fui bom porque tenho a alma simples e caridosa?

Sei que os que me provocam não têm outra intenção que não seja a de me fazer meditar a respeito da personalidade. Mas haverão de concordar com que é muito gostoso e saudável acreditar em que se tenha qualidades e que se merecerá receber, em breve, obrigações e responsabilidades para desempenhar as funções socorristas.

Aguardo em Deus que este estágio seja rápido, pois, acostumado ao trabalho, as determinações para a reflexão me angustiam um pouco. Se era para falar a verdade, eis que nada pretendi esconder, a não ser a dura crítica que gostaria de fazer aos que não cumprem os deveres com eficácia evangélica.

Relendo o que escrevi, percebo que já instalei no vocabulário muitas expressões que me eram totalmente desconhecidas até bem pouco tempo atrás. Não sei se as apliquei corretamente, mas a isso não atribuo fundamental importância, pois tenho para comigo que tudo evolui harmoniosamente no universo, havendo momento em que terei a oportunidade de examinar este escrito e todos os pensamentos com propriedade, sob a luz de novos conhecimentos, já que não pretendo estacionar sobre os louros.

Terei bem dado o título ou haverá quem proponha algo melhor? Certamente, será acolhido com efusão e boa vontade.

Que a caridade do Senhor alcance a todos nós! Graças a Deus!

PÂNICO NO ETÉREO

Sempre que os protegidos dos desencarnados entram em crise, são atendidos diligentemente, com extraordinária calma e precisão evangélica. Isso ocorre invariavelmente, mesmo quando as forças malignas dos que não se conformam em perder a ascendência sobre os mais fracos buscam neutralizar a bondade e a perseverança dos benfeitores.

Mais raramente, quando se reúnem os piores para o assédio a alguém mais vigilante e mais cooperador no plano da mediunidade, há que se juntarem forças também do lado dos que evangelizam, como se se aprestassem para algum empreendimento bélico. Se houvesse outro modo de proteger os encarnados, evidentemente não haveria de se recorrer aos recursos extremos.

Mas o *ataque* das forças do etéreo, coligadas às boas vibrações do mortal, se realiza maciçamente, dando aos pobrezitos infelizes a impressão de que serão aprisionados e trancafiados em celas individuais, onde curtirão a maldade do coração por tempo indefinido. Aí, correm em fuga, covardemente, pois não têm armas para opor aos dardos das vibrações fulgurantes. São os relâmpagos a anunciarem a tormenta.

Esse o pânico a que me referi no título, pânico que se infiltrou em minha alma, há algum tempo atrás, quando participava desse roteiro maligno, contra um irmãozinho prestador de serviços aos desencarnados.

Não me contentarei, enquanto não disser que, em vida, também desejei ser médium, de preferência vidente. Via poucas sombras mas desfiava aos olhos surpresos dos circunstantes inúmeras criações de bem provida imaginação. À época, sugeria a mim mesmo que os quadros que se me formavam na mente eram reais, pois, antes de contar aos demais o que se passava no cérebro, buscava concretizar as figuras e as paisagens, para ver se nada iria falhar na verossimilhança, que acreditava fundamental.

Sei que essas mentiras poderão indicar que prossigo inventando situações delicadas, pondo em risco, inclusive, a veracidade das informações contidas nas mensagens apanhadas pelo mediador. Mas esse é risco irremovível.

Pois bem, ao retornar à espiritualidade, cheguei muito temeroso de ser desmascarado pelos antigos companheiros, pois, finalmente, compreendera que a verdade é bichinho esperto, sempre pronto a alcançar a mentira, cuja pernas são bem mais curtas.

Aí, não tendo noção do que fazia, procurei aprender a sugerir aos encarnados as imagens que gostariam de ver criadas, na ânsia da aquisição do dom da mediunidade vidente.

Durante bom tempo, fiquei imerso nesse trabalho inglório, nada conseguindo que não fosse possibilitar aos encarnados as figurações imaginosas, iguais às que eu mesmo pensara fabricar em vida. A mediunidade, portanto, existia, mas mal dimensionada, mal administrada e mal compreendida.

Incrível era o fato de que os espíritos mal intencionados se reunissem em grande número, mas nunca davam aos irmãos no orbe a ideia exata do que sucedia. Evidentemente, havia quem zelasse para a ilusão e não para a realidade.

Quando os protetores julgavam que havia inocência ou mera intemperança da parte do médium, corriam conosco.

Foi assim que, um dia, me vi deveras preso em espécie de rede fluídica, armadilha de amor que me apanhou desprevenido, já que os antigos temores de desmascaramento se haviam dissipado, durante o envolvimento a que me dei para as tarefas da maldade.

Nada fiz de especial para merecer o apanágio da salvação. A única preocupação era ver se seria bem sucedido nos empreendimentos dolorosos, o que, invariavelmente, me gerava a aflição de ver o pobre irmão enleado nas próprias tramas. Sentia-me na pele deles e cheguei a compreender que o mesmo, por certo, houvera passado comigo. Mas não cheguei a ficar extremamente agoniado. Antes, até me reconfortava saber que a mediunidade existia, pondo de lado o fato de que os antigos companheiros talvez pudessem ter adquirido certas noções erradas, em virtude das falsas informações. Fantasia em acréscimo de fantasia, gerando circunspeção supersticiosa, no enfrentamento dos labores medianímicos.

Penso ter descrito suficientemente bem as ocorrências no campo dos relacionamentos espíritas. Claro está que a textura de minha personalidade é complexa e os desabonos muito mais extensos do que simples petas aos companheiros e aos humanos. Contudo, não me atreverei a ir mais longe, para não complicar demasiadamente esta simples descrição psicológica, para o efeito da caracterização espiritual de minha pessoa.

Peço, aos que me lerem na Terra, que, antes de mais nada, se simpatizem com todos os emissários da turma, que se justificam pela necessidade de contar a verdade, sem acréscimos e sem rupturas da realidade. Sendo assim, participem das vibrações desta maravilhosa hora de contacto mental, para se possibilitarem a visão do grupo ou dos protetores que os estiverem acompanhando. Não julguem que se trata unicamente do poder de figuração das mentes. Assim como eu, poderão equivocar-se, pois são muito poderosos os amigos que auxiliam os que pretendem desenvolver-se, muito mais do que aqueles que alcançam as ilusões para o desvio doutrinal.

Há algo que me fará particularmente jubiloso, ou seja, se confessarem a si mesmos que não haviam atinado com a possibilidade deste tipo de realização da perfídia e a conseqüente resposta da benquerença. Mais contente ainda ficarei, se me corrigirem as observações, acrescentando elementos com os quais não atinei.

Tudo o que se faz com amor, produz resultados maravilhosos, para o progresso espiritual.

FOGO NA SELVA

Dentre os fatos naturais, o que me parece o pior é o fogo nas matas, que destrói a flora e a fauna, impiedosamente.

De pronto, os companheiros leitores poderão desconfiar que dei causa a um desses incêndios, com objetivos espúrios, para afugentar silvícolas ou para apropriação indébita de terras devolutas.

Foi a maior catástrofe natural que pude observar, se bem que, à época, estivesse eufórico com a conquista de bom pedaço de terra, onde cultivei o pasto e dei guarida a inúmeras cabeças de gado.

Foi depois do passamento que entendi o grande desastre que originei, tendo sido obrigado, com muitos companheiros, a permanecer na zona infernal, fogo a mais de quatrocentos graus centígrados, desconhecendo a natureza fluídica do corpo que portava.

Quem teve forças para obrigar-nos?

Ora, a consciência, graças a Deus!

Se tivéssemos adversários declarados, empolgar-nos-ia a luta contra desafetos de quaisquer tipos. Mas o inimigo, insidiosamente, se constituíra no vigilante mais próximo possível, dentre de nossa própria constituição psíquica.

Se dei *graças a Deus*, por que chamo a consciência de *inimiga*?

Simplesmente, por questão semântica, pois chamar de *amigo* a quem nos faz sofrer é ser impiedoso para com quem, realmente, quer o melhor para nós, sacrificando-se, inclusive, em termos de renúncia, às prerrogativas das acusações.

Não trago exposições teóricas, senão com o intuito de que se analisem os raciocínios a quem se sente acuado pelas más ações.

Se lhes disser que sinto calafrios por me supor perseguido pelos guardiães florestais, aí irão poder concretizar a tal *consciência*. Mas, de qualquer modo, para poder ter chegado até este posto de denúncia das podridões morais, preciso seria sempre que tivesse de passar pelo crivo do remorso, no deságue do arrependimento.

Quando penso no proveito que dei à destruição florestal, ou seja, na criação de gado de corte, aí mais me horrorizo, pois desconsiderarei a premissa ao incentivo da dor, mesmo que sob o efeito narcótico da cultura alienante do dinheiro e dos valores

humanizados e não, para utilizar expressão ultramoderna, ecológicos, no respeito ao relacionamento entre todos os seres da natureza, para não dizer de todas as criaturas do Senhor.

Precisava ter feito o que fiz para chegar à compreensão que agora tenho?

Questão ociosa, digna de quem pretenda escapular aos deveres evangélicos, que se inscrevem na inocência infantil e que são burlados pela sociedade isenta de conceitos morais sobre a criação como obra de Deus.

Tenho percorrido o orbe e visto os crimes que se perpetram ainda agora contra a mesma natureza que devastei. Não vou dizer que os crimes avultam em importância, pois não pretendo furtar-me à responsabilidade. Contudo, a área da devastação cresce assustadoramente. Em contrapartida, com o incremento das noções positivas de salvaguarda do planeta, inúmeras instituições evoluem pujantemente, tendo em vista significativo acréscimo de pessoas imbuídas dos ideais ecológicos.

É pena que um punhado de homens tenha o poder de causar danos muito extensos, impossíveis de serem resgatados pelas mesmas pessoas que os provocam. Aqui a regra do um para um não funciona. Pensem nisso, caríssimos irmãos, antes de elaborarem em erro, pensando que não existe tanto problema, quando se trata de conquistar espaços junto aos animais e vegetais.

Será que os da espiritualidade têm de se preocupar com questões tão intimamente afetas aos encarnados?

Quem nos garante que não teremos todos nós de sofrer as consequências dos desastres ecológicos, tendo de reencarnar no planeta em péssimas condições de sobrevivência física? E se tivermos a desdita de ver as pessoas queridas em tal contingência de dor?

Espero que concluam comigo que a tragédia que promovi junto à natureza eclodiu em desesperação mental, simbolicamente tão angustiante quanto ao fogo que ateei na selva.

Eis que se faz justiça, no campo das impropriedades culturais aplicadas no cerceamento das liberdades de quem ou do que não possui de si código escrito, no tomalá-dá-cá da inter-relação existente entre todos os seres, materialmente falando.

Em suma, perdoem-me a malvadeza da dissertação, tão pejada de terminologia arrevesada e tão simplória, como se tudo devesse girar em torno dos malfeitos, para que haja verdadeiro progresso. Fugam de colocar fogo seja onde for, mesmo que nesta página, combustível puro para quem se sinta ofendido em seus critérios de domínio da natureza. E não são poucos...

FUNESTO PRESENTIMENTO

Tinha preparado minha composição com muito carinho. Agora, porém, diante das tropelias naturais de quem não tem segurança, vejo-me na condição do novato que se põe perante a plateia, temeroso de ser mal sucedido.

Correm em meu socorro e me magnetizam convenientemente, pois não se poderá admitir que haja solução de continuidade nos trabalhos, por causa de falhas na transmissão.

Fica o escrevente de orelha em pé, não tendo comparecido no dia de ontem, em virtude de compromissos familiares inadiáveis. Mas estou referindo-me a problemas íntimos meus. Vejam no que dá a incerteza das realizações, pois posso ofender até a quem mais nos auxilia, já que, sem o mediador, não há mensagem para os encarnados.

Engulo, pois o meu *funesto presentimento* e me componho para transmitir a composição preparada.

Em vida, fui o retrato fiel que acima descrevi, ou seja, não me atinha a nada importante por longo tempo, buscando fugir aos compromissos, dado que me precipitava em quase tudo, mesmo em simples desenvolvimentos verbais.

Fruto, talvez, da gagueira, não me sentia confiante em mais nada, a não ser que me deixasse impelir pelos vigorosos impulsos do rancor, do nervosismo descontrolado ou da afobação à vista da premência dos resultados.

Sinto muito estar provocando no médium certo destemperamento mental, pois deixei-o entrever, de relance, fugidamente, inúmeras vibrações emocionais, não lhe dando azo a concatenar adequadamente os influxos energéticos, os quais deveria organizar para a expressão compreensível do que tenho para ditar.

Quem tiver a pachorra de analisar estes elementos, irá, talvez, concluir que houve certo primor linguístico, uma vez que as palavras só se atropelam no cérebro do irmãozinho, imprimindo-se no texto com alguma elegância e precisão. Mas não se trata, absolutamente, da mensagem que tenho em mãos, rascunhada e vistoriada pelo pessoal responsável pelo trabalho do dia.

Sinto-me na obrigação de esclarecer que são os colegas que dispõem a respeito de quem irá participar da rodada de ditados, cada qual com função determinada pelo grupo e acatada por todos, segundo exposições rigorosas das necessidades individuais.

Satisfeita a premissa de que não se deve informar aleatoriamente, volto ao texto primitivo.

Tenho resistido bastante à apresentação dos dramas pessoais, por não me sentir seguro quanto à receptividade dos leitores, relativamente à necessidade que todos os integrantes do grupo têm de falar estritamente a verdade, sem omissões de vulto.

Como não tenho a convicção de que haja sido criminoso, embora praticasse um homicídio (resgatado devidamente, estando, inclusive, presente a vítima), sinto-me inibido a prosseguir, delatando as ocorrências que redundaram em tão trágico desfecho.

Ajuda-me o escrevente com as palavras, estando eu a comunicar-lhe quase exclusivamente os sentimentos de que me sinto possuído.

Como sei que muitos companheiros sofredores estiveram em situação semelhante, preciso resgatar a imagem do pessoal que frequenta esta turma, referindo-me ao fato de que somos um pouco mais do que carentes de socorro imediato, tendo todos passado por escolarização elementar, no que respeita às principais leis evangélicas ou cármicas.

A variação terminológica foi sugerida pelo escrevente, para que eu pudesse esclarecer quanto às premissas dos ensinamentos que se levam a cabo nos primeiros tempos da *Escolinha de Evangelização*. Mas, para se chegar a compreender os princípios evangélicos, fundamentados nas leis do amor e do progresso, e as diretrizes cármicas, a partir das leis naturais ou da justiça superior ou divina, há que se ter equilíbrio consciencial, caso contrário seria impossível implantar na mente dos infelizes qualquer sentimento mais espiritualizado.

Perdoem-me a barafunda textual, mas compreendam que, diante do insucesso do autocontrole vibratório, preciso improvisar, fugindo, evidentemente, da cronologia terrestre, para a afirmação de que as confusões que se seguiram ao desterro no Umbral não se deram de outra forma, tendo necessitado passar por inúmeras sessões de terapia ocupacional, para remover as grosseiras injunções do costume de pensar arrevesado sobre as responsabilidades e compromissos.

Sei que esta é, de longe, a manifestação mais perversa das enunciadas até a data pelo grupo, mas tenho para comigo que, ao final, consegui evidenciar a maneira de ser perturbada e infeliz, não inteiramente afeita aos rigores da disciplina que os mestres requerem para liberarem-nos para as funções sagradas do socorrismo.

Caso os irmãos julgarem que o título terminou sendo absolutamente coerente com a dissertação, ficarei satisfeito, pois terão compreendido o recado que desejei transmitir. Mas reitero que o texto acabado não corresponde, nem na sombra, àquele que tenho sob a vista e que não consegui ditar.

Ao amigo escrevente, solicito o especial favor de não acomodar as ideias. Aliás, de novo incido em falha de comunicação, pois poderei ensejar aos leitores a falsa ideia de que o amigo tenha o hábito de fazê-lo. Retrato-me, pois, e afirmo, peremptório, que nunca o amigo fez nada sequer parecido com o que lhe sugeri pudesse vir a realizar. Taxativamente, devo dizer que as únicas alterações a que procede se referem à eliminação de repetições de palavras, o que ocorre quando o emitente não consegue estabelecer o fio condutor da transmissão. No meu caso, insisto em que até tais modificações não se façam, para deixar bem nítido que não tenho a segurança que seria lógico esperar de quem vem trazer mensagens de consolação, de advertência ou de simples exemplificação.

O que quero dizer, para concluir, como consta do roteiro original, é que este não é o local mais feliz para os mensageiros extravasarem os problemas, no sentido de favorecer a sua cura, pela piedade ou comoção que as deficiências venham a provocar nos amigos terrestres, originando neles a necessidade da oração participativa.

Sei que não tem muita lógica o que acabo de referir, mas a verdade é que os amigos leitores não devem preocupar-se comigo, mas com os próprios sentimentos, para que se firmem na concepção das obrigações a serem executadas durante o transcurso da vida.

Que Jesus nos ampare a todos nestas circunstâncias especialíssimas, em que os mais infelizes se transformam em representantes do Alto!

Perdoem-me novamente por sugerir, inconscientemente, que os bons amigos possam vir a ter as mesmas dificuldades...

LUZES DO ALTO

Quem há de temer as luzes, quando, pronunciadamente, descaem das alturas, orientando-nos nos procedimentos mais complicados, simplificando as diretrizes, definindo os termos sobre que devamos meditar?

A consolação a quem sofre há de conter tais características, pois se tem de adquirir a certeza do amparo e a convicção do serviço.

Entretanto, não se pode fugir aos preceitos doutrinários, em linguagem pura mas humana, e tudo isto se encerrou nas obras mais importantes para a humanidade e para os seguidores do Espiritismo Kardecista.

Por tradição destes mensageiros, caberia citar os títulos, para a confirmação de quais obras se trata. Mas não iremos fazê-lo, por inócuo, por repetitivo, por cediço.

Haverá suficientes elementos no texto para caracterizar o nível evolutivo do espírito que lhes escreve?

Se pelo dedo se conhece o gigante, eis que as evidências se acumulam.

Falta falar do Senhor, Criador, Onipotente e Onisciente?

Pois muitos poderiam estranhar a gratuidade da citação, lembrando-se, devidamente, de que é lei das antigas a que impede a nomeação do santo nome do Senhor em vão. Dessa forma, o simples fato de falar em Deus não irá servir para precisar que estas *luzes* caiam do *Alto*.

E de onde mais, se forem verdadeiramente conhecimentos de caráter superior, a orientarem os desajustados, os indecisos, os malvados, os... Haverá, deveras, necessidade de nomear os piores, quando sabemos que nem os melhores se predispõem a leituras desta natureza?

Gostariam de ler a historinha de meus insucessos?

Pois haverão de ficar na vontade, uma vez que o episódico só atiça a curiosidade mórbida e não tem o poder de estimular a reflexão. Por outro lado, esta espécie de rebeldia, de acusação, de pregação ou de *puxão de orelhas*, pelo menos, fornece ideias diferenciadas do ramerrão, para a elaboração de raciocínios mais agudos a respeito dos próprios procedimentos intelectuais ou sentimentais, no campo da moralidade, da religiosidade ou da filosofia que promanam dos textos mediúnicos.

Como, porém, cabe a todos os da turma referirem-se aos personalismos dos caracteres, devo mencionar o fato de que este estilo reflete, com exatidão e propriedade,

os diversos recursos retóricos de que lançava mão para impor-me à sociedade dos humanos.

Sei que estou metaforizando demais a exposição, tornando-a exercício de descoberta da verdade psicológica, pelos indícios de comportamento que vou desfiando. Policialmente, à Sherlock Holmes, quem estiver disposto a montar o quebra-cabeça, ao final, poderá repetir, enfático:

— *Elementar, meu caro Watson!*... — frase que se criou na divulgação da obra de Sir Arthur Conan Doyle através da cinematografia, mas que não se encontra no corpo textual dos romances.

Agora sou eu que terei a necessidade de receber séria advertência dos maiores, se não souber extrair conveniente ilação do trecho histórico, pois o episódico iria determinar a contradição dos raciocínios.

Mas isso é fácil, para quem deu o título que dei.

Na verdade, o desvio da atenção do fulcro do problema para o acessório, o acidental, só aconteceu no sentido da exemplificação positiva, para que os amáveis leitores pudessem concretizar os pensamentos, que havia acimado de excessivamente teóricos.

Se sentirem profundamente complexo o movimento ondulatório desta personalidade, haverão de concluir que nem sempre as necedades redundam em algo desprezível, pois são capazes de oferecer elementos para que as mentes mais acuradas tenham possibilidade de se encaminhar para a realidade dos desvios psíquicos mais importantes.

Não será essa a premissa essencial de todo o trabalho da turma, no oferecimento que vem dando das formulações possíveis do caráter humano, quando tendente ao egoísmo, ao orgulho, à vaidade e demais mazelas espirituais? Então, é aproveitar para conhecer os fundamentos mentais dos desequilibrados, se se quiser executar serviço socorrista de vulto.

Quem estabeleceu o princípio de que o texto derivava para o gracejo gratuito, embora vazado em terminologia até certo ponto bem cuidada, ou melhor, não comum no linguajar do populacho inculto, terá de refazer os conceitos sob análise, para buscar reconhecer alguns tópicos preciosos, para que a meditação ganhe foros de verdade a respeito das ondas de vibrações que partem do etéreo.

E a esdrúxula citação de Doyle (que não foi do autor inglês!) como se encaixará nesta seriedade retórica que está assumindo a dissertação?

Simplesmente, para evidenciar a necessidade do conhecimento, na ampliação dos horizontes culturais, na absorção de todos os valores como normativos da postura essencial do exame equilibrado (evangélico) dos fatos, na acepção que se realizará das virtudes superiores que nortearão o lento avançar evolutivo.

Devo concordar com os que concluírem que tudo o que disse poderia tê-lo feito de modo mais preciso, organizado e científico, segundo o método cartesiano ou as regras da lógica formal. Mas tudo seria bem menos lúdico. Não é assim que prefere quem se debate na crassa ignorância dos personalismos?

Boa sorte, caríssimos irmãos, na análise a que estão procedendo!

Estão procedendo?

Queiram interpretar a última interrogação como derradeira brincadeira intelectualizada que estabeleço dentro do grupo, na desconfiança de que as exposições mediúnicas não surtirão qualquer efeito. Pessimismo? Não. Realismo de quem conhece a si mesmo, a ponto de saber como reagiria se encarnado.

Finis coronat opus.

RECURSOS EVANGÉLICOS

Habitualmente, os mensageiros desta casa trazem aspectos programáticos dos cursos de evangelização, dando azo a que as exposições se façam pelos princípios rigorosos dos mestres. Fazem-no com simplicidade, buscando dar cunho pessoal às dissertações, adaptando o que lhes parece concernente aos problemas que enfrentam ou enfrentaram. É dessa forma que pretendem estimular os amigos leitores para a continuidade dos estudos em nível mais elevado, para o que indicam as obras de Kardec, início obrigatório do ponto de vista da espiritualidade.

Todavia, alguns se atrevem a ir mais longe, para comunicarem conhecimentos próprios, com as ressalvas devidas, sempre dispensando à matéria o tratamento conveniente, de acordo com a possibilidade de conhecimento dos seres humanos, ou não teria sentido elaborar teses maravilhosas, sem apego à realidade.

Não fora no próprio Kardec, lemos em muitos autores que a teoria espírita evoluirá com o perpassar do tempo, condição universal da existência. Sendo assim, há que se ter muito cuidado com as comunicações oferecidas por espíritos cheios de boa vontade, mas impossibilitados de conhecer muito além do que as primeiras letras. Muitos, ao se depararem com informações do teor da nossa, atrevem-se a avançar nas teses, sem o compromisso de profundos estudos, sem a dedicação ao exame minucioso da matéria ou do cosmos, sem a reflexão saudável à luz das informações firmadas pelos mensageiros do Alto.

No espaço humano, após a leitura destes textos, alguns se julgam traídos pelos antigos, pois não conseguiram configurar opinião definitiva, como se sua capacidade se tivesse cristalizado no ponto mais elevado da evolução. Não se trata, propriamente, de falta de humildade, mas de não reconhecimento de que a capacidade intelectual, mental ou espiritual não se esgotará jamais no recinto do cérebro.

Lamentavelmente, este que lhes escreve esteve a pique de submergir nessas malignas ondas de egocentrismo, crente de que tudo poderia conceber, a qualquer momento, despreparado para as lutas maiores que aguardavam por mim, no campo do etéreo. Encarnado, supus-me na iminência da descoberta de todos os segredos da natureza, bem próximo de conhecer a verdade.

A pior das consequências foi não admitir divergências em matéria de aprofundamento doutrinário. Ao contrário, desejei impor-me a todos, incorrendo no erro de esbofetear moralmente a quem se opusesse às minhas iniciativas elucidativas.

Claro está que, por força de formação acadêmica, sabia desenvolver os tópicos cientificamente. Isto pode parecer que vinha em auxílio das ideias, contudo, punha de lado a intelectualidade de todos os que não tiveram o privilégio de cursarem a universidade, não aceitando que pudessem raciocinar preclaramente.

Sei que o desenvolvimento do texto está levando-me, coercitivamente, a propor-me falho ainda agora, desautorizando todas as referências positivas que levei a efeito, no sentido da comprovação das teses. Mas não me importo com isso, já que o que realmente pretendo é dar aos amigos o direito de tergiversar, desde que bem fundamentados em conhecimentos extraídos dos estudos e dos exames da existência.

Não preciso dizer que fui dirigente de centro espírita kardecista e que gerenciava o apostolado dos confrades com pulso de ferro. Na parte doutrinária, não admitia quem não tivesse lido todas as obras de Kardec e insistia para que o pessoal fosse tomando contacto com as novíssimas publicações da Federação Espírita Brasileira. Mas o mais importante para mim era a leitura dos textos que produzia e que levava recortados dos jornais.

A par dessas atividades, imiscuí-me em todas as iniciativas da benemerência, pois era sagrada a dedicação à caridade, como ponto supremo a ser considerado na balança do bem e do mal, após o desenlace. O lema **fora da caridade não há salvação** consagrei-o no fundo da alma e foi isso que me impediu, deveras, de rolar abismo abaixo.

Rendo preito de homenagem ao Codificador, embora devesse censurá-lo por ter sido demasiadamente consciente da necessidade de tudo enfrentar com a espada dos silogismos, deixando registrada a preponderância científica sobre todos os impulsos da intuição. Foi aí que me perdi pela letra das observações, pois acreditava que Kardec estava a sugerir que, em tempos imediatos, a humanidade evoluiria para a glória da sabedoria e da convivência sob as leis evangélicas do Cristo.

Agora sei, por tudo o que acima expus, que a verdade está longe de poder ser assimilada pela mente humana e até mesmo por espíritos evoluídos situados nas esferas próximas. Também sei que deveremos, prudentemente, ir sedimentando os conhecimentos a respeito da personalidade, para a eliminação dos defeitos e para o acréscimo das virtudes, caso contrário, seremos conduzidos para a estagnação dos que tudo negam, inclusive a própria desenvoltura intelectual, mental ou espiritual.

Não é verdade que a aquisição dos recursos evangélicos é o bem mais precioso que todos os irmãos vêm estimular junto aos humanos? Então, em que ficamos?

DELIBERAÇÕES INADEQUADAS

Nem sempre os irmãos que trazem notícias para os mortais conseguem imprimir aos textos o real contorno do pensamento que os movimentou nesse sentido. É que um assunto puxa outro e, de repente, estão desenvolvendo temas paralelos, de forma incompetente e contrária a todos os princípios da ponderação que os mestres tentam fazer-nos assimilar.

Claro é que tudo o que passamos pelo mediador está devidamente aprovado pelos professores responsáveis pelos trabalhos da turma, mas isto não significa, necessariamente, que o que deliberaram seja exatamente o que escreveram.

Chamamos de inadequadas essas deliberações, mas nem sempre o são globalmente. É que este pessoal deve satisfazer ao princípio da verdade, de forma que, se o texto se desviar das primeiras intenções, não irá servir para os estudos a que nos propusemos.

Não interpretem esta dissertação como exemplificativa do que vimos dizendo, nem como advertência dos mentores para a sistemática a ser aplicada no exame das comunicações. Apenas estamos introduzindo a nossa maneira de ser, a nossa *psicologia*, se assim pudermos denominar o que de mais habitual ocorre conosco nas reações aos estímulos externos ou mentais.

Durante a vida, fomos minuciosíssimo em tudo o que fizemos. Mais ainda: éramos perfeccionista, ao extremo de nos considerarmos apaniguado por poder de concentração acima da média, roçando a genialidade.

Se pelo dedo se conhece o gigante, hão os amigos de concluir que tínhamos a pretensão de ser, mas não éramos.

Voltar às narrativas das decepções e dos desesperos umbráticos será cair no plano oposto da estupidez.

Querem saber mais? Pois todo este desenvolvimento, mesmo com a chancela dos instrutores, parece-nos medíocre, tangenciando a inutilidade. E o texto atual está sendo reproduzido tal e qual, sem derivações de última hora, inadequadas ou inoportunas.

Pensamos muitíssimo para vir trazer esta mensagem de desvelamento de personalidade insatisfeita consigo mesma, como se tratássemos de nós em terceira pessoa, o que o plural está carregando à proficiência.

Que poderia ter feito para melhorar o desempenho? Em primeiro lugar, passando a redigir no singular, referindo-me a mim com os verbos e pronomes indicando unicamente a minha pessoa. Isto revelará de imediato que o plural servia para camuflar a individualidade, generalizando, até certo ponto, as informações para outros membros da turma.

Notou o mediador a dificuldade que eu sentia para me manter coerente na citação pessoal, tanto que quase disse *sentíamos*. Mas esta é deliberação inadequada, introduzida nesta mesma hora. Voltemos ao texto.

Outro dia, um colega (ver *Luzes do Alto*) não conseguiu seguir o texto e elaborou um de improviso, reclamando muito consigo mesmo por não ter realizado o ditado conforme o programado. Mas tirou de letra a situação desagradável e referiu-se a todos os problemas, inferindo das exposições as consequências íntimas, como lhe fora recomendado. Com isso não me conformaria eu, pois tenho para comigo que o melhor é a perfeição do texto redigido com antecipação, ainda que o colorido seja adrede preparado para o efeito literário.

Aliás, sabendo disso, impedi-me de burilar as frases, dando-lhe o sentido mais corrente da linguagem vulgar, para não intentar passar que permanecia com a impressão de que, na verdade, tinha o condão da superioridade que arvorara.

Não foi muito o que trouxe para os encarnados, mas, se encontrar um só leitor igualmente compenetrado da mais valia de sua qualidade intrínseca (eis exemplo típico do circunlóquio que desejei evitar), ficarei satisfeítíssimo, pois poderá estar aí o germe de reconstrução mental ou emocional de excelentes consequências no campo espiritual, mesmo durante a encarnação.

Para finalizar, devo ressaltar que passei a vida de maneira morna, sem grandes arremessos nos campos das sensações e prazeres físicos, nem tendo com que me haver em relação aos desgostos provocados pelos sofrimentos. Soube receber o impacto das notícias ruins, mas não tive nenhuma tragédia para lamentar. De resto, o noticiário jornalístico sensacionalista não me atingia, considerando os irmãos responsáveis pelos infortúnios que os assoberbavam.

Deveria ter tremido um pouco e corrido em ajuda aos que fossem passíveis de atendimento, reconheço agora. Talvez isso tenha colaborado para a terrível passagem pela escuridão.

Pensem nisto, por favor, sem menosprezar o esforço que fiz para despertá-los para as vicissitudes provocadas por sentimentos egoísticos e desproporcionais.

RUMORES DE RUA

Não devem preocupar-se os amigos médiuns, caso se sintam perturbados por ruídos externos, como vozerios, sirenes, batucadas, buzinaços e panelaços. Talvez se tornem chamarizes quase insuportáveis, mas, por detrás deles, sempre poderão ser encontrados seres em desequilíbrio. Notem que não estamos referindo-nos a perturbadores de ambientes, como se o fizessem de propósito para desviarem a atenção dos que deveriam concentrar-se para os trabalhos mediúnicos ou assemelhados.

— *E se ocorrer de interrompermos a tarefa, reassumindo completamente a consciência, sem que os irmãos do etéreo possam prosseguir comunicando-se?*

É aí que entra a competência dos orientadores, que deverão ter deixado esclarecido que todos os trabalhos devem desenrolar-se em paz e harmonia, não havendo qualquer importância no fato de que, uma vez ou outra, possam não dar inteiramente certo. Antes que os encarnados percebam o que está sucedendo, já os amigos da espiritualidade tomaram conhecimento dos problemas, ajuizaram da extensão deles e providenciaram, para que os exercícios doutrinários do etéreo não sofram solução de continuidade.

Fazendo a comparação, poderemos representar os pensamentos íntimos como ruídos externos. Se os amigos estiverem sob o impacto de acontecimentos tristes, sobre os quais não podem exercer qualquer interferência para amenizá-los, não haverá que se justificar perante os benfeitores encarregados das tarefas da casa, pois saberão, em tempo hábil, quais os problemas que irão enfrentar, sempre agindo em consonância com as diretrizes evangélicas, para se proporem substituições oportunas.

Venho referir-me a este fato, na tentativa de tranquilizar a quantos leitores tenham passado por quejanda situação ou, se aprendizes, estejam a temer o enfrentamento dela.

Se quiserem supor que tal foi o problema que tive na derradeira encarnação, poderão; mas não terão atinado com a realidade dele. Aliás, nem de longe me supus membro integrante de qualquer seita ou religião de caráter oculto, em reuniões a portas fechadas. Minha fé religiosa, malfadadamente, abria a porta para todas as pessoas, de forma que se obrigava a aceitar muitas contrariedades internas, alheando-se dos compromissos pessoais para encará-los de maneira genérica, através da sociedade como um todo. Para os indivíduos, o confessorio e a obrigação da verdade e do arrependimento. Cobranças de débitos? Só se fossem diretamente tratadas com o sacerdócio. A igreja não tinha receio da intromissão de ninguém, preparada que estava

com as objurgatórias e execrações. No final, haveria sempre os recursos do púlpito e a excomunhão.

Não vim para a crítica, mas para referir-me ao fato de ter assimilado tal contexto psico-religioso, de forma que o procedimento se pautava por série imensa de confrontos com as leis do Senhor.

Se quiserem, poderão cotejar estas informações com as recomendações acima, a respeito das reações que deverão seguir, conforme se virem assediados por ideias em descompasso com as noções do bem e da virtude que estão aprendendo a duras penas, no dia a dia das lutas. Se julgarem melhor não se imiscuírem nos temas pessoais do mensageiro, busquem investigar como têm reagido às provocações de toda espécie e, caso se sintam prejudicados, estabeleçam o bom hábito da oração, para a solicitação de ajuda imediata dos protetores espirituais.

Temo que tenha deixado a caracterização da personalidade assaz dificultosa, pois não me lamentei, na verdade, de nenhum mau procedimento que tenha originado queda acentuada na escuridão consciencial. Desta forma, os indícios deverão buscar-se no linguajar aprimorado, ou não, e nas preocupações de auxílio verdadeiro, ou não. A partir daí, acentuar os aspectos positivos e os negativos, agindo em consonância com as alterações a que procederiam no texto, caso tivessem de redigi-lo de acordo com a temática sugerida.

Graças a Deus, estamos levando para frente o projeto com que nos comprometemos, mas ainda estamos demasiado crus neste tipo de informação. De qualquer modo, esta declaração deve ser levada em consideração para que se forme o julgamento a que acima nos referimos, principal objetivo destas explicações.

Será que deveriam dar-me monitoria junto aos companheiros menos capacitados? Ou esta proposição irá ser o ruído final para a perturbação do exame e da crítica?

Enfim, não seria muito melhor que os próprios espíritos viessem dizer claramente que são bons, ruins ou mais ou menos? Seria possível?

DESNORTEADO

Dentre os infelizes que se apresentarão até o final destas transmissões, serei dos mais lamentáveis, não tendo alcançado sequer elaborar o meu rascunho sozinho, nem estando possibilitado a transmitir o texto sem ajuda considerável.

Dada a informação inicial, precipito-me nas *desandaças* terrenas, porque fui mau, inclusive a ponto de ferir de morte, lamentavelmente, a vários irmãos. Hoje os alcinho assim, mas, no tempo da carne, chamava-os pelos nomes mais indecentes, que me arrepiam só pelo fato de me lembrar deles. Se estou tão estremecido em relação às palavras, imaginem, então, quanto aos atos.

Na verdade, não tenho que pedir perdão a nenhum deles, satisfeitos que estão com o sofrimento que a sorte me impingiu. Sei que foi o resultado da lei de causa e efeito, mas prefiro denominar de sorte, porque foi o que me proporcionou esta ascensão ao posto que ora estou ocupando.

Como me categorizar neste ponto evolutivo, réu confesso de várias perversidades e inocentado pelas próprias declarações?

Por outro lado, estive e estou sendo auxiliado por companheiros mais habilitados, embora vá desenvolvendo o trabalho a contento.

Sinto-me prestes a utilizar-me de minhas forças, pois a alegria deste momento vai invadindo-me o coração e já me apresto para dizer algumas palavras de improviso, como no caso da alegria que transborda para o médium e que ele traduz em expressões linguísticas adequadas.

Depositei no cérebro do irmão encarnado a ideia de que, de tanto falarmos em Umbral, seria até obrigatória a passagem por lá, de forma a iludir os que praticam crimes com a ilusão de que vencerão, com as mesmas facilidades, os dias, meses ou anos de cativo.

Não vão cair em semelhante esparrela! O sofrimento é horripilante e, enquanto as dívidas não se saldarem, permanecem na lembrança dos indivíduos todas as agruras, como se não tivessem mais fim.

Quem chega vencedor sobre os defeitos e cumpridor das obrigações cármicas, sem necessidade, portanto, de permanência na escuridão consciencial, tem outro tônus vibratório, juntando-se, de imediato, aos bons e honestos, dispostos ao trabalho

socorrista, sem muitas decepções em campo algum, mesmo se lhes for informado que parentes queridos jazem imersos nas trevas. Evitam, dessa forma, até o sofrimento pelos mais próximos, sentindo-se apenas responsáveis pela salvação, jamais pelas quedas.

Como gostarei do dia em que o mesmo ocorrer comigo!

Deveria enveredar pelas sendas das promessas, mas não vou fazê-lo, no temor de dar a impressão de que seja o caminho mais conveniente para quantos se percebem devedores. O melhor mesmo é trabalhar com afinco, enfrentando as dificuldades, à medida que forem surgindo, sem temores de fracassos, na confiança do auxílio infatigável dos irmãos beneméritos.

Comecei tão a medo e, neste instante, atrevo-me a conselhos, faltando pouco para pregar moral e para invectivar os culpados. Mas não temam, porque não tenho tal vocação. Antes, irei amenizar o dia do escrevente, dando-lhe um pouco mais de folga, restringindo o texto a estas ideias. Mas não vou poupar os leitores, pois haverão de buscar realizar redação semelhante à minha, mesmo que não chegue a ser apresentada à leitura de ninguém.

Satisfeito, retiro-me revigorado, bem melhor do que quando cheguei, pois a ilusão do dever cumprido, pelo menos até as primeiras críticas e comentários, irá dar-me tranquilidade para elevar o pensamento ao Pai, para agradecimento especialíssimo, por tão oportuna demonstração íntima.

TENTATIVAS FRUSTRADAS

Há de estranhar o título o diligente médium que nos serve, pois toda vez que se põe a escrever, apanha os ditados que lhe chegam à mente. Mas o que não sabe é que muitos dos companheiros desistem na última hora. É claro que, se iniciar, irá até o fim, por obra e graça dos preceptores, que não deixarão *a peteca cair*, na saborosa expressão popular.

Não é desconhecido para ninguém que, em outras circunstâncias, quando o espírito vem para dizer maldades, aí a tentativa será frustrada pelos orientadores. Só terão recurso para prosseguir se o médium o permitir e, assim mesmo, se estiver fortemente induzido a fazê-lo por tendências pessoais. Neste caso, a mediunidade afrouxa e, aos poucos, desaparece, pois os que deram azo ao surgimento dela se desinteressam pelo prosseguimento evolutivo da virtude espiritual utilizada em detrimento de todos.

Muitas vezes, os médiuns que começam com grande desenvoltura não entendem o processo invertido do desaparecimento da capacidade mediadora, acusando, irremediavelmente, os antigos parceiros, sem atentarem para os procedimentos da moralidade, condição mínima para o exercício do mediunato.

A que vem esta dissertação tão séria e tão diferente dos padrões da turma? É que esse foi o meu problema mais específico com os mentores, durante o último encarne. Estive muito perto de proceder em harmonia com vasto conjunto de espíritos preclaros e sábios, mas desafinei o instrumento, dando-lhe o timbre soturno das queixas e das maldades.

Muitos outros elementos concorreram para que me desviasse da sã doutrina kardeciana, inclusive certas desavenças dogmáticas com os parceiros de grupo, já que me liberalizava demais e sofria as restrições dos mais categorizados e estudiosos.

Um belo dia, arrumei a trouxa e fui dar com os costados em tenda espírita da Umbanda, onde me encontrei bem melhor concatenado com os influxos da espiritualidade. Mas aí o problema se inverteu, de certo modo, pois não atendia com proficiência aos reclamos das entidades que almejavam crivar os consulentes de dúvidas e incertezas, embora o que dissessem dava a aparência exatamente do contrário.

Não demorou, o *padrinho* responsável pelos trabalhos me chamou e pediu para que me retirasse para a plateia.

Não devo prosseguir com os episódios do drama passional, mas devo concluir que acabei tentando abrir um centro meu, tentativa frustrada de implantar conceituação própria, mescla de diversos princípios espirituais, inútil para merecer explicação neste posto avançado do kardecismo.

No etéreo, depois de muito lutar contra os parceiros orientadores daqueles centros que me repeliram moralmente, resolvi buscar auxílio entre os antigos preceptores, aqueles que me haviam iniciado no mediunismo esclarecido.

Não preciso dizer que fui recebido de braços abertos, mas com o cenho cerrado, pois não dera curso às claras tendências de que era portador, para a missão da incorporação mediúnica.

Sinto-me perdido no conhecimento que deveria dizer de cor e salteado a respeito dos procedimentos habituais para a transmissão, tanto que estou sendo ajudado. Mas o fato de não se frustrar a transmissão me torna profundamente satisfeito, antevendo que o caminho poderá abrir-se de novo, para as iniciativas mais produtivas.

Assopram-me que deverei tomar cuidado para não me deixar envolver pelas mesmas abusadas teses que me perderam. Não vou prometer muita coisa, mas, que vou obrar com muito mais cuidado, não tenham dúvida alguma.

Se houver alguém que deseje trocar de lugar comigo, julgando que minha participação foi até brilhante, tome cuidado que o farei sem questionar muito para onde deverei seguir, pois não me sinto seguro de nada que afirmei ou explanei. É como se, diante de uma quixerinha de bolo, a pessoa estivesse a lembrar-se da cobertura de chocolate, do recheio de uvas passas, do encanto da decoração... E sentisse o gosto amargo do sofrimento de jamais ter apagado uma única velinha de aniversário.

Queiram imaginar mais mil figuras e comparações literárias e terão outra das mais poderosas tendências de minha personalidade.

QUERIDÍSSIMOS AMIGOS

Vimos com a intenção de perturbar o ambiente. Trazidos, eu e alguns colegas, à força, como conturbadores de transmissões mediúnicas, achamos que não iríamos ser solicitados para transmissão alguma e que ficaríamos a assistir, momento em que iríamos emitir ondas vibráteis de forte poder destruidor do magnetismo que está regulando o local para os trabalhos.

Sofre o médium, pois não lhe estamos dando tranquilidade para escrever com desenvoltura. A todo momento, tropeça nas palavras e nas teclas, devido a não estarmos habituados com esta tarefa. Por outro lado, não sabemos muito bem o que ditar, uma vez que, tomados de surpresa, estamos a improvisar, objetivando não fazer feio, pois confiaram em que tivéssemos suficiente poder intelectual para mantermos texto de bom quilate.

Claro está que não pretendemos dar lições, conforme nos contaram que se faz aqui. Mas conselhos úteis até que seremos capazes de passar, tendo em vista que muitos encarnados ficam à mercê de espíritos como os nossos e pensam estar ajudando de maneira divina, quando o mais que conseguem é propiciar a nós, espíritos da escuridão, muito devaneio alegre sobre a seriedade que intentam demonstrar.

Como tais pessoas, existem muitos do nosso lado que descreram dos trabalhos mediúnicos e que, agora, percorrem o orbe, no intuito de desforrarem sobre as pessoas, como se tivessem sido injustiçados por Deus, já que não ganharam os planos superiores da espiritualidade, como lhes foi prometido pelos escritos que leram buscando fé e compreensão.

Ligo-me aos mentores e demais orientadores do grupo que nos apaziguou, para inquirir a respeito dos possíveis efeitos que manifestações como estas poderão surtir na mente dos emissores, pois estamos achando que nos está fazendo muitíssimo bem. Uma vez que não temos nada que ver com o desenvolvimento das tarefas dos alunos, que se postam como auxiliares e observadores de nosso desempenho, pretendemos ter algum lucro, no alívio das desesperanças, já que tudo estava muito negro para nós, sem perspectivas de ganhos, como os que pensávamos ter alcançado na Terra.

Devo dizer-lhes, em meu nome pessoal, sem incluir os da minha turma, que, se for para nos passarem um *pito*, depois de se aproveitarem da exemplificação de espíritos tão inferiores, para se mostrarem aos alunos e aos encarnados, projetando nome na

instituição em que se julgam seguros e importantes, que irei mover céus e terras contra os infelizes que nos iludiram.

Extensa programação é-nos oferecida, enquanto o médium vai captando, solerte (esta expressão nos foi aconselhada), o ditado que resulta das vibrações que emitimos e que lhe são canalizadas à mente por processos que nos são desconhecidos.

Se tudo se cumprir conforme nos prometem, acho que iremos acreditar em que o pessoal seja boa gente e que tenha real vontade e interesse em nos auxiliar, sem nada em troca, a não ser esta estranha comunicação, que nos surpreende, justamente na hora em que devemos deliberar e resolver a respeito dos oferecimentos de auxílio, com muito trabalho, mas também com muita assistência.

Fazem-nos ver o poderio com que nos dominaram a vontade, utilizando a nossa força contra nós mesmos, pois, ao nos manifestarmos a favor de vir perturbar a casa, aí canalizaram os impulsos para que entrássemos em sintonia com o povo daqui.

A bem da verdade, não estou sentindo como completamente sinceras as palavras que se vão registrando. A contragosto, estou até admirado da esperteza de todos, porque não tenho todo esse cabedal que se vai inscrevendo. Aliás, nem estou entendendo muito bem as nuances dos pensamentos que se reproduzem, mas capto perfeitamente o tom de minha voz, por assim dizer, nas frases que se vão compondo.

Se tivesse a mente tão clara como fazem parecer, iria ficar muito satisfeito, pois seria o primeiro grande passo para fugir dos tremores do medo de vir a ser assaltado pelos perseguidores do Umbral.

Acredito que o principal esteja dito. Quero encerrar o expediente, solicitando aos irmãos que vieram comigo que se apresentem para a experiência de que estou sendo alvo, completamente diferente de tudo o que se possa prejulgar, quando o que se quer é só atrapalhar e confundir.

Dizem-me que os parceiros estão sintonizados nas mesmas ondas e estão recebendo o mesmo influxo energético, de modo que compreendem perfeitamente todas as minhas sensações e pensamentos. Dizem-me, também, que deverei passar ao escrevente a ideia de que seremos libertados destas correntes, assim que terminar a sessão, devendo regressar para o que vínhamos fazendo, podendo, se quisermos, dar preferência por permanecer com o pessoal que nos arrebatou, para darmos continuidade à programação que têm para nós. Dizem-nos, ainda, que não caberá qualquer referência sobre a disposição atual, pois precisaremos sentir-nos fora das vibrações controladas do ambiente, para melhor aquilatarmos a real determinação.

Queridíssimos amigos, muito obrigado!

DEVAGAR SE VAI AO LONGE

Se cá estou presentemente, não foi porque vim correndo. Ao contrário, se tivesse dado atenção a certos impulsos conscienciais, teria chegado a posto igual a este há muito tempo atrás. É que, apesar de muito loquaz, de muito rápido intelectualmente, sempre punha o pé atrás para as realizações espirituais. Ouvir falar em espiritismo era, então, o que me parecia mais retrógrado, diante da evolução das civilizações ocidentais, tanto que rejeitava todas as teses que me pareciam assemelhadas às teorias dos chineses, japoneses e indianos.

Aliás, a bem da verdade, sem desculpar-me pelas más tendências psíquicas, era postura da mentalidade da época em que vivi, há mais de oitenta anos, quando o que interessava era, nas altas rodas, evidentemente, copiar o figurino americano e europeu, nas atitudes e pensamentos.

Tudo o que me parecesse bárbaro era posto de lado, esquecido, não levado em consideração. Queria primar pela música moderna das bandas de *charleston*, de *fox-trot*, sem aceitar as belíssimas modinhas que, desde o século dezenove, embalavam os sonhos das moçoilas casaduras. Até no carnaval, buscava os salões em que as marchas e ranchos não adentravam, muito menos o samba do criouléu.

Devo dizer que os ranços da discriminação racial desapareceram completamente, principalmente quando me fizeram ver que fora reenviado à Terra, após muito lamentar a escravidão, quando me vi perseguido pelos senhores de engenho e seus lacaios. Claro está que deveria absorver os ensinamentos da postura dos brancos, mas fali, irremediavelmente.

Abro parêntese para afirmar que, se as palavras tiverem o sabor do racismo, me perdoem, pois o que pretendo é exatamente combater esse mal tão arraigado na mentalidade humana, tanto que, estruturado socialmente, passa de pai para filho, sem que haja muita necessidade do estímulo. Outro pedido de perdão devo fazer, se pensarem que esteja acusando alguma camada social especificamente, pois devo reconhecer que as discriminações de cor e de raça caminham em via de dupla mão.

Se devagar se vai ao longe, realmente, do jeito que procedi, foi como se estivesse a marcar passo, indefinidamente. Mas a sequência de vidas, após a revelação à consciência, foi o ponto mais ponderável para as alterações de procedimento, uma vez que todas as acusações que levei a efeito contra os brancos recaíam sobre mim mesmo.

Quantos anos, meu Deus, fiquei embatucado nesses seriíssimos problemas de consciência, sem saber exatamente para onde correr! Interessante, no aspecto religioso, o fato de haver repelido o catolicismo, para adotá-lo na encarnação seguinte, quando rejeitei toda crença havida como africana, dos orixás e pais-de-santo.

Essa troca de posição ficou-me na mente como dilema insolúvel, por longo tempo, agora sim, caminhando devagarinho, para poder resolver tópico por tópico do mistério existencial.

Se tivesse aceitado de bom grado as sugestões íntimas de estudo das obras espíritas, dado que meu aparato cultural era vasto, tendo potencialidade para perceber, inclusive, as nuances filosóficas em desacordo com os princípios dos diversos sistemas, desde os gregos, teria ido buscar na fonte de Kardec as águas para que se preenchessem as comportas vazias da religiosidade eclipsada.

É ponto de honra desta equipe não abusar das figuras, para não dar aspecto de literatice aos escritos da verdade. Por isso, peço que me perdoem os arremessos nesse campo.

Mas tenho ponto que julgo importante citar em meu favor, uma vez que, aos trinta e cinco anos de idade, deixei o campo terreno para ingressar na negritude do etéreo. Não sei por que cito essa passagem inglória dos argumentos falhos para a redenção, mas o certo é que me preocupei demasiadamente com o fato de não haver chegado à maturidade ou à senectude, esboçando revoltas de forte extensão, sufocadas pelos esclarecimentos dos protetores, que me evidenciavam o fato de ter morrido bem velho na anterior peregrinação, o que não me dera nenhuma vantagem, para a aplicação das melhores normas de vida, subsequentemente.

Houve um amigo que sugeriu que o carma vital pudesse estender-se para a passagem pelo Umbral (ver *Dor inconsolável*, fim). Eu avanço mais um pouco e suspeito de que os mentores e instrutores da espiritualidade maior consigam programações existenciais que envolvem várias encarnações e seus interregnos etéreos.

Quem sou eu hoje? Seriam os amigos capazes de me categorizarem?

FILHO ÚNICO

Pensar em que Jesus era filho único de José e Maria, acreditando em que a concepção se deu por obra e graça do Espírito Santo, para preservar-lhes a pureza do relacionamento, no aspecto sexual, é, no mínimo, materializar o conceito de religiosidade, a partir de elementos humanos, segundo preceitos de idealização social, psicologicamente incrustados na mentalidade judia arcaica.

Pois eu, durante toda a última peregrinação terrena, estive sob o influxo de tais assertivas doutrinárias da fé mais tacanha do catolicismo vigente.

Por incrível possa parecer, fazia-me, de certo modo, de Cristo, já que era rebento único, como acreditava que fosse Jesus. Quando cheguei à compreensão dos fatos históricos e me disseram, bem depois do desencarne, que Jesus tivera irmãos, logo supus que fossem do primeiro casamento de José, o que me desgostou muito, mas não me desacorçoou em relação aos dogmas que deveria acatar. Logo depois, entretanto, me disseram que Maria tivera outros filhos e foi preciso imaginar que a pureza só se manteve em relação ao primogênito, o que me deu certo conforto, dado que o episódio da Anunciação do Anjo Gabriel me marcara fundamente.

Duro mesmo foi aceitar que Jesus fosse filho legítimo de José e que toda a formulação da imaculabilidade de Maria foi forjada para o crescimento da divindade do Filho, como Segunda Pessoa da Sacratíssima Trindade.

Não é assim que se sentem os amigos leitores, ou já ultrapassaram o período do arrepio, pelo medo de ofender a santidade de personagens tão superiores?

Pois, no bátrio infernal, existem seitas constituídas para a manutenção do dogma, como se fosse piedoso considerar o hímen como peça sagrada, segundo o poder patriarcal mais retrógrado. Era o indício de que a mulher não fora *desonrada* e, portanto, poderia considerar-se mercadoria de primeira, no mercado dos casamentos, onde o interesse se dispunha por conta das ofertas dos dotes mais ou menos polpudos.

Sete anos de pastor Jacó servia..., no saboroso soneto de Camões, dá-nos a medida das artimanhas dos pais, em tais circunstâncias.

Pode parecer que tal drama seja superficial e que deslocamos para essa área os problemas mais agudos dos procedimentos contrários às normas evangélicas. Certamente, muitos assim o fazem, disfarçando as reais conturbações que devem superar, para crescerem espiritualmente. Acontece, porém, que muita gente se compromete com tais

afirmações despropositadas e não podem perder a compostura perante a sociedade que lideram, na qualidade de sacerdotes ou de chefes de família.

Eu mesma (já é hora de dizer) era filha única e desejava manter junto aos meus a crença em que a mulher era o ser mais puro, já que, solteirona, mantive a virgindade até o final da vida. O pior momento era quando as pessoas abriam sorrisos maliciosos, desrespeitando a minha condição. Se pertencesse a alguma irmandade religiosa, talvez não sentisse tão fortemente esse acossar psicológico.

Vou passar por cima das ânsias sexuais e de todo o procedimento nesse setor tão importante do equilíbrio corpóreo e mental, pois há susceptibilidades que não quero afrontar. Contudo, sem ser rude, devo dizer que não me privei do prazer, mantendo-me casta tão só formalmente.

Intimamente, sentia-me rejeitada pelos homens e traída pelas mulheres. Pensava em minha mãe e a queria imaculada como Maria. Sendo impossível tal conjuntura, sofria e me contorcia, em terríveis problemas conscienciais. Contava no confessionário, e não foi um sacerdote só que me sugeriu procedimentos levianos para evitar os dramas.

Muito mais tarde, quando me apresentei ao grupo de assistentes desta organização, é que pude compreender que tudo fora consequência das incontinências sexuais de vidas anteriores. Todavia, não me aproveitou o sacrifício, tendo em vista que me deixei impregnar por impressões totalmente estranhas às próprias concepções religiosas de que me ufanava.

Em suma, se servir esta descrição para ajudar a alguém a se descobrir sexualmente, irei satisfazer-me pela angústia desta redação. Caso contrário, se o companheiro encarnado se abster de adesão ao relato de dor, pelo menos que não desconfie de que esteja elaborando peça de fundo fantasioso para engodar, inclusive, os colegas.

Façamos por ser realistas, pois o reverso dessa medalha conheci com grande infelicidade.

FALÊNCIAS

Retirar-me-ei de junto ao médium, assim que me for solicitado, para que o não perturbe com lamúrias descabidas, mediante os problemas bem mais concretos de quem se encontra na carne. Tal será sempre o ponto de vista dos mortais, dado que têm como certa a tangência da matéria, sem suporem, por outro lado, que os espíritos têm a mesma sensação corpórea.

É que a força coercitiva dos recursos que envolvem o espírito puro não é passível de abandono, a não ser quando, durante o sono, se tem a ilusão de que a realidade se interpenetra de vibrações mais sutis, havendo quem se desprenda, verdadeiramente, para flunar pelo etéreo espiritual.

No nosso plano, muitos conseguem o prodígio da volitação e da comunicação a distância, de sorte que o espaço e o tempo parecem adquirir outra dimensão, conforme se deixaram impregnar, mais ou menos, das estruturas mentais advenientes da sobrecarga que transpuseram para cá. Em outros termos, quanto mais grosseiro e imperfeito o ser, menos recursos apresenta para desligar-se das pressões materiais do ambiente (incluindo-se aí a própria textura do duplo etérico ou corpo perispiritual).

Eis as preocupações, em resumo, que trouxe para esta esfera, pensando que tudo se concentrasse nos meios energéticos, esquecido de que o nível evolutivo dos indivíduos se sedimenta pelas virtudes adquiridas. É no aspecto moral, principalmente, que se encontram os mecanismos do domínio sobre a tirania material.

Crete de que imprimir o fulcro das vicissitudes intelectuais, poderei deixar o serviço, na confiança de que os leitores não de julgar, de modo percuciente, a respeito de minhas deficiências e de minhas pobres qualidades. Mas não irei fazê-lo, simplesmente porque conheço as diretrizes da casa, de forma que deverei expor outros aspectos da personalidade, no intuito de cumprir as determinações dos mestres e mentores.

A par dessa ânsia científica de tudo compreender, para o que me dediquei em tempo exclusivo, profissionalmente, também tive família, aliás duas, uma que me recebeu infante e outra em que recebi duas criaturinhas maravilhosas, juntamente com a esposa querida.

O tempo, contudo, se transcorria horizontalmente para os ganhos intelectuais, no acrescentamento dos conhecimentos específicos de meus interesses, verticalmente me punha em expansão de tolerâncias, de negligências, de ignorância consentida dos

relacionamentos humanos, tendo deixado os filhos crescerem sem apoio paterno e tendo abandonado a esposa à voracidade das tentações mundanas.

Não sei dizer diretamente, nem gostaria de fazê-lo, para o que me propus a deixar o posto, ao mínimo sintoma de aborrecimento do mediador. Tecnicamente, sei que tal predisposição não se coaduna com o desejo de prestação de serviço evangelizado, o que inclui a boa vontade, o desprendimento material e pessoal, o amor, a caridade, a esperança, a fé, o perdão e demais atributos das almas eleitas. Assim, objetivamente falando, não há como interromper esta prática, pelo lado do trabalhador encarnado.

Volto-me, pois, para meus problemas e verifico que tenho estado rudimentarmente a ganhar tempo e espaço nesta página, talvez na ilusão de desagregar-me do instrumento, sem ferir ou interferir na magnetização do aparelho mediúnicos constituído pelo grupo dos desencarnados.

Seriam os amigos leitores capazes de inferir as conclusões que deixei subentendidas na formulação dos parágrafos? Seriam suficientemente inteligentes para perceber que existem maliciosos de todas as espécies, quando não se interessam pelo progresso alheio, mesmo quando se trata dos seres mais próximos pelos laços sanguíneos, na Terra, ou pelas equivalentes ondas de vibração, na espiritualidade?

Como julgam que cheguei até este ponto? Diretamente, assim que se deu o desencarne, ou após muitos anos desbaratados nas profundezas do bátraco? Pois cá estou e isto me parece o supremo bem que uma alma perversa (ou que assim se reconhece) possa alcançar pela misericórdia do Pai.

Houve rudeza de sofrimentos. Houve sacrifícios de opinião. Houve suspensão de pesquisas. Houve turbulência e desamor. E tudo se misturou na consciência, como resultado das impressões mentais que trouxe das desavenças terrenas.

Segundo a mentalidade científica que desenvolvi, este escrito está preparadinho para ser lançado ao lixo. Mas, como nem sempre a configuração rígida e fria do intelecto prevalece, quedei envolvido por fortes traumas emocionais, sem perder, contudo, a consciência de que o que fazia (e faço) esteja em flagrante desrespeito às normas que aplicava nas lides das descobertas dos íntimos entrelaçamentos energéticos da matéria.

Nem tudo terá sido perdido. Num segundo momento existencial na carne, se conseguir aproveitar os avanços nos setores a que me destinei com maior vigor, com certeza irei ter menos problemas, podendo recompor ou regenerar o espírito, buscando concentrar a atenção nos relacionamentos necessários para o crescimento familiar.

Prolixidade, sobretudo, e desperdício de tempo e de espaço, após a manifestação do desejo de parar. No entanto, tudo isto irá parecer aos encarnados, já que para o pessoal do grupo tudo se esfumou em átimo de segundo, conquanto tenha havido até sacrifício na passagem do ditado, o que, repito, se dá pela profunda diferença entre os planos, quanto ao curso do tempo e ao enquadramento do espaço.

Ainda bem que sugeri pelo título, *Falências*, que minha presença iria terminar por arruinar a sequência de escritos lúcidos. Ou terei a satisfação de encontrar apoio e compreensão em algum coitado leitor que se identifique comigo? Corra, meu velho, porque, se continuar assim, irá passar desagradável temporada nas escuridões umbráticas.

NEGATIVISMO ABSTRUSO

Não é sempre que temos a vantagem de permanecer tanto tempo junto aos mortais para passar-lhes alguns dados das vivências e experiências dos que se desembaraçaram do corpo denso da carne. Por isso, muito estranhamos quando encontramos irmãos descrentes de que possam os espíritos ter concretude existencial, suficiente para lhes permitir o prosseguimento normal dos influxos do sentimento e da inteligência, desconfiando de que estejamos falcatuando ou os coitados dos médiuns, que se desgastam para atender-nos.

Se os irmãos que nos negam se detivessem sobre o teor das mensagens, talvez pudessem perceber alguma verdade ou alguma utilidade, pelo menos, nos dizeres, podendo colocar *a pulga atrás da orelha*, em relação a que algo possa estar correto nas inúmeras assertivas.

Por outro lado, a ingenuidade muitas vezes supera até os desmandos do negativismo inconsequente, tornando-se sério obstáculo para a observação percuciente da realidade espiritual.

São poucos os que se esmeram por bem compreender a verdadeira doutrina dos espíritos, aplicando-se com serenidade ao estudo das obras mais significativas. Raríssimos, contudo, são os que se deixam conduzir por qualquer tipo de manifestação, corajosamente examinando todas as informações, selecionando o que de melhor se tem difundido, alijando do quadro de conhecimentos superiores o produto da imperfeição, da imperícia ou da malignidade.

Podemos afirmar, categoricamente, que os irmãos que vieram até este ponto das leituras se caracterizam como os mais desprendidos, os mais generosos, os mais argutos, sem favor algum, nem sombra de bajulação para lhes captar a simpatia e a adesão. Quem nos vem acompanhando sabe à farta que o que menos nos preocupa é ser aceitos incondicionalmente. Aliás, fazemos absoluta questão de fomentar o espírito de análise e de crítica, expondo-nos continuamente às apreciações dos próprios parceiros e mestres e transmitindo o resultado de seus escrutínios aos leitores.

Quiséramos prosseguir levando o tema às últimas consequências, mas devemos abreviar a parte teórica, para demonstrar a correlação com os desvios de conduta que nos trouxeram amarrados aos erros de julgamento, até a necessidade de matrícula em escola

deste tipo, onde somos levados a considerar todos os elementos como a tábula rasa sobre que reerguer a filosofia existencial que nos conduzirá com segurança às etapas evolutivas seguintes.

Assim, devo dizer que a crítica possível aos irmãos procrastinadores da compreensão da realidade espiritual deverá aplicar-se a este que lhes escreve de forma tão clara, tão peregrina. Reconheço-me suficientemente lúcido para ferretar-me, às custas das malversações intelectuais que levei a cabo na derradeira encarnação.

Acontecimentos particulares não elucidarão os dramas da consciência, mas dizer que partilhei da mesa evangélica e dos trabalhos caritativos de diversos centros espíritas talvez possa servir de advertência àqueles que se situam na retaguarda das forças espíritas, forcejando para que o movimento cresça, intuindo que o futuro da humanidade possa depender desse tipo de atividades redentoras.

Era assim que pensava eu, unindo forte credence, sob o influxo supersticioso da capacidade de dominação do futuro pelas informações mediúnicas disponíveis, a obstinada rejeição das palavras mais realistas dos que advertiam para a realidade do momento presente, como um *continuum* a aperfeiçoar-se, de acordo com os ganhos morais extraídos da meditação a respeito da natureza humana.

Tornando mais simples a exposição, devo dizer que me fixei em determinadas posturas dogmáticas, inflexível para os avanços doutrinários, contrariando, inclusive, a fundamental lei da evolução, como se tivesse atingido os pináculos da moralidade cristã. Não me via falho e trouxe até aqui esse princípio essencial da personalidade, como se poderá depreender da aparente segurança com que escrevo e defendo as teses de que estou convicto.

Penso que esta atitude mental seja extremamente positiva no exame livre de preconceitos dos dados novos que a mente vai sendo cada vez mais capaz de absorver. Entretanto, se servir apenas para vencer discussões ou para a imposição de conclusões pessoais junto ao grupo em que se atua, será extremamente prejudicial, redundando naquele negativismo abstruso a que me referi na entrada.

Gostaria de dizer que tenho a só incumbência do estudo e da obediência, mas o mestre me obriga a referir-me ao fato de que sirvo de monitor aos irmãos do grupo, encarregado das discussões particulares para a elaboração dos textos, que se remeterão, em seguida, às apreciações da turma.

Engrandecimento pessoal? Não. Tarefa agradabilíssima que espero se expanda para setores de maior responsabilidade, para o que me empenho com a ajuda de todos. Caberia referir-me à lição de Jesus sobre o servir a todos para ser o primeiro?

Sinto-me um pouco comovido por ter sido forçado a falar de mim de forma positiva. Todavia, se não o fizesse, cairia na armadilha de ter censurado o negativismo, examinando tão só os pontos de desconforto e de minimização intelectual da personalidade.

Creio que os amigos leitores encontrarão falhas que me são imperceptíveis, para o que rogo a fineza de me comunicarem vibratoriamente. Obrigado.

ATRIBULAÇÕES

Costumeiramente, os irmãos chegam a este posto e narram acontecimentos em que não se dão bem com a legislação superior universal. Cada qual poderia dar o mesmo título meu às suas peças mediúnicas. Eis que a primeira atribuição deste novel *escritor* se põe de início, quando não fui capaz de mentalizar frase melhor para dar ideia exata do que se passou e se passa comigo.

Mas não penso que tenha ficado muito atrapalhado, pois o tom da palestra deve estar muito claro após o primeiro parágrafo, explicação que apresenta laivos de certa ligeireza espiritual, como se fora eu pândego empedernido, durante o longo trajeto de minhas vivências no Rio de Janeiro do começo do século XX.

Carrego na descrição da época, se me pedirem enunciações vigorosas de comprovação da realidade das assertivas, já que me dei a alcunha pejorativa, como se tudo o mais pudesse correr à conta de semelhante postura moral. Na verdade, muitas décadas transcorreram após o desenlace, de sorte que aprendi a sofrer nas escuridões tartáricas, pouco tendo sobrado da leviandade com que tratei dos temas mais sérios.

A vida, para mim, não teve o curso normal das dores e sofrimentos. Alheio à peste amarela e às diversas endemias e epidemias, passei incólume, para morrer de senectude, barbas brancas e pele encarquilhada, na figura bíblica de Deus, retrato do Médio Evo (*finis*) ou do dealbar renascentista.

Citei conhecimentos de cultura geral, para não pensarem que tenha desleixado o intelecto. Mas a verdade é que não primei pelos estudos, levando-os *na flauta*, mercê de bom conjunto memória/inteligência, o que, graças a Deus, não perdi. Se pudesse fazer valer minha vontade, pediria para retornar à Terra na condição de filólogo, para conhecer a língua com que me deverei instrumentar, a fim de melhorar as qualidades estruturais dos textos que tenho em mente esparramar pelos companheiros encarnados.

Hão de pensar, pelo atribulado desenvolvimento temático, que não me ilustrei suficientemente com os saberes evangélicos, para vir demonstrar tantas incertezas e presunções. Mas o fato é que sou bem capaz de referir-me a todas as leis do decálogo, às de Jesus e às relacionadas por Kardec, de pronto, sem sacrifício e sem hesitações. A que levará, porém, o que é comezinho, rotineiro e até rançoso para os filiados à corrente espírita? Somente a abrir a boca, no bocejo aborrecido das repetições insossas.

Quando aqui cheguei (isto é, à *Escolinha de Evangelização*), não pretendia fazer nada do que se havia programado para minha personalidade *abúlica*. (Se tal termo não

ficar rejeitado pela pertinente análise, ficarei comovidamente agradecido.) Mas as indecisões quanto às afirmativas mais sérias — já que o costume era rir até das dores e sofrimentos —, obrigaram-me a ir aceitando as sugestões uma a uma, para firmar conceitos mais consentâneos com as próprias intuições que vinha percebendo no fundo da consciência, desde que o riso se tornara somente pobre *rictus facies*, simplória manifestação de irônica superioridade.

Sei que deverei suspender a descrição psicológica dentro de muito pouco tempo, limitados que todos estamos em número de linhas. Entretanto, não vou satisfazer-me, enquanto não me tornar por inteiro diante dos amigos, por força da inocuidade das frases e do texto, conjugando os esforços para que as atribuições se definam totalmente.

Dentre os exercícios que se podem propor para levantamento dos dados da caracterização individual das personalidades que desfilam perante os humanos (etc. e tal), deve-se incluir, inexoravelmente, o das palavras incomuns e dos meneios frásicos inabituais, para figurar nas mentes o quanto *sui generis* pretende ser o manifestante. Esta tentativa irá conduzir às praias do egoísmo? Paciência! Mas também poderá ocorrer de demonstrar o desligamento das instruções já referidas, uma vez que se descaracterizará a desobediência, modelo impróprio para a realização dos demais e mesmo para a liberação dos leitores, quando de sua vez de participarem de reuniões como esta.

No final, a paus e pedras, caminhei até o encerramento, restando solicitar a tradicional consideração e respeito pelas falhas, que não poderiam deixar de aparecer, tanto me acusei de fragilidade, apesar do ensaio de demonstração contrária pela *lucidez* e pela *originalidade* que busquei imprimir ao texto (este, sim, indigno de figurar nesta obra).

Afora eventuais falhas *ortodotilográficas*, quero que o mediador não altere mais nada, devendo deixar tudo exatamente como consignei. Faço tal pedido consciente de que serei atendido e temeroso de ver minhas atribuladas investidas tornarem-se em pó, em cinza ou em partículas atmosféricas voláteis, que era o que desejava em que se transformassem as minhas túrbidas vibrações íntimas.

Saio tangenciando a qualidade do sofrimento que carrego, para afirmar, categórico, o quanto desbaratei de mim na vida e o rastro de ódio que imprimi no arraial dos infortúnios do Umbral.

Alea jacta est...

BISBILHOTICE CASTIGADA

Como se fosse título de má peça de teatro ou de folhetinesca novela, pior do que *scratch* de subúrbio, eis a minha historinha catalogada entre as notáveis páginas desta equipe maravilhosa.

Não deveria citar o que me trouxe amarrada ao planeta por longos anos de exílio umbrático, mas a verdade é que me desgostei profundamente por ter sido castigada pelos humanos, rogando-lhes todas as pragas possíveis. Atrelei-me a imenso grupo de desordeiros e tentei fazer mal àqueles que me agrediram, tendo, no máximo, conseguido assustá-los um pouco.

Tudo porque tive a infeliz ideia de me intrometer em lar equilibrado por doce harmonia amorosa, aproveitando-me de momento de fraqueza do dono da casa, para agradá-lo sexualmente.

Tinha inveja do que dava à minha irmã mais velha e queria as mesmas regalias e confortos. Não sabia, é claro, dos sacrifícios íntimos por que todas as pessoas passam, ao se defrontarem com a falta de liberdade e com a necessidade de manter as aparências, para que os maus pensamentos dos outros não recaiam sobre o grupo familiar.

Ora, eu sabia o momento certo para atacar...

Vou deixar-me conduzir pelos fluxos energéticos doutro tempo, só porque estou a referir-me a época tão inglória e infeliz? Jamais!

A verdade é que meu cunhado (que não vou chamar de *amado*, porque não foi nem mereceu) quis aceitar-me na qualidade de concubina, com o que não concordei e, até agora, me arrepio toda só em pensar no desplante...

Fazem menção os amigos de cortar-me a palavra, desde que não estou cumprindo à letra o texto que trouxe preparado e aprovado. Que fazer, se os tremores não cessaram de todo?!... Sinto-me tão pobre que acho que deverei concordar com eles, para recolher-me em pensamento sobre as diretrizes próximas de reerguimento moral.

Mas vou forçar a oportunidade, pois acho que outra não terei tão cedo. Restabeleço, pois, a mensagem inicial.

Quando saí do Umbral, por obra e graça de alguns companheiros de outras eras, vim completamente cega para as verdades da própria vida. Julgava que estivera sendo

injustiçada. Até agora não consegui caracterizar qual alteração de caráter lhes deu a oportunidade do resgate do grupo que me aprisionara.

A verdade é que, como não conseguia ofender a quem queria, investi contra pessoas totalmente indiferentes à minha presença, mas que me permitiam acesso fácil; a mim e aos colegas. Depois de certo tempo, a diversão se tornou sacrifício e passei, inconsequentemente, a orar a todos os santos, inclusive ao Senhor, para que me permitisse alcançar os anseios de vingança.

Corre-lhes pela ideia que me tenha desligado cedo da carne? E pelas minhas próprias mãos? Pois foi exatamente isso. Daqui o grande infortúnio.

Agora vem a parte trágica.

Matei-me por ódio, para pôr sentimento de culpa naqueles que deveria querer muito.

Se tudo lhes parece incongruente, façam prece sincera pela minha alma e aceitem meus humildes pedidos de desculpas.

LIBERDADE CONDICIONAL

Eis como me sinto perante os companheiros, neste momento de transmissão mediúnica. Tenho liberdade de formulação de ideias, desde que (eis a condição) não fira os roteiros da turma.

Teria algo mais a acrescentar aos ditados dos colegas? Dificilmente. O que tenho reclamado desde sempre é o fato de não poder *esconder* o texto para *ludibriar* o grupo, fazendo algo que possa deixar a todos maravilhados. Teria algo mais a acrescentar?...

Pois aí está o busílis da questão. Se não me deixarem inovar, como é que poderei demonstrar estar capacitado para as reformas de método, auxiliando muitos que não têm meios de disciplinar para o efeito do cumprimento das obrigações acordadas?

Sinto-me um tolo, neste momento, quando, ao olhar para o texto aprovado, vejo que não poderia afastar-me dele uma só linha.

— *Este último período, também está assinalado ou foi jungido de forma improvisada?*

Vamos raciocinar: se tenho o direito de expor a verdade e se a verdade é a necessidade da reclamação, como deixar de constar da mensagem aprovada? Ainda mais: se desejo estabelecer modalidade de escritura diferente e esta não está rigorosamente de acordo com os padrões conhecidos das demais dissertações, então, como escapar de vir consignada no texto original?

Por que não falar logo quais foram os principais vícios, justamente os que me fizeram curtir as desesperanças do Umbral? Pois é o que venho fazendo desde o início, apenas que estou sendo atendido no desejo de formulação do que considero inconsistências dentro do planejamento da equipe.

Será que terei capacidade para levar até o fim este intelectualizado invento retórico? Ou, o que é mais certo, não se trata absolutamente de nada novo, mas de repetição cansativa, enfadonha e enfatuada de dizeres mais ou menos cedidos, comuns a todos os que vêm ao posto para as primeiras manifestações no campo da linguagem escrita, formalizada, onde as ideias se conduzem em blocos maciços, no rabiscar de casinhas sempre planas, com os indefectíveis traços infantis...

Foi-me dada plena possibilidade de inventar, fugindo dos preceitos da liberdade condicional a que me referi, mas não alcancei nada de positivo, de brilhante ou de simplesmente interessante.

Volto, pois, ao ramerrão e enfatizo a necessidade de obedecer aos princípios estabelecidos por quem está há mais tempo neste trabalho. Infelizmente, caí no logro mais habitual, qual seja, o dos críticos que veem os defeitos de execução da obra mediúnica, mas são incapazes de oferecer algo de seu para o aprimoramento das comunicações.

Claro está que, do cotejo das diferentes composições, não de ser ressaltados os que têm primores de redação, tanto no fraseado mais adequado aos temas desenvolvidos, como na utilização do léxico apropriado para a expressão dos pensamentos sutis e dos sentimentos pluralizados.

Eu, infeliz, busco, aqui e ali, um termo mais surpreendente, uma expressão menos comezinha, um torneio frásico menos popular, e é aí que peço, pois haverão de me censurar tal fato, na exigência mais corriqueira de que o texto tenha de ser vazado em linguagem coloquial. Entretanto, se aplico os dizeres mais vulgares, na tentativa de me fazer entendido de todos, os responsáveis pela divulgação (em primeiro plano, os próprios mestres e companheiros do grupo) colocam o obstáculo da grosseira manifestação da inferioridade. Se pensarem nas censuras dos mortais, podem elevar as prerrogativas de veto à enésima potência.

Enfim, disse tudo o que pensava e não me arrependo, principalmente porque o fiz de forma consentânea com os princípios estabelecidos para a turma. Graças a Deus!

Em tempo. Acredito que devam ter adivinhado que, em vida, fiz exatamente o que censurei, ou seja, não dei permissão a que nenhum texto saísse do prelo (editor que fui), sem obedecer aos critérios da liberdade condicional que impunha como norma da casa sob meu comando. De resto, como podem ter observado, não trazia o talento dos escritores e me metia onde não me competia, embora tenha obtido sucesso com muitas obras, pois apelava para os sentimentos em voga, nos dizeres aprovados pela maioria. Oh! Como quisera que esta comunicação chegasse às mãos de quem de direito!...

MÁGOAS DE SOLTEIRÃO

Fugindo da estreita visão decorrente da correlação causa/efeito, produzi texto em que os reflexos dos acontecimentos devem situar-se no íntimo da vontade dos indivíduos, cuja consciência se opõe, deliberadamente, a aceitar que os eventos possam conduzir a resultados predeterminados.

Assim será sempre na natureza, onde o conjunto dos fatores provoca as reações dos seres e dos ambientes. Contudo, esperar que tal mecanismo cego se dê para todos os atos humanos ou espirituais será restringir a capacidade do Senhor de criar seres à sua imagem e semelhança.

Não desejaria ir tão longe. Se o fiz, foi para promover certo mal-estar psíquico no leitor, de forma a atrair-lhe a atenção para este escrito.

Os mais espertos estão a mangar comigo, inferindo, desde logo, que estou empregando a mesma lei que rejeitei. Mas a verdade é que o resultado da provocação poderá se invertido, de sorte que a vontade poderá ponderar a respeito do interesse maior pelo conhecimento, como forma de controle da realidade, no intuito de se aperfeiçoar para o enfrentamento dos círculos mais evoluídos.

Não é lógico? Ou será meramente psicológico? Eis o fulcro da questão, pois o desencadeamento racional do pensamento dedutivo, de certa forma, se choca de frente contra as raízes indutivas, que proclamam a indução como método de avanço científico muito mais coerente com as necessidades do que com as vicissitudes.

Distinguir *necessidade* de *vicissitude* é estabelecer fluidas diferenciações, contudo, no assemelhado das conclusões, há de estar o resultado do emprego de um ou de outro método de investigação da verdade.

Se nós intentássemos tornar plástica a sutileza das diferenças, iríamos utilizar o método dedutivo. Mas não iremos fazê-lo, deixando sugerido e, agora, afirmado, que a mente dos leitores está atilada o suficiente para perceber, sem firmar conceitos, quais os atributos mínimos dessa distinção.

Onde quedam as acima referidas *mágoas de solteiro*, neste conjunto lúdico de impressões mentais mal traduzidas?

Pois bem, companheiros, na verdade, até pessoas que contraem matrimônio, muitíssimas vezes, podem ser categorizadas como isoladas dos parceiros oficializados. Eu mesmo tive experiência no sentido inverso, pois, não tendo casado, amasiei-me várias vezes e, quando morri, lá constava na certidão de óbito: *solteiro*.

Não são contundentes estas assertivas, como se a vida, de repente, se descobrisse e revelasse sua verdadeira face, ou seja, a de monstro a devorar os incautos que se perdem nas vielas fugazes dos pensamentos descontrolados?

Pois cá estou devidamente autorizado a passar-lhes este texto incompreensível, tendo tido a recomendação de oferecer subsídios para que se induzam sabiamente conclusões a meu respeito, para o que trouxe a primeira parte das exposições, como se pudesse expor com clareza os pontos de vista suficientes para a interpretação.

Todavia, vou contornar as dificuldades e afirmar, com nitidez, que a maior mágoa dos solteirões é a de não terem obtido a oportunidade de crescimento moral, mental ou espiritual, ao lado de outra criatura, para o equilíbrio das ações e das reações, desenvolvendo algo à revelia do justo pensar a respeito do mundo e das pessoas.

O companheirismo afetivo serve, portanto, para que os seres humanos adquiram padrão de pensamentos justo para sua apresentação no campo do etéreo, em condições de assimilação dos ensinamentos que lhes valerão para o prosseguimento existencial, em ritmo ascendente.

Não será plausível que, durante minhas reflexões na erraticidade, tivesse adquirido a consciência da perda da santa oportunidade do encarne, especialmente quando me foi dado perceber (por via de conhecimento prático ou empírico) que houvera feito programação rigorosa, no sentido de usufruir os benefícios da paternidade responsável e do esponsalício amoroso? Não será perdoável, após ter admitido a fragilidade moral na condução da vida, sentir mágoas, sem desesperança mas com o sentido da desilusão, tanto me eivara de ideias de superioridade cármica?

Li e reli todas as manifestações anteriores, e julguei ter entrevisto o caminho delineado pelos mestres para este roteiro de descobrimentos psicológicos ou espirituais. E não gostei de estar situado em ponto tão avançado, pois concluí que, a cada elemento que se apresenta, maiores são os danos e distúrbios mentais. Sei que irão os mestres contrariar-me a opinião, por certo, inclusive com demonstrações vigorosas, a partir de premissas solidamente fincadas na realidade. Será, contudo, que minha intuição estará a enganar-me a respeito de tópico tão importante, para a fixação das diretrizes que me erguerão para a vida, com Jesus?

Claro é que não estou esperando intervenções nesta altura da dissertação. Entretanto, quem me diz que não serei censurado *a posteriori*, por tentar induzir os leitores à suspeição de que há males absolutamente incontroláveis, desde que afirmei que as consequências psíquicas não se relacionam, imediatamente, a causas detectáveis?

Sintam, apesar de tudo, o sabor das mágoas deste solteirão...

REGIMES INÚTEIS

Muito sugestivo título nos passou o médium, desejando que lhe endereçássemos comunicação em que nos referiríamos aos processos de emagrecimento que não dão resultado, evidenciando-lhes as razões cármicas ou espirituais.

Como reagiria o bom leitor às assertivas acima? Daria crédito imediato e ofenderia a inteligência do mediador, como se quisesse impor-se à espiritualidade, definindo-lhe os tópicos sobre que dissertar?

Eis delicado problema do relacionamento entre os planos, pois é o que mais se vê, nesse campo: os encarnados manifestando-se no interesse da resolução dos problemas materiais, descrentes de que as orientações mediúnicas possam valorizar a existência como um todo, na indicação dos melhores caminhos para a aquisição dos valores e virtudes indispensáveis para o aperfeiçoamento moral, com vistas à subida aos planos quintessenciados.

Quando Kardec definiu os rumos das questões a serem respondidas pelos orientadores máximos do planeta, fê-lo, evidentemente, por aquiescência das entidades. Digamo-lo francamente: sob a influência de pensamentos e intuições que traduziam o vivo desejo e a necessidade de serviço do plano superior.

A partir daí, o povo, de modo geral, ao observar a tremenda facilidade dos contactos elucidativos, julgou oportuno considerar que a formulação das perguntas era normalíssima, passando a crivar o etéreo de questões sobre todos os temas. Ora, como as perquirições de caráter filosófico-doutrinal se encontravam devidamente esclarecidas e publicadas, parecia-lhe certo que se pudessem satisfazer as curiosidades.

Devemos esclarecer que, durante bom tempo, tais tertúlias foram aceitas e até estimuladas, enquanto não se desenvolvia a seriedade psicográfica mecânica ou semiconsciente. A par desses fenômenos menores, a audição, a visão e os efeitos físicos também foram explorados, no sentido da propagação dos ideais espíritas, pela preparação das mentes para a aceitação do campo espiritual, nos moldes que se descreveram nas obras kardecianas.

Aos poucos, os relacionamentos tidos como superficiais foram sendo postos de lado pelos mentores mais categorizados, impedindo-se que se aviltasse a mediunidade. O que permanece ainda hoje, além das manifestações que exigem atividades doutrinárias e, portanto, do interesse dos espíritos, são as comunicações diretas aos encarnados que sofrem pela morte de entes afetivamente muito próximos e, ainda assim, caso haja compreensão dos fenômenos como frutos da benemerência do Pai.

Que conclusão estamos esperando que os amigos leitores tirem das explicações?

Simplesmente, que fomos nós que realizamos a projeção na mente do mediador do título que atribuímos, disfarçando a nossa participação pelas assertivas do primeiro parágrafo.

Pretendemos assustar os desprezados?

Certamente, caso contrário não teria sentido, verdadeiramente, expor a ridículo o médium.

E que mais?

Dizer que foi o grave problema que não soubemos resolver na última encarnação, médium desejoso de ver todas as questões particulares respondidas.

E foram?

Claro que sim, como pretendíamos, mas por espíritos jocosos que, dando demonstrações de seriedade, nos iludiam e forçavam a erros interpretativos quanto à programação de vida e, o que é mais grave, a respeito das diretrizes doutrinárias, levando-nos a diversas desilusões extremamente perigosas e a atividades em dissonância com a pregação evangélica.

Sirva o presente roteiro para os irmãos que não têm esse rascunhar histórico da evolução mediúnica e para os que não atinaram com a força psíquica que se poderá obter, através da mediunidade, para enfrentar todos os dramas espirituais ou materiais, caso haja real vontade de se ajudar o crescimento moral das criaturas, proporcionando-lhes conforto adequado para as reflexões obrigatórias.

Estaremos justificando, assim, os comentários a respeito dos regimes improfícuos?

Claro que sim, desde que os problemas sejam analisados do ponto de vista estritamente espiritual. Melhor dizendo: desde que a cura dos processos inibidores da saúde se volte especificamente para a facilitação das aquisições evangélicas, dando-se mais tempo de vida ou melhor disposição intelectual, para emprego nos trabalhos de redenção.

Tudo isso, de uma forma ou de outra, se encontra nas obras de Kardec. Ou não teria o Codificador sido alertado para os efeitos terríveis da obesidade sobre sua saúde? Vamos pesquisar?

O QUARTO MANDAMENTO

Os que têm claro na mente o decálogo mosaico, mesmo que abreviado pela concepção católica ou reproduzido por Kardec em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, hão de lembrar que Moisés mandava honrar pai e mãe. Pois essa premissa do bem viver, recentemente, foi burlada por uma filha que se determinou acabar com as vidas dos pais, arregimentando, para o crime, jovem de seu relacionamento íntimo.

Até aí, nada de mais, se formos considerar o horror das perversidades que encontramos na Terra. Ocorre, entretanto, que a pequena criatura estava amparada por benesses de vulto, tanto intelectuais, como materiais, o que torna incompreensível o desejo de se apossar de todos os bens da família.

Não foi a primeira e, infelizmente, não será a última vez que tal acontecerá.

Que terrível mistério há de cercar esse espírito, nas voltas existenciais, para que se arremeta com tanta violência contra criaturas que a própria natureza, além das leis, determina respeitar, honrar, amar e colocar em posição sublime perante a coletividade?

Se estiverem desejando concluir que o emissor da mensagem tenha sofrido o mesmo vexame, assassinando os pais ou sendo assassinado por um filho, poderá dizer que está no caminho certo. Mas os seres que ofendi e me ofenderam, neste revoltear de reencarnações em que a vingança ceifava as possibilidades de reconstituição familiar e de progresso dos espíritos, estão todos aqui reunidos.

Isto dará reconforto às almas em delírio ou aos espíritos amargurados? Ao contrário, se souberem que levamos séculos nessas tropelias cármicas de péssimas consequências, tendo sofrido as maiores agressões nas profundezas do bátrio, irão tremer e, decerto, providenciarão, o mais rápido, a reconciliação.

O ruim das circunstâncias que secundam a tragédia é o real aproveitamento dos espíritos maldosos para a obsessão e o desvirtuamento dos anseios de justiça que hão de comover as pessoas menos cultas, menos espiritualizadas, de forma que os jovens criminosos estão correndo perigos inapreciáveis por suas curtas inteligências. E os pais, se se deixarem impressionar pela aparente frieza com que foram mortos, irão favorecer os acréscimos de dores, carreando para as consciências outras culpas, além do arrependimento por não terem dado aos filhos orientação de melhor quilate.

Partimos para a reportagem de acontecimento assaz marcante para as famílias tradicionais, bem postas, amadas e enriquecidas, para enfatizarmos a necessidade de se suprir de carinho e de atenção essa juventude maciçamente acoçada por influências materiais de toda a ordem.

Se tivéssemos força para bem descrever o empenho que sentimos n'alma, em função do alerta que desejamos lançar, talvez elaborássemos página de extremo sofrimento, para evidenciar como foi triste a negra passagem pelo Umbral. Basta-nos dizer, contudo, que tínhamos a impressão de estar sendo cozidos em tachos de azeite fervente, exatamente como se coloca nas demonologias religiosas. A realidade era o sofrimento consciencial, mas o reflexo emocional, físico, energético, era a dor lancinante das carnes sendo maceradas pelo cozimento, enquanto a mente permanecia sem delíquios. Meia hora desse horror, na Terra, irá produzir a morte. No etéreo, nas zonas trevosas, há quem fique séculos na situação desesperadora. A dor é tanta que não há ânimo para se pensar em outra coisa, como na possibilidade da oração. O sacratíssimo nome do Pai só vem aos lábios para a acusação, para a lamentação, para a ofensa.

Como se postam os leitores diante destas declarações? Põem as barbas de molho ou julgam exageradas as expressões, como se quiséssemos conduzir ao bem pelo receio da prática do mal, sem possibilidade de fuga ao castigo, como se está acostumando o homem, nessa terrível pátria cheia de leis que não tem interesse em aplicar?

Pois nós também estamos estranhando muito que tenhamos enveredado por tão insólitos pensamentos. Se o desejo é o de ajudar, vamos orientar para o amor e não para o revide natural da lei, que, não sendo cega, utiliza a espada com o máximo de precisão. Não cabe aos espíritos socorristas representar o Supremo Juiz, cuidando para que se exerçam as penalidades cabíveis. Se os amigos da espiritualidade encarregados do socorro puderem, livrarão os que se encontram assediados. Se pudessem mais, livrariam a todos de seus desconfortos, porque o exercício da punição corre por conta, em primeiro lugar, do próprio indivíduo e, em segundo lugar, dos que frequentam a mesma faixa vibratória ou dos que conseguem trazer os pobres para suas ondas de malignidade.

Deus se apiade destas almas e lhes dê o conforto de terem muito tempo para a meditação e o arrependimento, para alcançarem o perdão mútuo e para tomarem firmes decisões, no sentido de propiciarem ao próximo a orientação que não receberam nem deram a si mesmas!

Eis que vimos como é que um dos mandamentos deve receber tratamento cármico que envolva o plano da espiritualidade e como é importante que, uma vez burlado, suas repercussões obriguem as pessoas, o quanto antes, a ressarcirem a sociedade de maneira edificante para si mesmas.

JARDIM DE MARAVILHAS

Peço ao amigo leitor que exerça o direito de imaginar maravilhoso jardim, da maneira que julgar melhor, sem esquecer de pôr nele alamedas por onde se possa passear e bancos e caramanchões para repouso.

Se não for local de deleite e prazer, refaça o pensamento e tente sublinhar os aspectos mais deliciosos, com fontes de rumorejante bulício, com aves bulhentas e borboletas coloridas.

Se não tiver alcançado evidenciar a si mesmo o paradisíaco recanto, acrescente pequenos animais inofensivos, como grilos e gafanhotos, lagartos e batráquios, colocando, no lago, muitos peixinhos a ocasionarem suave ondeado na superfície quando vêm à tona.

Se não estiver satisfeito com a paz e a tranquilidade, julgando que a sua presença está a perturbar a quietude, imagine ali crianças a brincar alegremente, em busca de pequenos frutos com que satisfaçam os desejos das guloseimas. Ponha também abelhas produtoras de edulcorante mel e faça que cães de estimação o acompanhem em festejos mil.

Se julgar que não terá tempo de cuidar de todos os afazeres relativos à manutenção do local limpo e agradável, tem a liberdade de creditar tais serviços a pessoas dedicadíssimas, regiadamente remuneradas e profundamente agradecidas pela oportunidade de viverem em ambiente tão sublime.

Se estiver ansioso com as perspectivas de excessivas chuvas ou de rigorosos estios, pode transportar o jardim das maravilhas para qualquer região do universo onde o tempo não perturbe o sossego de quem estiver usufruindo a natureza, para crescer em sabedoria.

Se de todo acreditar que o tempo se uniformizará demasiado pelos mesmos princípios, coloque mais vida junto ao parque, fazendo que outras pessoas percorram os floridos caminhos, em palrações alegres e contagiantes.

Se preferir isolar-se, construa casa de vidro, de onde poderá observar a azáfama gloriosa da felicidade ambiente, recebendo o frescor da atmosfera nacarada pelos perfumes sutis das flores, enquanto se dedica ao estudo dos temas que mais o seduzam.

Se não souber exatamente aonde queremos conduzi-lo, continue acrescentando mais e mais recursos próprios de sua personalidade, para marcar definitivamente o retiro, como único capaz de abrigá-lo pela eternidade.

Possivelmente, nesta altura da dissertação, o amigo terá desconfiado de que ali não há como exercer os roteiros evangélicos nem os princípios do socorrismo, pois não há necessidade de dar às pessoas as condições superiores de agrado e felicidade. Mas não se

acanje, amplie o jardim, dê a todos os encarnados a possibilidade de se integrarem no ambiente, segundo seus próprios desejos e preferências. Edifique a sua Torre de Babel, sem confusões de línguas ou ideias. Pense em estabelecer à perfeição o melhor dos mundos, em busca do entrelaçamento ideal da criatura com o Criador.

Aí, desperte para a realidade circunjacente e verifique quanto do que imaginou está, de veras, ao alcance das mãos ou, simplesmente, do pensamento. Se nada da fantasia for passível de reconhecimento, saiba que você está completamente, inteiramente, totalmente desintegrado. É como se sua vida não se concretizasse.

Entretanto, se cada pequenino setor do seu jardim de maravilhas se contiver ao seu redor, mesmo que seja paupérrimo barraco, em escura viela de cortiço, à beira de nauseabundo e infecto córrego de águas despejadas, resumindo as grandiosidades e belezas do despojamento das virtualidades materiais e fundamentadas no engrandecimento das virtudes, dentro dos parâmetros dos ideais espíritas da salvação pela caridade e do progresso pela instrução moral, poderá ingressar na espiritualidade, em busca de efetivar o seu sonho de perfeição.

O *meu* jardim das maravilhas era só *meu*. *Meu* chafariz, *meu* canteiro de rosas, *meu* passeio azulejado, *minhas* pilastras gregas, *minha* felicidade corpórea e espiritual, *meu... minha...*

Odioso, quando tudo se resume apenas na gente mesma, quando não se dá oportunidade de nascerem crianças, quando se impede que haja progresso entre os que nos auxiliam, quando não se estimam os bens para que o desprendimento nos provoque arrepios de suprema bem-aventurança. Odioso julgar que o mundo se construiu para que nele passeemos, indiferente às guerras e aos sofrimentos alheios. Odioso...

Não me queiram mal por isso, por favor! Obrigada! Muito obrigada!

PÁGINA EM BRANCO

Além da originalidade do título para as obrigações epistolares, nada mais haverá o leitor de encontrar de interesse na dissertação. Caso tenhamos a felicidade de concluir, apresentando série de conselhos, ou melhor, de recomendações baseadas nos *Evangelhos*, após extrair o mau exemplo das experiências que levamos a cabo na derradeira passagem pelo mundo, não haverá nenhuma novidade, a não ser o enfoque de outra criatura eivada de maus procedimentos, segundo a profissão de que me sustentei e aos meus.

Na verdade, nem aí se poderá dizer que haja muita distinção dos demais, só porque exerci as funções advocatícias junto ao foro de grande capital.

Péssimo advogado estarei sendo, destituindo a causa, desde logo, de propriedade e de oportunidade. É certo, contudo, que, se não passar pelo crivo da instituição, dando testemunho da verdade existencial de pós-túmulo, irei arrepender-me amarissimamente, já que todas as programações devem ser rigorosamente cumpridas, ou não teremos oportunidade de suscitar os comentários valiosos dos mestres nem orientar os companheiros para situações diferentes das suas.

Não fui bom defensor público, pois ganhei inúmeras causas para clientes pouco recomendáveis. À época, parecia-me estar no apogeu da inteligência, pela aplicação correta dos dispositivos legais, tanto que me via em palpos de aranha para atender a tantas pessoas carentes de proteção.

O enriquecimento era ponto nevrálgico de que parti para efeito da carreira, mas logo ultrapassei os limites do sucesso financeiro, dedicando-me com exclusividade à vida forense, esquecido de que, no mundo, existem solicitações outras de caráter elevado, as quais desleixei, inclusive quanto à formação de família dentro dos padrões sociais vigentes.

Se a tendência atual é para a transformação do defensor em promotor das acusações, tudo se deve à permanência no Umbral por longos sete anos, onde, ali sim, lutei com bravura intelectual e com denodo jurídico, para comprovar que não merecia ter ingressado em presídio de segurança máxima, na condição de condenado sem julgamento.

Estou transformando a peça em libelo pessoal contra os desatinos da força argumentativa, de propósito, para evidenciar a inutilidade dos procedimentos humanos junto aos responsáveis pela harmonia no plano da espiritualidade. Os fatos são produzidos

tão mecanicamente que não se tem notícia de qualquer integrante da magistratura humana ter conseguido organizar tribunal para o julgamento das culpas, das falhas ou para o reconhecimento das virtudes, como mais costumeiramente se postam perante as forças que os impedem de vasculhar as áreas superiores.

E, no entanto, muitos processos são analisados e apresentados ao setor jurídico do Umbral, onde existem muitos simulacros de julgamentos, onde a aparência material impressiona pela grandiosidade das instalações e todo o procedimento se fundamenta em obras jurídicas da mais pura tradição no campo do Direito, tal qual se encontra no orbe terrestre.

Vivem ali muitas pobres criaturas, sem noção de estarem sequer no etéreo, acusando, defendendo e estabelecendo sentenças.

Creio que o descritivismo demasiado extenso possa provocar simples curiosidade e despertar até mesmo interesse em se conhecer o local, para avaliação do que possa existir de maligno, de pungente, de doloroso, na permanência em tão insólita instituição, onde os resultados são penosos sempre para os réus, com consequências danosas para todos os envolvidos, pois a execução das sentenças se dá em detrimento das leis evangélicas, sem perdão, sem misericórdia, sem pacificação consciencial, uma vez que todos os réus são, invariavelmente, condenados, estendendo-se, em alguns casos, a luta jurídica por décadas, nas intermináveis apelações, recursos e intervenções testemunhais, com acrescentamentos de provas e contraprovas. A pressão pela necessidade de vitória bloqueia todas as saídas morais e os envolvidos se colocam perante o sistema jurídico absolutamente inconscientes das torturas que sofrem.

Dito assim, até parece que tal enredamento mental possa levar ao esquecimento das dores. Todavia, o que acontece é que os crimes não se julgam mas os criminosos, de sorte que cada qual vê refletir-se na consciência a maneira como reage perante as condições dos semelhantes, revivendo, com requintes de crueldade contra si mesmo, todas as ações que o conduziram até aquela paragem.

É o inferno.

Não avisei que esta seria página em branco? Pois conclua pela verdade evangélica e anime-se a estudar o Espiritismo como norma de vida, sem esmorecimentos e sem altas pretensões. Verá que Jesus estabeleceu as diretrizes para entendimento integral de como suportar as pressões cármicas. E atentará para os fatores que fizeram que o *Espírito de Verdade*, através de Kardec, propusesse aos encarnados a normatização do procedimento pela moralidade decorrente das leis universais, não aquelas redigidas pelos homens, mas as que estabelecem as virtudes como os recursos que nos conduzirão aos planos espirituais quintessenciados.

E não queira, jamais, ter conhecimento de qualquer setor do Umbral, para vir expor em mensagens tão deprimentes.

RUMO DESCONHECIDO

Nunca estive tão perdido quanto ao futuro como quando ingressei na *Escolinha de Evangelização*. Tudo me parecia confuso, problemático, terrivelmente organizado, e eu não atinava com as determinações que me eram dirigidas, julgando sempre que os roteiros se destinavam a seres mais experientes, mais antigos na instituição ou mais inteligentes.

Durante a derradeira permanência no orbe, não me deram capacidade para elucidar os problemas, tanto que abandonei a escola logo no primeiro ano, desejando ver a professora pelas costas.

Aos poucos, porém, fui encontrando pessoas que me orientavam e me esclareciam quanto aos deveres, tornando muito mais claro e simples o que deveria fazer, para continuar trabalhando adequadamente, tanto houvera sido desajeitado ou irresponsável.

Neste instante, faço tremendo esforço para me manter equilibrado, pois fiquei sabendo ultimamente que muito do que deixei de cumprir se deveu aos fatores emocionais, principalmente por me sentir temeroso de não ser aceito pelos amigos e parentes.

Se quiserem, podem inferir que as trapalhadas na carne, como aquela de fugir da escola, estabeleceram critério de julgamento mental muito tacanho, nunca desprendido da necessidade de aproveitar ao máximo as oportunidades, aferrando-me com unhas e dentes ao que possuía.

Mas podem observar que melhorei muito, conseguindo redigir algumas linhas, para efeito dos deveres escolares, agora que progredi até este posto, para as declarações passíveis de lucidez, a ponto de comentar até os desmandos passados.

Os professores me apoiam e o médium me socorre, na medida do possível, e isto não posso deixar de consignar, para não dar a falsa impressão de ser muito mais categorizado. Por outro lado, não infiram que tenha desenvolvido a humildade, a ponto de me tornar arrimo para outros seres, na tentativa do socorro oportuno. A verdade é que estou muito atrasado mentalmente e não disponho de conhecimentos para esclarecer o mais básico, o mais elementar de minha psicologia.

Na Terra, mercê do auxílio dos companheiros, consegui bom emprego, com suficiente ganho para sustentar minha pequena família (mulher e dois filhos). Estes também não quiseram permanecer na escola, embora a esposa lhes desse *uma dura*, mostrando a necessidade do conhecimento para o progresso. Mas o meu mau exemplo

frutificou, infelizmente. Em todo caso, alcançaram o diploma do primário, o que, para mim, era grande vitória intelectual.

Sou tão indeciso quanto a todas as ações, que estou temendo que a orientação dos professores, para não contarmos os casos, os episódios, os capítulos da encarnação, possa prejudicar o entendimento de minha personalidade. Por isso, quero deixar claro que não ofendi a ninguém, sempre deixando passar as ofensas, não porque tivesse o espírito aberto para o perdão, mas porque tinha medo de perder as posses, se perdesse o emprego ou fosse preso, por exemplo.

Os filhos não. Diferentemente, cometeram diversos crimes e pagaram atrás das grades a sua dívida para com a sociedade. E vieram atrás de mim, no etéreo, desejando cobrar certas dívidas que só eles mesmos conheciam.

Mas isso é história para mais de trinta anos.

Atualmente, tenho ficado muito admirado com as possibilidades da mente, disciplinando as emoções e superando as dificuldades propiciadas pela insegurança. O que gostaria era ver esta página ser virada de vez, na esperança de que me possa revelar meus progressos nos bancos escolares.

Qual irá ser o meu futuro? Será que irei voltar à Terra para novas experiências, para apagar as más impressões que deixei e que também trouxe? Será que deverei regressar ao Umbral, em missão de socorro, depois de diplomado? Será que me levarão a outros departamentos desta instituição ou para outra organização, com a finalidade de aprender outros fatos de que me reconheça carente?

Só tenho a certeza mesmo de que não serei abandonado, pois tudo farei para continuar merecendo o amparo dos companheiros e a compreensão dos mestres, como no caso deste escrito, pelo qual, se me permitirem o excesso da linguagem, suei sangue.

Não é costume agradecer aos demais, pois, como me explicaram, todos desempenham reais papéis de amigos, na solidariedade que nos une. Contudo, gostaria de dar um abraço em cada companheiro e nos mestres, apertando a mão ao generoso escrevente, desculpando-me pelas péssimas vibrações que teve de aturar.

Fiquem com Deus!

DIFÍCIL ESCOLHA

Acompanhei os amigos encarnados para a deliberação sobre a obra a ser encaminhada para a editora. Encantei-me com a observação de que todas são dignas de publicação, mas me entristeci ao avaliar-lhes a descrença relativamente à efetivação do evento editorial.

Quero apresentar congratulações pela escolha efetuada e prometer que intercederei em favor de que tudo dê certo, conforme as aspirações dos mentores da entidade, à qual pertenço na simples qualidade de instrutor.

Imediatamente, surge a suspeita de que o meu trabalho possa contrariar a expectativa da publicação, caso o desejo dos mestres assim o determine, desintegrando a vontade do médium.

Não precisaria de muitas palavras para comprovar que os textos são escritos no interesse da divulgação, quer pela discussão de temas importantes para o socorrismo e para a evangelização e doutrinação, quer pelo esmero da forma, sempre a melhor que nos é possível.

Não vamos, contudo, incentivar o entusiasmo pela ventura de ver impressas em livro as mensagens. Imaginemos que todas as obras, que se contam pelas dezenas, sejam editadas. Que diferença sensível haverá para estas tardes psicográficas, além da alegria com que os próximos comunicadores irão entregar-se às tarefas?

Confortado o coração do médium, no sentido de ver o trabalho frutificar nos anseios de quem se aproveitar das obras, restar-lhe-á a vicissitude do atendimento aos curiosos, bajuladores e astuciosos, que sempre haverá quem deseje descobrir nas manifestações o dedo falso do encarnado ou a ingenuidade de quem se deixa levar por obsessores, quando não há a desconfiança de que tudo advém de processo anímico ou inconsciente.

A luta crescerá quando pessoas de boa-fé mas desconhecedoras da doutrina instarem por explicações a respeito dos pontos da moralidade, do mediunismo ou da evangelização, como se fora da responsabilidade do mediador justificar-lhes as diretrizes.

A pergunta óbvia será:

— *Terei competência para vencer os obstáculos ou naufragarei, inexperto, nas turbidas águas das necessidades cármicas?*

Caberá outra promessa de quem o ampara, ou seja, a de que me postarei a seu lado para o auxílio oportuno, desde que mantenha o timbre da vibração espiritual coadunado com o meu, aceitando os influxos dos conhecimentos como roteiros para as respostas e atividades.

Tive a honra de vir apresentar o texto neste dia jubiloso da esposa (publicação pelo Diário Oficial da aposentadoria), escolhido especialmente para mim pelo coordenador do *Grupo dos Aspirantes do Evangelho*, porque desejava que me enfronhasse nos pensamentos do amigo mediador, para conhecer como se dão as reações íntimas, pois desacreditava que pudessem os componentes da turma assimilar as vibrações mentais do instrumento humano, no sentido de propiciar ao texto o tônus emotivo mais adequado para a tradução dos sentimentos do emissor espiritual.

As dúvidas e desconfianças dos encarnados que acima aduzi relativamente à obra a ser publicada, finalmente, são o reflexo mais que claro de meus próprios temores e descrenças.

Eis que a lição está sendo ministrada no justo instante em que desempenho o meu papel, impedindo-me de reproduzir o texto que trouxe preparado mas que, em suma, tratava destas mesmas incertezas, próprias de quem não vivenciou os fatos mas alcança conclusões através de conjecturas extraídas das experiências negativas que repousam no inconsciente e que afloram, na forma de paixões, de receios, de emotividades, sobre os quais a vontade não exerce direito sua ascendência racional.

Gostaria de comparar o meu treinamento com as reações que os leitores hão de ter ao contacto com a obra mediúnica. Temo, porém, que o imprevisto possa desandar as apreciações, da mesma forma que os encarnados o fazem quando não aceitam as informações que leem.

Fi-lo, de qualquer modo, argutamente para quem não tem o traquejo do pensamento positivo e justo, mas de forma talvez sutil demais. Queiram, então, perdoar-me o atrevimento desta suposição deselegante, uma vez que estou desejando ver nas pessoas os mesmos defeitos que porto.

Não seja, contudo, uma difícil escolha optar pela verossimilhança dos procedimentos mediúnicos, desfazendo as insidiosas mentalizações de que as informações decorrem da malignidade. Eu mesmo vou tentar proceder de forma mais cordata, mais amena e mais produtiva, em relação às conclusões subjetivas, transformando-as em pontos de precioso apoio para a aplicação dos raciocínios, das pesquisas, das investigações e das discussões com os companheiros.

Não seria excelente se estes mesmos dizeres se dessem no espírito dos leitores? Queira Deus que assim seja!

DISCUSSÕES INFRUTÍFERAS

Na Terra, fui questionador inveterado. Para tudo emitia opinião própria, que assim não considerava, mas como o reflexo cristalino da verdade.

Não preciso dizer que dei com os costados no Umbral e que ali permaneci por mais de vinte anos, tentando convencer a todos de que estava certo e deveria ser elevado à condição da angelitude.

História mais que simples, não pretendo esmiuçar os quês nem os porquês, mas dar grito de alerta para os que ousam indispor-se, mesmo mentalmente, contra quem emita conceitos a respeito dos temas da moralidade e da doutrina espírita.

Vamos supor que o oponente venha com disparates imensos, contrariando as teses de Kardec e as informações do *Espírito de Verdade*. Vamos imaginar mais: que interprete as palavras de Jesus de maneira absurda, a ponto de considerar as leis do amor e do perdão injustificáveis.

Tal como eu, a pessoa irá teimar em vão perante os seres que se sentirem no direito de se opor. Por que, então, ficar irado, desafiar os silogismos ou os sofismas ou pesquisar nas obras das autoridades, para arranjar argumentos que convençam quem esteja irremediável e visivelmente enganado? Aqui, mais que nunca, somente o tempo servirá como freio, para que os pensamentos avancem para áreas mais significativas, como a desilusão, o desassossego, o isolamento e, finalmente, o reconhecimento da pobreza das conclusões, que a nada conduzem de bom, de claro, de maravilhoso, de divino.

Vou admitir que esteja errado a respeito de não incentivar a discussão. Sendo assim, não vou prosseguir expondo a necessidade de se controlarem os impulsos do discurso combativo. A partir desse momento, deixaria de estabelecer os parâmetros do tema que trouxe para a reflexão dos amigos, reconhecendo que esta participação se dá no estrito sentido da colaboração e não da impingidela pura e simples de ponto de vista pessoal ou grupal.

Por isso, a discussão, que se estabeleça íntima, sem emissão de vibrações desagradáveis contra ninguém, por favor. Dessa forma, compreender-se-á que estou tentando superar a tendência declarada.

Caminho direto, contudo, para a efetivação de texto em que me consagro como exímio artista da palavra, pois dou de mão beijada ao leitor orgulhoso que qualquer composição sua iria superar a minha. Não estará aqui a suprema perfeição de quem não deseja levantar vitupério?

Favorece-me o tema de modo tão absoluto, que fica fácil prosseguir nesta linha melodramática. Continue, pois, o companheiro do ponto que melhor lhe aprouver, se julgar que o desenvolvimento mereça consideração.

Convenci-me de que tudo não passará de exercício escolar, embora os educadores terrestres não gostem deste tipo de trabalho, julgando melhor partir de imediato para a prática das virtudes, sem considerações subjetivas a respeito dos desvios de conduta moral ou intelectual. Achem os mentores do orbe que as minúcias dos raciocínios se esclarecerão no foro íntimo, concordando com a tese desta exposição, desconsiderando que, quando se trata de ensino-aprendizagem, o procedimento deva ser outro.

Precisava dizer que alguém, em algum lugar, não está agindo direito. Por isso, referi-me a meus propósitos redacionais e parti para a exemplificação, no roteiro dos que agem de modo tão pragmático. Com certeza, mais tarde, algum colega virá expor a tese contrária, que aqui ainda se tem o gosto das discussões infrutíferas.

Não é sempre assim que pensa o amigo?

Aliás, se pensarmos a respeito das *virtudes* acima aludidas, poderemos até estabelecer que, perante os valores da imortalidade, os encarnados, em geral, não são capazes de fazer o que é mais correto. Dessa maneira, cumprirão o ritual do olvido dos que os vêm alertar, para enfatizar aos mensageiros que suas atuações são improdutivas.

A que conclusão chegarei, após as lúcidas apreciações dos mestres e os apimentados pareceres dos colegas?

CARREGANDO NAS CORES

Não é sempre que se consegue dar a tonalidade certa dos desmandos praticados durante a vida. O que mais ocorre é os irmãos sentirem temores muito fortes quanto às reações do público, atenuando a responsabilidade ou a rudeza dos crimes.

Quanto a este grupo, fomos até impedidos de relatar os acontecimentos em reportagens cruas, havendo de se furtar o comunicador, no que respeita ao despertar da morbidez da curiosidade de quem não está preocupado com os efeitos das leis do carma, mas com a tensão promovida pelas emotividades proporcionadas pelos episódios.

Corre entre os da turma que o jornalismo das emissoras de televisão terá o efeito buscado, bastando que se interesse o etéreo por indicar tal ou qual reportagem, para dar aos leitores com que se distraírem.

O menos, porém, que se requer dos encarnados é que encarem estas mensagens como passatempo, como nas leituras dos péssimos romances ditos mediúnicos, onde as personagens-títeres desfilam série de lugares-comuns das reações psíquicas do tipo crime—vingança—perdão—redenção, mecanicamente, sem se explicitarem as análises dos fatos e as implicações decorrentes da estruturação sociocultural vigente.

Hão os amigos de perguntar se existe a mesma liberdade de narrar ou de compor esquemas fictícios que entre os encarnados.

A resposta não pode ser positiva, uma vez que se devem respeitar os princípios da moralidade evangélica, ou a elevação da alma do espírito-escritor não se refletirá nas páginas que haverão de destinar-se para a edificação de sólidos conceitos doutrinários, no coração e na mente dos encarnados.

— *E como explicar aqueles “péssimos romances ditos mediúnicos”?*

Da mesma forma que se explicam tantos e tantos textos medíocres que remetemos ao orbe, mas que não se qualificam perante os editores para a publicação. Aqueles supracitados romances, no entanto, estimulam a imaginação dos responsáveis pela impressão, na cândida suposição que terão leitoras certas, constituindo-se em sucesso editorial. O objetivo dos mentores espirituais, que nos pedem para sermos sensatos e coerentes com os cânones e diretrizes cristãos, não é o mesmo dos editores, que julgam prestar bons serviços à causa espírita, porque revertem os ganhos para a caridade institucionalizada.

Imaginemos que este arrazoado jamais seja publicado. Ao cair nas mãos de esporádico leitor, certamente produzirá o efeito que almejamos, qual seja, o de despertar para os rumos que têm tomado os impressos espíritas.

No entanto, se avaliarmos com justiça as obras dos melhores autores espirituais ou encarnados relativas ao espiritismo, muitas encontraremos de altíssimo valor, aptas à instalação e ao desenvolvimento dos ideais do movimento espírita, sem, contudo, oferecerem ao grande público qualquer proveito, pela complexidade temática e pela linguagem técnica específica desta ciência ou religião.

— *Como é que alguém conseguiu escapar do roteiro que se delineou para os integrantes deste grupo?*

Vou, agora, retornar à catequese, dizendo que estou somente evidenciando os sentimentos que consegui amearhar na viagem que fiz a instituições de divulgação das obras mediúnicas. Sinto dizer que os amigos encarnados não suspeitam de estar sendo estreitamente vigiados quanto às intenções mais íntimas. Claro que recebem apoio e carinho dos protetores individuais e dos benfeitores das instituições. No entanto, não é difícil de se estabelecerem vínculos de conhecimento para quem se apresenta imbuído do desejo de progredir, sem energizações negativas. Assim, ficamos sabendo dos anseios espirituais, das *performances* morais, das aspirações materiais e das potencialidades intelectuais.

Caso algum editor venha a ler esta página sofrível, onde encontrará motivos para arquivar o escrito (— *“Cesta” gaveta, rápido!*), pense em que possamos estar definindo postura bem diferente para as próximas publicações.

Agradeço ao escrevente a corajosa atitude de dar curso a tão estranhos comentários, quando, esperançoso, acaba de enviar um dos compêndios para exame, visando à divulgação.

Não é verdade que carreguei nas cores, se se comparar este texto com o do amigo que escreveu *Difícil escolha?* Pois, do cotejo, poder-se-ão extrair preciosas conclusões, quanto à minha motivação particular, uma vez que não obtive o mesmo estímulo que o preclaro autor, buscando investigar por minha conta e risco, para acrescentamentos que prejudicava necessários, tendo o amigo derivado, em sua mensagem, para considerações de caráter pessoal.

Neste aspecto, disse muito menos a respeito das minhas idiossincrasias, de modo a levar quem me ouviu ou me leu às perplexidades que desobrigariam qualquer editor a divulgar-me, dado que a interferência sobre como me categorizar vai ficar difícil, demorada e pouco proveitosa.

Eis que termino, exercendo o direito de descolorir o texto, para que não venha a sofrer...

Volte, por favor, ao princípio e leia tudo de novo. Obrigado.

EXCELÊNCIA E PRIMOR

Digamo-lo francamente: as comunicações do grupo carecem de cuidados linguísticos, enquanto o seu teor vem desconectado da realidade intelectual dos mortais. Dificilmente se agradarão eles destas leituras, tão avessos ao pensamento lúdico a respeito das práticas evangélicas. No campo da religiosidade, se não fossem os espíritas, quem estaria disposto a perquirir a verdade, a partir dos conhecimentos doutrinários?

Ao percorrermos os templos, durante os ofícios religiosos, o que mais vemos é gente rogando (e mal) por interesses pessoais. Reconhecemos que nem sempre tais solicitações são mesquinhas, mas o que se oferece em troca é o espetáculo público de certas penitências que não corresponderiam jamais ao pagamento virtual dos serviços do etéreo. Como, por exemplo, considerar valioso, para quem exercita a *graça*, que se esfolem os joelhos, nas subidas das centenas de degraus, rumo ao Cristo Redentor?

No entanto, muitos dos companheiros do *Grupo dos Aspirantes do Evangelho* têm feito esforços significativos para superarem as deficiências de formação escolar (recorrendo insistentemente ao aparato cultural do médium), na expectativa de efetivarem mensagens claras, oportunas e importantes.

Quem suspeitar que nos move a vaidade da execução excelente e primorosa, para o resultado da estupefação dos leitores, não deverá levar em consideração a observação acima, pois aí irá ofender-nos, como se não tivéssemos acurado critério de julgamento, na decifração das fragilidades intelectuais.

Após cuidadoso exame do parágrafo anterior, quem não conseguiria estabelecer escrituração mais proveitosa para o entendimento das ideias?

Por outro lado, a grande maioria dos que se apresentaram, além de não saberem redigir com propriedade, com fluência, com elegância, também estão muito atrasados no desenvolvimento moral, conforme se poderá deduzir das trapalhadas conceituais e silogísticas que apresentam.

Neste ponto, quem nos tem valido é o mestre e os parceiros melhor aquinhoados culturalmente.

Não podemos deixar de mencionar o fato de que existem seres no etéreo (não nesta equipe) que se deixaram seduzir pelas vaidades literárias, desenvolvendo intelectos bem providos, mas que, por não se terem dedicado aos conhecimentos da moralidade

evangélica, não alcançaram aproveitar-se das facilidades técnicas adquiridas. Isso se dá, um pouco, com cada um de nós, tendo em vista estarem sendo regidos tais conhecimentos pelas intenções subalternas do aproveitamento indecoroso, para os efeitos *inconfessáveis*.

A excelência e o primor, portanto, a que desejamos referir-nos no título, se aplicam diretamente a todas as produções do grupo, já que representam o máximo (muitas vezes até bem mais, pela ajuda recebida) que estamos em condições de oferecer.

Para pessoas capacitadas, esta declaração de inferioridade poderá redundar em desprestígio da leitura. Se tal ocorrer, haveremos de lamentar a modéstia forçada pela realidade resultante em perdas de oportunidades de reflexão sobre problemas não corriqueiros, como afirmamos de início. Humildemente, solicitamos a tais irmãos que não se afastem de nós, a menos que seja para outras leituras de mesmo teor.

Para pessoas simples, iletradas, desacostumadas com as peripécias verbais dos eruditos e com os malabarismos silogísticos dos teóricos e tratadistas, estes desenvolvimentos irão demonstrar-se refratários. Igualmente, requisitamos boa vontade e sacrifício para a perseverança diante dos textos, mesmo que haja necessidade de se buscar socorro junto a pessoas mais cultas.

Após tantas declarações de inferioridade, ao lado de demonstrações de análises e críticas nada perfunctórias, como esperam os leitores que iremos aparecer, desvestida a máscara que nos oculta a verdadeira face psíquica?

Pois o que fizemos agora com seriedade e com o coração na mão, sempre o fizemos com falsidade, com sutilezas maldosas, com malícia, na apresentação de personalidade que se desejava mostrar simplória, com a íntima convicção da superioridade, pois nos julgávamos apaniguados por estrutura racional de qualidade acima dos que conosco conviviam.

Se não bastam os arrevesados textual e linguístico para a comprovação da assertiva, que mais poderemos fazer para nos pormos nus perante a opinião?

Não temos medo de narrar reles acontecimentos exemplificativos de orgulho, de vaidade, de egoísmo, de prepotência. Como se sabe, porém, não temos permissão para fazê-lo. Assim, que sejam suficientes as pistas apontadas, além da informação de que fomos professor universitário, em notória instituição, cujos méritos se reconhecem internacionalmente.

Constantemente, rezamos para que o mesmo não aconteça aos catedráticos, livres-docentes, doutores, mestres e professores em evidência profissional, porque não é nada fácil superar os defeitos, quando se incrustam no âmago da personalidade.

Que Deus nos abençoe a todos!

NOTA.

Pedi e fui autorizado a registrar a precezinha final, com a condição, todavia, de esclarecer que todos os colegas o fazem espontaneamente, ao término dos trabalhos. A anotação é para que o médium fique sossegado, já que hesita em repetir o indefectível *graças a Deus!* É o instrutor quem lhe passa o titubeio, considerando que possa haver quem não ore (mensageiro ou leitor) com inteira convicção evangélica. Eis a atitude presa à velha linha do não utilizar o santo nome do Senhor em vão. Reservemo-nos, portanto, para as preces íntimas.

OBESIDADE INCÔMODA

Será incômoda a obesidade que impedir o desenvolvimento espiritual, por obstar que o desempenho físico se realize em harmonia com as aspirações evangélicas. Poderá o fato ocorrer ou será mera suposição do mensageiro? Que acham os amigos?

Quando o único desejo do indivíduo está na glotoneria, tudo fará para alcançar os objetivos. Dessa forma, irá esquecer-se de que a vida, como é do conhecimento de todos, não lhe foi dada com tal finalidade. Ao contrário, o comer para viver é que sustenta as demais atividades.

Tudo não lhes parece excessivamente simples?

Então, por que cargas d'água há tantas pessoas incrivelmente gordas?

Eu fui exatamente assim. E nada mais precisarei dizer a respeito, para que entendam os desvarios alucinatórios que sofri no Umbral, onde a frugalidade alimentar me atormentou por muitos anos.

Se quiserem saber, logo que lá cheguei, fui recebido com festança digna de Pantagruel. Esbaldei-me, pensando estar no paraíso. Mas a repetição dos pratos começou a enjoar-me. Aí me vi no inferno. E não podia recusar nada, que os comensais me obrigavam a ingerir todo alimento que me punham no prato.

Aqui devo abrir parêntese para afirmar que me valeram os conselhos paternos e maternos, quando me forçaram a acompanhá-los às missas, onde rezava a contragosto. Mas decorei as orações, de forma que me protegeram, quando o assédio dos demais se tornou insuportável.

Foi aí que prometi comportar-me bem, se me tirassem daquele ambiente.

Interessante que tudo desapareceu de repente, vendo-me ao lado de humilde horta de verduras e legumes e de pequeno córrego de águas límpidas. Ao redor, imensa floresta, negra, misteriosa, cheia de ruídos estranhíssimos, atemorizantes.

Era o lugar ideal para aprender a sustentar-me apenas com o necessário.

Novamente, os primeiros tempos foram deliciosos. Entretanto, havia um componente novo, imensamente mais triste que a situação anterior: estava isolado. Até a presença daqueles seres asquerosos da lauta mesa era ansiada, às vezes, pois não me conformava com o fato de que, sendo bom, não tendo jamais maltratado ninguém, a não ser em brincadeiras de mau gosto (reconheço agora), estivesse sendo punido tão desagradavelmente.

Encerro aqui a narração, pois servirá de advertência para os leitores mais avantajados fisicamente.

Se me perguntarem onde errei, verdadeiramente, responderei que não favoreci o crescimento espiritual de ninguém. Tive filhos, sim, mas incentivei-os às delícias materiais. A educação que lhes dei visava ao ganho de dinheiro, e mais nada. Dava polpudas gorjetas aos garçons, mas visava ao particular interesse de ser bem servido. Esmolas e contribuições para os fundos de assistência não eram comigo. Até o fisco burlei, na tentativa de fazer crescer o meu patrimônio. E não era realmente rico, mas remediado.

Se o estilo é o homem mesmo, na teoria de Buffon, como me informa o médium, não estranhem os períodos curtos. É que conservo ofegante a respiração. Terrível cacoete, lembrança dramática dos tempos despudorados.

Mas a consciência se me despertou, quando, após ter-me desesperado durante longo período, me vi no espelho das águas do córrego, magro, enxuto, diferente.

Se pensarem que me alegrei, vão enganar-se redondamente. Queria de volta o corpanzil. Foi o que me levou às considerações morais e evangélicas redentoras.

Para efeito de identificação psíquica, estou com o volume aumentado, pois fico mais feliz deste modo. Mas sei que devo ultrapassar esta distorcida imagem que faço de mim mesmo, para crescer em virtudes. Em todo caso, sinto-me profundamente modificado, para melhor.

Conversando com os amigos, encontrei-me com um magro, cuja única aspiração foi ser o mais magro dentre todos. Felicitei-o de pronto. Surpreendeu-me, contudo, com a declaração de que sofrera os mesmos percalços que eu, em sentido inverso.

Tortuosos são os caminhos do Senhor!

DESEJOS DE MELHORIA

Ao lermos a prosa dos autores espirituais, como *Emmanuel*, André Luís, o *Irmão X*, ou as poesias de Auta de Sousa, de Bocage e de tantos outros, corre-nos pela espinha leve *frisson* de santa inveja, pois gostaríamos de produzir mensagens que pudessem encontrar a mesma boa repercussão nos espíritos dos encarnados.

Não pensamos, contudo, na fama em si, senão em que deveremos melhorar os conhecimentos e os procedimentos, para podermos redigir com tanta desenvoltura, burilando a obra como cinzel da verdade e com o buril da perfeição.

Ligeiro exemplo demos acima de figuras que soem recheiar as obras dos irmãos superiores, atividade que nos foi restringida neste encaminhar de informes confessionais. Como não temos de nos limitar, no que concerne aos pensamentos, e como podemos exaurir a terminologia mais adequada, buscando o termo certo, com elegância e beleza, desde que tudo venha impregnado dos ensinamentos evangélicos, vamos esmerar-nos ao ponto maior de nossa capacitação.

Na Terra, não fui dos que tiveram tão límpidos desejos evolutivos. Julgava os que obtinham sucesso com menosprezo, almejando alcançá-los nas exteriorizações da personalidade, sem considerar-lhes os esforços, sacrifícios e renúncias. Assim, em lugar de estudar proficientemente os temas sobre que dissertava para a imprensa espírita, enxertava os artigos de esdrúxula terminologia, apagando totalmente a clareza, pois considerava que o público deveria acatar e admirar a nobreza dos pensamentos e o brilho da linguagem.

Graças a Deus, dou pálida ideia dos arrevesados estilísticos, para não sufocar os amigos.

Haverá maior glória do que dizer, simplesmente: ***“Amar a Deus sobre todas as coisas é o primeiro mandamento; e o segundo, amar ao próximo como a si mesmo”***?

Haverá maior honra do que ouvir dos amigos: *“Quanta bondade, meu Deus, no coração desse homem!”*?

Por que será que sempre estamos querendo que pensem que somos inteligentes, eruditos, sábios, perfeitos?

Se dermos o máximo e se prosseguirmos incessantemente a instruir-nos, estudando com afinco as matérias sobre que versa a sabedoria humana e a espiritual, com

certeza, sem que percebamos, estaremos passando aos mortais mensagens plenas de luz, julgando-as infelizes, impróprias, eivadas de preconceitos e de erros, incompletas e imprecisas.

Vamos pensar em como os luminares da espiritualidade dariam estas mesmas informações, buscando interpretar as qualidades deles como falhas nossas. Aí iremos aperfeiçoar o desempenho, à vista do reconhecimento das deficiências e dificuldades. Valham-nos, portanto, as obras daqueles seres de eleição como exemplos a serem examinados, detidamente, para absorção dos méritos, jamais para servil imitação. Quando estivermos exprimindo-nos livremente, segundo o padrão da personalidade, iremos, inconscientemente, executar trabalhos originais e, talvez, úteis para os que nos considerarem, por sua vez, dignos, categorizados, informados, inteligentes, sábios...

Sempre haverá alguém para receber o influxo de nosso auxílio. Trabalhem para isso.

FELICIDADE, ENFIM!

Para quem se sufocou durante muitos séculos nas trevas, tendo perpassado por diversas vidas infelizes, a parada nesta fase de aprendizados é o auge do período de felicidade, desde que se compenetrar de que o Criador é verdadeiramente pai de infinita misericórdia e a todos distribui sua rigorosa justiça, com amor e equidade.

Se o caro amigo leitor estiver tendo sossego espiritual e físico para acompanhar estas dissertações, compreenderá exatamente o que estamos dizendo, bastando lembrar-se dos momentos em que se viu atribulado por dor moral ou corpórea.

Sabemos da existência dos males que afligem os irmãos, mas não podemos arcar com as mazelas e opressões universais. Se assim fosse, como não se sentiria Jesus, cuja sensibilidade paira acima de nossa condição de entendimento? No entanto, somos obrigados a reconhecer que o Mestre Nazareno teve momentos de aflição e sacrifícios, na tentativa do resgate dos humanos. Permanecer, contudo, nessa ânsia, pela incompetência dos seres, não corresponderá à ideia que fazemos da bem-aventurança dos maiores.

Por outro lado, se Jesus não puder dizer: — *Felicidade, enfim!* —, será que haverá alguém com tal apanágio?

Pois, a partir da compreensão da existência da dor e do alívio conseqüente de providencial medicação, podemos sopesar os sentimentos menos dignos e dar-lhes também adequado tratamento evangélico, para superarmos as crises.

Disse acima que foram séculos em passagens pelo etéreo e encarnações de imensas infelicidades e que este encantado instante se traduz como o de grata estabilidade emocional e física, tanto que estamos desenvolvendo os pensamentos em áreas que nos exigem concentração e, portanto, paz, serenidade, confiança e segurança em que tudo o que nos envolve transcorre em harmonia com os processos cármicos catalogados nas leis cósmicas.

Evidentemente, não estamos alheio ao fato de que iremos defrontar-nos, mais cedo ou mais tarde, com problemas que nos impelirão para novos sofrimentos, já que nem tudo está devidamente resgatado. Quem incidiu em erro, deverá instrumentar-se moralmente, para não mais cair nas armadilhas do egoísmo, do orgulho, da vaidade, da prepotência, da prevaricação, da usura, do egocentrismo, enfim.

E nós nos reconhecemos imperfeitíssimos.

Eis que a permanência nesta instituição escolar é refrigério para as dores e lenitivo para as perspectivas, uma vez que os estudos nos asseguram que iremos obter sucesso nas provações, desde que integremos na personalidade os ensinamentos e as virtudes.

Mas as aflições são bem distribuídas, dado que temos momentos de reflexão demarcados pelos instrutores, para que não nos iludamos com as conquistas efetuadas, como se fossem definitivas. Haveremos de provar-nos no campo da luta, aplicando, na prática, cada um dos pequeninos ganhos morais, intelectuais e espirituais.

Aí, mais do que agora, poderemos dizer: — *Felicidade, enfim!* —, apresentando-nos para subir mais um degrau, rumo à unidade existencial com o Senhor.

Deveríamos suspender aqui o escrito, dando ao amigo oportunidade para refletir a respeito do que acaba de ler. No entanto, não nos permitem os mestres que deixemos de incentivar os estudos, a utilização das potencialidades intelectuais, a aplicação caritativa dos ensinamentos assimilados, a divulgação dos bens evangélicos como eternos etc. Mais do que nós, tem o amigo a imaginação desenvolvida, para suspeitar de quais sejam os campos onde estão as suas reais necessidades de desenvolvimento, sem que tenha de ficar nessa cíclica imersão na carne e nas trevas.

Por outro lado, como esse dever pressupõe que o leitor esteja em plano vibratório semelhante ao em que vivíamos, temos de nos desculpar com o irmão mais avançado moral, evangélica e espiritualmente. Que, para estes, a peroração sirva como exemplificação a ser citada, nos trabalhos escritos ou nas apreciações orais.

Quem se dignar atender-nos, sem ferir a própria felicidade, julgando que estes momentos não se perderam por maçantes, verá que o maior benefício da leitura não está no êxtase que possa proporcionar, mas no encaminhamento das sensações do amigo, na procura de seu ponto de equilíbrio.

Agora, sim, vamos deixá-lo em paz.

— *Felicidade, enfim!*

TESOUROS NO CÉU

É conhecida a passagem dos *Evangelhos* em que Jesus prega à humanidade que resguarde os tesouros que a traça não come, a ferrugem não corrói e os ladrões não furtam.

Vêm eles em contraposição aos desejos dos encarnados de tudo realizarem na Terra, para aqui mesmo usufruírem, não se importando muito com as consequências negativas de certos gozos que pressupõem prejuízos para outros seres.

Como agimos nós na precedente encarnação? Buscando concretizar a palavra do Senhor, mas burlando-a a cada passo. É que éramos pastor da igreja luterana e julgávamos de direito arrecadar o dízimo e tudo o mais que conseguíssemos, em primeiro lugar para oferecer oportunidade aos fiéis de alcançarem a salvação; depois, para que pudéssemos realizar os anseios de alargamento pastoral, mediante a construção de um nunca acabar de templos, gerando o círculo vicioso das necessidades conjugadas, despesas e rendas, cada vez mais significativas.

Nesse vai-da-valsas, refestelávamo-nos no bom e no melhor, dando à família condições de sobrevivência material muito distante das elucidações de Jesus.

Quanto a nós mesmos, meditávamos muito a respeito das palavras do Mestre e sentíamos um como que de arrepio na espinha da consciência, como se suspeitássemos não estar certa a igreja por exigir dos pastores que se dedicassem tão efusivamente aos aspectos materiais. Mas nada nos passava pela mente de maneira tão clara e definida. Era como que nuvem ameaçadora a que não damos importância e que termina em borrasca das grossas.

Bem comparando, se estamos impedidos de efetuar a apresentação das ideias através de imagens, por que cargas d'água enfeitamos o texto com a tempestade acima?

Era bem esse o espírito que carregávamos ministério afora.

Ao desembarcarmos no Umbral, não fomos assediados com muita intensidade por aqueles que lá estavam carregados por nós, pela ilusão de que teriam comprado o paraíso. Claro que precisei argumentar com a minha presença ali, pois fora enviado para o mesmo lugar dos outros e não mais abaixo, para onde iria se fosse culpado da intenção de prejudicá-los.

Ainda agora lhes sou grato por terem-me compreendido e perdoado.

Entretanto, os meus filhos e de mais parentela a quem propicie educação errada, sem levar em conta as riquezas do Céu, estiveram a pique de me arrastarem para bem mais fundo. A tempo, propus-me como redentor, na pregação exata das palavras do Cristo, levando-lhes consolação e esperança. Sem qualquer treinamento de socorrista, fiz das tripas coração, para lembrar os textos evangélicos, expurgando-os das interpretações maliciosas que lhes dera em vida.

Mais poderia alguém sofrer intelectualmente do que constatar, a cada instante, que agira em discordância com todas as oportunidades maravilhosas que tivera?

Venho para lembrar aos amigos que estes dizeres não são para esquecer na estante, em meio a tantas outras peças de advertência e exortação. Eu mesmo estive muito próximo do Pai, pela formação que recebi no seminário. Mais ainda, pelo pastoreio de extenso rebanho, que poderia ter incentivado à prática fiel dos ensinamentos cristãos. E só agora volto para redimir-me perante os encarnados, já que ainda existem aqueles que se lembram de minhas ponderações e se esmeram por cumpri-las à risca, esquecidos de que minha autoridade poderia ser arguida, perante a verdade.

Mas não me responsabilizo demasiado por estes últimos, já que lhes cabe boa parcela de culpa, uma vez que lhes interessa permanecer estáticos perante o bulício da vida moral.

Espero em Deus que tal não ocorra com nenhum dos amigos leitores, para quem vim reproduzir as palavras de Jesus, para que não erre de novo.

Aliás, falar em *traças*, em *ferrugem* e em *ladrões*, creiam, não é absolutamente empregar linguagem figurada. É a cruel realidade para quem se dá o absurdo direito de só crescer materialmente.

EM CIMA DA HORA

Pouca gente encontrei que não deixasse tudo para fazer em cima da hora. Mas não posso recriminar ninguém, pois, mais que todos, eu mesmo procedia assim. Empenhava-me, é verdade, para realizar todas as tarefas, regularmente, mas, às vezes, não calculava direito a complexidade dos esforços e o resultado era bastante inferior ao que poderia alcançar se me tivesse dedicado por mais tempo.

É evidente que o serviço evangélico também sofreu desse disparate de comportamento, chegando à velhice mais aguda sem ter feito o mínimo que seria compreensível e justo, para ascender a dimensões mais elevadas espiritualmente.

No etéreo, profundamente abatido pela percepção dos próprios vícios, imprimi ritmo muito mais veloz para a aquisição das qualidades e virtudes com que aspirava ressarcir os débitos cósmicos. Aí me vi enredado em inúmeras situações desagradabilíssimas, pois existem fatores que exigem que todas as fases do processo da aprendizagem do bem se concretizem em indefectível ordem, nos limites de tempo que se estabelecem como roteiros, dentro da encarnação. Precitaria volver à matéria para refazer as oportunidades perdidas, acrescidas da correção do defeito anteriormente apresentado.

Instei junto aos responsáveis por esta instituição e a resposta que obtive foi que me matriculasse na *Escolinha de Evangelização*, para refazer os conhecimentos que levara, de outra feita, assimilados, decorados e preparados para a aplicação. Foi aí que entendi o porquê de ter facilidade de realização dos atos de benemerência, de produção de projetos de assistência de grande porte, da mesma forma que tudo o que me caía nas mãos era capaz de decifrar e de encaminhar para execução no mundo fenomenológico.

Quando me pediram para elaborar pequena dissertação a respeito dos principais problemas psíquicos, imediatamente me aprestei para rigoroso exame consciencial e prontamente rascunhei as primeiras ideias, dando corpo, paulatinamente, a esta mensagem, que, sem ser maravilhosa, busca retratar com fidedignidade os percalços da caminhada que vinha empreendendo.

Dentro dos padrões estabelecidos, resta-me questionar os leitores a respeito da veracidade das assertivas, no cotejo que deverão providenciar com as próprias manias e hábitos. Mas isto penso não ser menos do que pueril, para quem vem acompanhando tantas declarações sutis de problemas muito mais perniciosos para o progresso espiritual.

De qualquer modo, se conseguir estimular os necessitados deste corretivo a que alterem o tônus de comportamento, no sentido, claro, da melhoria do desempenho evangélico, não me sentirei totalmente inútil.

Esta postura de simplicidade, evidenciando dramazinho aparentemente de fácil superação, não está para esconder medonhas podridões morais. É que as pessoas, em geral, descaem moralmente por muito pouco. Se o meu problema era pequeno, era-o em sua origem. As consequências foram muito grandes para o desenvolvimento a que almejava, aspiração essa, aliás, que restaurei e que se tornou o fulcro de concentração de todas as atividades.

Acrescento, para efeito de que as conclusões dos leitores se facilitem, que esta lídima preocupação com o avançar da aquisição das virtudes está perfeitamente equacionado dentro dos objetivos evangélicos, para que se não suspeite que trabalhe apenas para mim mesmo. Tenho consciência da falha maior de não ter pensado nos semelhantes, deixando de lado a lei do amor, do perdão, da renúncia, do desprendimento, da boa vontade, da caridade, em suma. Mas essas impropriedades ficaram submersas naquele mar de lodo das íntimas intenções de procrastinar, de postergar, de adiar, de deixar tudo para a última hora.

O fato de estar terminando por onde deveria ter começado não lhes passa a ideia de que nem tudo está equilibrado no meu organismo mental?

Então, saibam, definitivamente, que *o pior cego é o que não quer ver.*

INCAPACIDADE DE ESCREVER

Se deixarmos os amigos da *Escolinha de Evangelização* apresentarem-se todos, teremos milhares de pequenos relatos, cada qual apresentando faceta nova do drama universal da criatura humana: a tendência à malícia, no disfarce do egoísmo, pelo desejo de ascender em paz ao reino do Senhor, sem esforço, contudo, que a aspiração ao protecionismo dos planos mais elevados se sobrepõe a todos os conselhos de trabalho e de estudo que possam receber dos mais doutos.

Mas a luta dos mestres é fortíssima, tanto que conseguem impor ferrenha disciplina, na contínua lembrança dos sofrimentos conscienciais.

Hão de querer saber se todos os espíritos em fase de aprendizagem socorrista se categorizam como aqueles cujas características vamos desenhando bastante pejorativamente.

Evidentemente, não. Há os que se apaniguam pela humildade, mas estão mais próximos da monitoria e da instrução do que propriamente das lições rústicas dos primeiros saberes. A maioria se deixa embalar pela ilusão das facilidades, dado que se sentem muito mais felizes pelo alívio das dores, tendo sido resgatados do Umbral, recentemente.

Elaborei minha dissertação com extrema facilidade. Apresentei-a ao monitor e discutimos bastante a respeito das implicações contra a imagem pública da instituição, já que iria investir contra os que não se conformaram em aceitar o evangelho de Jesus como norma existencial superior, aquela que conduzirá todos os seres aos planos mais eterizados ou quintessenciados.

O querido amigo julgou que iríamos oferecer texto extremamente perigoso, para o que me pediu que se acrescentassem estas explicações, caso contrário, não daria o seu aval e, além disso, com o cuidado de preservar o trabalho dos mestres e seus auxiliares, resguardando também o currículo escolar como fonte de benefícios morais para todos os alunos.

Dizia que a confecção textual foi fácil, não obstante, como prevíamos resistências do médium, reforçamos a imantação e exigimos dele que não interviesse nos dizeres, caso suspeitasse de estarmos contrariando as diretrizes do grupo. Sendo assim, alcançaríamos

projetar, no mundo físico, os pensamentos, revestindo-os dos termos mais próximos possíveis dos intuitos do transmissor.

Agora que desenvolvemos a maior parte do trabalho, tenho a liberdade para reconhecer, em tópico improvisado, se os temores eram justificados, em todos os sentidos, principalmente no que se refere às impropriedades redacionais de enfoque na descrição do ambiente e dos pendores dos mensageiros.

Não vamos apagar nada do que dissemos. Apenas vamos acrescer a ideia que nos trouxe para esta mesa, isto é, a necessidade de revelar aos leitores a própria tendência geral dos encarnados, para que transfiram para o plano da matéria densa tudo o que asseveramos relativamente às mazelas do ser humano.

Caso se julgue que tenhamos complicado a mensagem, por considerar de forma tão pessimista os filhos de Deus, porque todos dele somos criaturas, então os cuidados do monitor estavam corretos, devendo este pobre *escritor*, de fato, observar que, se todos redigissem relatos pessoais, característicos de suas personalidades, poucos iriam oferecer obras do agrado dos mortais.

A minha tendência, como claramente se pode deduzir do emaranhado em que transformei o texto, era bradar contra as falsidades alheias, por considerar-me muitíssimo injustiçado em todos os eventos de que participei, durante a romagem terrena e a peregrinação umbrática.

Percebo, após reler a *mensagem*, que não posso efetuar as mesmas acusações aos mentores, ao monitor e aos parceiros de turma, que me permitiram redigir com inteira liberdade, calando-me as eternas reclamações. Vejo, também, que a restrição que tentei impor ao escrevente se transformou em considerável auxílio, pois as expressões e construções idiomáticas que imaginei fosse transmitir se esquematizaram de forma mais elegante, pelo emprego dos conhecimentos do mediador, o qual possibilitou desenvoltura completamente estranha ao meu nível linguístico.

Corram comigo, por favor, pois a malícia que denunciei de início, quis deixar inoperante, para só escrever fundamentado na verdade dos fatos, ou melhor, daquilo que assim considero.

Eis tudo.

ROTEIROS DE AMOR

Cada turma da *Escolinha de Evangelização*, de acordo com as características espirituais que determinaram o agrupamento, recebe rigoroso roteiro de tarefas e de estudos.

Coube a este *Grupo das Aspirações Evangélicas* discorrer sobre os principais problemas da personalidade, sem desrespeitar, em ponto algum, a mais lídima expressão da verdade, o que incidia em não empregar qualquer figura de linguagem ou de pensamento que pudesse desvirtuar a transmissão, através de conotações que ficassem sem domínio da parte do emitente.

Havia, porém, outra exigência importante, isto é, que os depoimentos se dispusessem em larga faixa de reações psíquicas, segundo os níveis de adiantamento, estabelecendo-se o limite inferior nos companheiros recém-egressos das trevas do Umbral, e o superior, junto aos que estão a pique de nos deixarem, para enfrentamento de trabalhos de maior responsabilidade. Não há demônios nem anjos, mas pessoas passíveis de serem encontradas com facilidade entre os leitores habituais das obras espíritas. Mais que isso seria inadequado para a capacidade de controle dos alunos.

A primeira grande dúvida foi o fato de que iríamos expor seres muito imperfeitos às indagações da curiosidade mórbida dos encarnados não afeitos às premissas evangélicas.

Os mestres, cordatos à vista da ignorância que demonstrávamos, pois, sub-repticiamente, estávamos supondo que o roteiro apresentava gravíssima falha, explicaram-nos que o desenvolvimento estabelecido para os textos previa a demonstração do crescimento moral, a partir das ações de benemerência. Estávamos, portanto, impedidos de trazer quem estivesse em transe consciencial obstrutor da organização racional das mensagens.

Nesta altura dos trabalhos, tendo o amigo leitor perlustrado as manifestações precedentes, deve ter verificado que muitos comunicadores estão atrapalhados, desconhecendo a maior parte das deficiências de caráter, conquanto aptos a estabelecerem os parâmetros evangélicos que lhes facultarão, em breve, superar os traumas existenciais.

Nós mesmos, tão argutos nesta demonstração de análise dos conteúdos, muitas vezes ficamos perplexos perante as manifestações, sem atinar convenientemente com as possíveis diretrizes que se definirão para o resgate. É o que esperamos que venha a ser o

próximo passo, nestes roteiros de amor, para que se configure o crescimento moral, no sentido da formação do socorrista.

Falando por mim, devo ressaltar, com o coração na mão, que não estou francamente satisfeito com o desenvolvimento do roteiro, pois esperava que fosse muito mais rápida e direta a assimilação dos recursos. Acreditava que se desse ênfase ao atendimento individual, uma vez caracterizada a dificuldade de postura evangélica de cada membro.

Sei que o programa inclui o conhecimento da patogênese das afecções perispirituais, bem como o estudo de cada fase do crescimento das moléstias e o resultado final das degenerescências, para a fixação exata do ponto em que se encontram os irmãos a serem atendidos. Daqui a importância do exame da situação das outras criaturas.

Todavia, tendo em vista a heterogeneidade dos seres que se apresentaram, julgo que o pessoal esteja um pouco perdido, no emaranhado dessas condições anômalas.

Era esse o meu sentimento, quando apresentei o rascunho desta peça ao instrutor. Amabilíssimo, explicou-me ponto por ponto por mim levantados, insistindo naqueles para cuja compreensão deveria aplicar-me mais. Não deixou nada obscuro e me pediu para conservar o escrito sem alteração, com o intuito de levar aos encarnados estranha manifestação de rebeldia, quando houve total liberdade de opinião e de perquirição durante as reuniões para a fixação do roteiro.

Sou, pois, obrigado a reconhecer, a contragosto, que me omiti, quando deveria ter participado mais ativamente. Calei-me e deixei-me envolver por crescente insatisfação, não participando ativamente das tarefas em conjunto.

Devo referir-me ao fato de que muitos colegas começaram a demonstrar demasiado respeito por alguém que se entretinha nos arquivos e na biblioteca, como se minhas atividades tivessem o cunho da superioridade. Envergonhei-me quando descobri que estava criando barreiras ao relacionamento, que deveria manter amistoso e alegre.

Chegou, de qualquer modo, o meu dia e tive de submeter-me ao crivo das interrogações da turma, para que pudessem entender as minhas razões, na tentativa de se aparelharem para o enfrentamento dos caturras e com a finalidade de me auxiliarem, caso necessitasse de esclarecimentos.

Foi momento inesquecível, pois senti o verdadeiro afeto que une os componentes do grupo, todos mutuamente amparando-se nas dificuldades evidenciadas e na pesquisa dos problemas que permanecem imersos no inconsciente. Mais do que simples aula de socorrismo, a sessão se transformou em terapia de amplo espectro espiritual, onde foram apontados desvios insuspeitados por mim e catalogadas as decisões que deveria tomar para as inadiáveis providências de tratamento.

Para encerrar, não posso deixar de mencionar o esforço que representou esta manifestação, não no sentido da exposição franca de todos os sentimentos e de todos os cuidados meus e dos companheiros, mas no da elaboração técnica, segundo o prisma determinado pelo roteiro. É que o roteiro é de amor, mas o mensageiro está despreparado para corresponder aos anseios dos professores e dos colegas.

Esse reconhecimento, entretanto, foi o ápice da mensagem, pelo que agradeço muito comovido pela oportunidade valiosa. Mais tarde, quando vier a me formar, irei reler o que escrevi e aí, com certeza, estremecerei de emoção, pois espero usufruir as benesses dos amigos e dos mentores, a ponto de vir a compreender e a sentir o amor, como supremo atributo da espiritualidade.

PRECE DE DESPEDIDA

Senhor, eis-nos perante vós, para agradecer as bênçãos que nos prodigalizastes durante este período sacrossanto de trabalho. Tivemos, Pai, o prazer de observar que as diretrizes dos mentores foram seguidas à risca e que todos os membros do Grupo dos Aspirantes do Evangelho alcançaram transmissões muito satisfatórias.

Gostaríamos, Senhor, que todos os leitores pudessem absorver os ensinamentos subjetivos inseridos nos textos, para o que vos pedimos que os ilumineis e alerteis para a necessidade do proceder moral superior.

Abençoi o médium e propiciai-lhe condições de trabalho cada vez mais próximas do ideal, enviando-lhe mensageiros mais lúcidos e melhor apetrechados para a utilização dos recursos do magnetismo espiritual.

Protegei a todos nós dos maus pensamentos e das más intenções, que somos imperfeitíssimos. Fazei que os benfeitores estejam sempre amparados por vossa sabedoria, para crescerem em conhecimentos, assimilando, um a um, os tópicos das leis universais.

Olhai pela humanidade sofredora, dando-lhe clarividência, para que perceba o que é bom, o que é justo e o que é verdadeiro, nesta caminhada ao vosso reino de amor.

Assim seja.

No ensejo, agradecemos a boa vontade de todos e rogamos compreensão para os defeitos gravíssimos que atestamos nas mensagens. Que se evidencie, para o espírito dos amigos, que estamos trafegando por estas moradas de dor, na tentativa do resgate dos débitos contraídos quando desafiamos, orgulhosamente, as diretrizes de Jesus, as quais não podíamos ignorar, pois nos dizíamos cristãos.

Talvez seja cediço frisar, esta altura, que há que se ter muita compenetração da responsabilidade pela preservação das virtudes evangélicas, em qualquer circunstância existencial, e que, aos encarnados, se atribui o dever de facilitar a aquisição desses mesmos bens por todos os irmãos.

Haverá revolução os usos e costumes? A sociedade precisará de novos moldes filosóficos, religiosos, culturais? A ciência deverá dar primazia ao enfoque da caridade, para a produção de bens gerais? As pessoas terão de mudar o caráter violento, apaziguando os ânimos?

Sabemos que estamos pedindo demais para simples leitores de obras mediúnicas. Mas que fazer, senão transformar os que têm boa vontade em lídimos guardiães das lições de Jesus e do *Espírito de Verdade*?

No mínimo, que as ações se pautem pelo rigor da caridade, humildemente reconhecendo que precisamos melhorar, para podermos fazer jus às promessas evolutivas.
Que as bênçãos de Deus alcancem a todos nós!
Fiquem em paz!